

Caderno de Resumos



CAHL

SOB AS LENTES DA PESQUISA

ABORDAGENS E RESULTADOS

CAHL
Centro de Artes,
Humanidades e Letras

UFBA
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

2023

Organização:

Albany Mendonça Silva
Ana Luísa de Castro Coimbra
Andréa Alice Rodrigues Silva

Daniela Abreu Matos
Letícia Borges Góes
Lys Maria Vinhaes Dantas

Diagramação & Identidade visual

Deborah Sales Gomes
Uanderson Flávio Nunes de Lima

CAHL SOB AS LENTES DA PESQUISA

Caderno de Resumos

Cachoeira, BA. 2024.

Comissão organizadora

Albany Mendonça Silva
Ana Luisa de Castro Coimbra
Andréa Alice Rodrigues Silva
Daniela Abreu Matos
Letícia Borges Góes
Lys Maria Vinhaes Dantas

Revisão:

Lys Maria Vinhaes Dantas

Editoração e Projeto Gráfico:

Deborah Sales Gomes
Uanderson F. Nunes de Lima



Coordenação Geral

Andréa Alice Rodrigues Silva

Coordenação adjunta

Albany Mendonça Silva

Comitê Científico

Albany Mendonça Silva
Priscila Miraz de Freitas
Daniela Abreu Matos
Sílvia de Oliveira Pereira
Wilson Rogério Penteadó Junior

Identidade Visual

Deborah Sales Gomes
Uanderson Flávio Nunes de Lima

Orientação Identidade Visual e Diagramação

Ana Luisa de Castro Coimbra

Divulgação em redes sociais

Carolina Silveira Santos
Joelson Silva de Matos
Juliet Cerqueira Saraiva Luft
Layne Victoria de Oliveira Freitas
Lucas Medeiros
Mariana Palmeira Barreto Soares

Pareceristas

Albany Mendonça Silva
Alene da Silva Lins
Ana Luisa de Castro Coimbra
André Bomfim dos Santos
Andréa Alice Rodrigues Silva
Daniela Abreu Matos
Doraliza Auxiliadora A. Monteiro
Dyane Brito Reis Santos
Heleni Duarte Dantas de Ávila
Jorge Luiz Cunha Cardoso Filho
José Raimundo Santos
Jucileide Nascimento
Leandro Antonio De Almeida
Lucas Santos Cerqueira
Lys Maria Vinhaes Dantas
Paulo Cesar Oliveira De Jesus
Priscila Miraz de Freitas
Rosenária Ferraz de Souza
Sergio Armando D. Guerra Filho
Sílvia Cristina Arantes de Souza
Sílvia de Oliveira Pereira
Wilson Rogério Penteadó Junior

Equipe Discente Organizadora

Ana Clara Primo Lima
Ana Cláudia Sena de Santana
Ana Luiza da Cruz Rodrigues
Andressa Carvalho
Beatriz Brito da Silva
Catarine Damasceno Queiroz
Elane Silva Santos
Evellin Souza Messias

Fernanda dos S. P. Nascimento
Gabriel da Horas Farias
Giovanni de Assis Aguiar
Gleise Conceição Almeida Mota
Heraclides Correia da Silva Filho
Iana Beatriz Aragão
Iasmin S. Costas dos Santos
Iuri nobre dos Santos
Jamilé Santana Fernandes
Jenifer Coelho da Silva
João Vitor do Nascimento Silva
Jocieme Matos Cazaes
Joilma de Jesus Silva
Josenilda Alves dos Santos
Kailane Gomes
Kaio Conceição Silva dos Santos
Kaique C. Silva dos Santos
Kelyana M. dos Santos de Jesus
Larissa Miranda de Oliveira
Layne Victoria de Oliveira Freitas
Leticia Borges Goes
Luana S. de Carvalho Sobrinho
Luana Santiago Santos
Maria Aparecida Sales Barbosa
Mariana Palmeira Barreto Soares
Olga Morgan Fortes
Raissa Dos Santos Almeida
Rayane M. S. Casais dos Santos
Rita Alessandra Scher Brito
Valéria Souza Leal
Victor H. dos Santos Conceição
Vívian K. A. da Silva dos Santos



Sumário

Apresentação	7
I. Permanência e Evasão no CAHL	9
A PERMANÊNCIA SIMBÓLICA E A PARTICIPAÇÃO DISCENTE NA ORGANIZAÇÃO DO REENCÔNCAVO	10
RUMOAFORMATURA__: Rede de social como ferramenta de divulgação científica e afiliação de estudantes retidos e formandos do CAHL - UFRB	19
PROJETO DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO NO CAHL: Diagnóstico e estudos sobre a permanência	29
A UNIVERSIDADE E A PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NO CAHL-UFRB	39
ENSINO DE LEITURA ACADÊMICA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO NO CAHL	49

IMPACTO DO “III CBAS” NA CATEGORIA E O OLHAR PARA A PERMANÊNCIA EM SERVIÇO SOCIAL	63
SEMINÁRIO PROPEDEÚTICO DE HISTÓRIA: políticas estudantis e extensão universitária	74
A PALAVRA LIVRO: a construção material da oralidade como técnica para (sobre)vivência acadêmica	84
II. Perfis da comunidade acadêmica do CAHL e suas trajetórias	95
DESEMPENHO ACADÊMICO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS NO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA: Há diferença?	96
O CASO DO PROJETO ACADÊMICO MUSEOLOGIA SOLTANDO O VERBO E AS REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS NO CAHL\UFRB	114
PROJETO UM NOVO UPDATE: A Autonomia e os interesses dos estudantes de comunicação da UFRB	124
III. Discussões sobre gênero, raça, classe e deficiência no CAHL	135
PERCORRENDO MARX: teoria e apontamentos à vista dos estudantes-trabalhadores de Serviço Social no CAHL	136
A ATUAÇÃO DO CASSMAF E O PROTAGONISMO DISCENTE NA I SEMANA DO SERVIÇO SOCIAL	146
ESTUDO DO PENSAMENTO DE PSICANALISTAS NEGRAS BRASILEIRAS: MATERIALIDADE, HISTORIOGRAFIA E AFROPESSIMISMO	155
AS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DA INFLUÊNCIA DO MERCADO NO CORPO FEMININO	167

IV. O CAHL e as Escolas de Ensino Médio	178
PESQUISA DE ESTÁGIO: Análise do desestímulo estudantil a partir do sucateamento da educação pública estadual	179
AFRICANIDADES: Desmistificação dos estereótipos	188
NARUTO VAI À ESCOLA: Uma experiência docente através do anime no ensino de história	197
JUVENTUDES SECUNDARISTAS E A UNIVERSIDADE: Acessar para permanecer e formar	210
JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: Entre dilemas e autonomia de estudantes do ensino médio	224
DINHEIRO NO BOLSO, SEM MISÉRIA E É NÓIS: A cena da rifa em cachoeira	234
V. CAHL e sua inserção no Recôncavo	244
ESTUDO DE PÚBLICO EM INSTITUIÇÕES MUSEAIS DO RECÔNCAVO	245
PUBLICIDADE SOCIAL: Da teoria à prática no caso Amigos do Rio Paraguaçu	254
A UNIVERSIDADE E O GRUPO DESCULT: Contribuições para além da comunidade acadêmica	264
Programação	275





Apresentação

*Andréa Alice Silva
Albany Mendonça
Lys Vinhaes*

O presente caderno reúne os resumos expandidos dos trabalhos apresentados no Seminário intitulado o CAHL sob as lentes da Pesquisa, realizado no período de 27 a 29 de setembro de 2023, no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL). Tal proposição emergiu a partir da articulação dos grupos de trabalhos e pesquisa do Centro, estimulada pelo seu Comitê de Enfrentamento à Evasão, com intuito de adensar as reflexões sobre as pesquisas e estudos desenvolvidos pela comunidade acadêmica no e sobre o CAHL.

Além de favorecer a iniciação e o fortalecimento científicos e oportunizar tempo-espço de trocas e de atuação inter e multidisciplinar, o Seminário buscou incentivar reflexões sobre a evasão e sobre, principalmente, a permanência qualificada no Centro. No final deste Caderno de Resumo, o leitor pode encontrar a programação do evento na íntegra.

A partir de ação que envolveu a graduação, pós-graduação e egressos, priorizou-se a mobilização para que houvesse a inscrição de trabalhos que versassem sobre a discussão relacionada à Universidade e suas relações internas e externas, considerando a realidade do CAHL. Para tanto, foram definidos cinco eixos: Permanência e Evasão no CAHL; Perfis da comunidade acadêmica e suas trajetórias; Discussões sobre gênero, raça, classe e deficiência no CAHL; o CAHL e as escolas de ensino médio; e o CAHL e sua inserção no Recôncavo.

Os trabalhos submetidos, a partir dos eixos, foram sistematizados pela comissão científica, que contou com o apoio de pareceristas temáticos. Na perspectiva de contribuir com o processo formativo, a comissão científica definiu como estratégia a possibilidade de reformulação dos resumos segundo as recomendações dos pareceristas, de modo a assegurar a aprendizagem discente. Do universo de 25 trabalhos enviados, 23 foram selecionados para apresentação e 9 indicados trabalhos para premiação.

Diante do exposto, nosso intento é disponibilizar para acesso os conteúdos dos resumos apresentados pelos pesquisadores docentes e discentes. Os trabalhos estão sistematizados por eixo de submissão. Assim, esperamos que esse caderno de resumo possa subsidiar a comunidade do CAHL a discutir criticamente sobre a problemática da permanência e quais as estratégias para seu enfrentamento.

Convidamos todos, todas e todes para se aventurarem a conhecer o CAHL sob as lentes da Pesquisa!!!

I.

**Permanência
e Evasão
no CAHL**

A PERMANÊNCIA SIMBÓLICA E A PARTICIPAÇÃO DISCENTE NA ORGANIZAÇÃO DO REENCÔNCAVO



10



*Evellin Souza Messias*¹
*Joelson Silva de Matos*¹
*Lucas Medeiros de Almeida*¹

Palavras-Chave:

Pertencimento; Afiliação acadêmica; Extensão

¹. Discentes do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública-CAHL/UFRB.



presente trabalho se ocupa em trazer uma percepção sobre a participação discente na universidade através do relato da experiência de estudantes que integraram a comissão organizadora discente do Reencôncavo CAHL/UFRB 2023. Além dos relatos desses discentes, este texto também se debruçou sobre o relatório desenvolvido pela comissão organizadora como um banco de dados de apoio às narrativas dos envolvidos nesse processo. O Reencôncavo – que aconteceu entre os dias 07, 08 e 09 de março de 2023 – teve como objetivo o acolhimento e integração da comunidade acadêmica do CAHL. Esse momento envolveu a atuação da Direção, dos docentes e do corpo técnico do Centro de Artes, Humanidades e Letras no seu planejamento e execução. Também contou com o apoio de trinta e dois estudantes oriundos de cursos distintos da Instituição que desempenharam a função de monitoria.

Sendo uma das macroestratégias voltadas para o combate à evasão do CAHL, o Reencôncavo parte também da questão do gerar pertencimento via acolhimento da sua comunidade. De acordo com Lestinge, 2004, o pertencimento:

[...] pode nos remeter a, pelo menos, duas possibilidades: uma vinculada ao sentimento por um espaço territorial, ligada, portanto, a uma realidade política, étnica, social e econômica, também conhecida como enraizamento; e outra, compreendida a partir do sentimento de inserção do sujeito sentir-se integrado a um todo maior, numa dimensão não apenas concreta, mas também abstrata

e subjetiva. (Lestinge, 2004, p. 40)

Partindo da visão de Lestinge, o evento proporcionou aos participantes um misto de sentimentos, incluindo o de pertencimento, como pode-se observar no relato de uma das integrantes da comissão organizadora discente:

Participar do Reencôncavo foi, em si, uma experiência que marcou de forma positiva a minha caminhada acadêmica. Quando eu cheguei na universidade, sempre tive a síndrome da impostora: “esse lugar não é pra mim, não quero ficar”. Digo isso, no sentido mais triste da frase. Mas, quando fiz parte da monitoria do Reencôncavo, eu conheci pessoas, direcionei pessoas e resolvi muitas coisas por conta própria, por um momento, saí daquela hierarquia entre aluno x professor, e senti a sensação de pertencimento e de “utilidade”! Ouvir a nossa magnífica reitora Gina dizer que eu sou a cara da universidade e que nós somos parecidas teve, pra mim, um peso muito grande, e pela primeira vez eu senti que a universidade é pra mim e que é o meu lugar. (Relato de uma integrante da comissão organizadora discente)

A atuação dos estudantes nesse processo foi um estímulo à sua independência na lida da organização de eventos na prática e nas habilidades adquiridas ao longo desse processo, que prepara para além da universidade. Essa iniciativa de propiciar autonomia dos estudantes contribuiu para reafirmar a permanência simbólica, não só nos estudantes envolvidos na organização, como também nas pessoas que prestigiaram o evento.



Em relatos feitos por outros componentes da comissão organizadora discente, é possível perceber a essência do evento:

O Reencôncavo foi um momento de fundamental importância para a minha caminhada acadêmica. Apesar de já ter participado de monitoria em outros eventos, nesse, foi uma experiência com muitas sensações de acolhimento, aproximação e companheirismo tanto por parte dos estudantes, quanto pelo envolvimento dos professores e técnicos da organização e realização. Foram momentos de troca e criação de laços, que carrego até hoje, com pessoas de outros cursos que no dia a dia eu não tinha qualquer tipo de contato. Foi um evento muito marcante para mim, principalmente por presenciar o envolvimento e a empolgação das pessoas ao participar das mesas e oficinas. Espero vivê-lo mais vezes. (Estudante A, 2023)

A minha participação no Reencôncavo me trouxe a possibilidade de ampliar meu modo de ver as pessoas, muitas vezes eu tive e tenho dificuldade de me comunicar. Logo nas primeiras atividades que ocorreram tive um pouco de receio, até porque pra mim era tudo novo, como estudante do segundo semestre e novato nessa vida acadêmica, me vi perdido, mas fui acolhido de uma forma muito atenciosa. Nos três dias em que ocorreu o evento eu conheci bastante gente, muitas pessoas simpáticas, alegres e que vivem a universidade de uma forma inacreditável, vi a força de vontade de vários monitores pra que tudo desse certo, não vou mentir, tiveram momentos que foi muito cansativo, mas nada que atrapalhas-

se o meu desempenho no evento. Foi nesse momento que eu tive a certeza que eu faço parte dessa academia tão complexa e que não estou sozinho. Só tenho a agradecer e espero fazer parte de outros Reencôncavos que virão. (Estudante B, 2023)

O Reencôncavo 2023 foi catalisador de todos os sentimentos que me acompanharam nos últimos anos, principalmente dos eventos pessoais mais recentes que o antecederam, como uma mudança de carreira, de cidade, de rotina de estudo, de turno e por aí vai. Esses quatro dias de correrias intensas, de trocas de saberes, de risadas, pequenos sustos, foram fundamentais para a criação de vínculos para além do convívio em sala de aula. Colocou coisas nos eixos, realinou outras e apresentou novas perspectivas e percepções sobre o estar na universidade e o viver a universidade. (Estudante C, 2023)

Como disse Perrenoud (1984) apud Santos (2009), os códigos da cultura acadêmica são difusos e estão implicados na prática, na interação, no objeto e nos mais insignificantes aspectos da vida social. Deste modo, para o estudante viver a universidade de forma plena, ele precisa participar de todas as atividades, interagir em todos os momentos, a fim de adquirir estes códigos para então pertencer. Não acessar esses códigos se configura no sentimento de exclusão, inadaptação e discriminação e afeta principalmente os recém ingressos na universidade, perpetuando o distanciamento da comunidade interna que não se vê pertencente a esse lugar e afastando ainda mais as pessoas do entorno que acham que a universidade não é para elas.



O evento contou com atividades totalmente presenciais, cuja palestra de abertura teve a presença do até então Reitor Fábio Josué, com transmissão pela TV UFRB. Foi registrado o total de 519 inscritos, um número bastante expressivo para um evento pós pandemia. Foi passado um questionário do Google Forms – linkado ao check-in da lista de presença via QR Code – no último dia do evento (09/03), com a finalidade de obter feedback das atividades que foram desenvolvidas. O questionário trouxe também a opinião do público participante que apontou sugestões de conteúdos que contemplassem as diversas expressões presentes no CAHL e que foram afluídas durante o Reencôncavo, como mostram as contribuições a seguir:

Gostaria de ver mais eventos como esse fora do CAHL, em outros lugares da cidade, afinal é uma atividade de extensão. (Estudante D, 2023)

Que seja mais ampla a divulgação do evento, para que as pessoas que ainda não estão na universidade criem interesse e possam se sentir acolhidas por todos. (Estudante E, 2023)

Criar uma oportunidade para que pessoas de fora da universidade consigam ter acesso a essas palestras no intuito das mesmas se interessarem a ingressar na UFRB (Estudante F, 2023)

Estes comentários evidenciam a importância do sentimento de pertencimento não só dentro da universidade, como para além dela. Prova disso é que as pessoas que expressaram suas emoções provocadas

pelo evento já se veem como pertencentes e projetam a expansão desses sentimentos para outras esferas da sociedade, elevando o nível de integração e troca.

O envolvimento dos estudantes nas atividades desenvolvidas pela Instituição, somado à participação ativa nos Centros e Diretórios Acadêmicos são meios de assegurar que aqueles que tenham algum tipo de insegurança sintam-se acolhidos e tenham certeza de que a universidade é um lugar de direito em que todos podem e devem produzir conhecimento da forma mais dinâmica e acessível possível. O ambiente acadêmico pode proporcionar aos egressos, veteranos, calouros e comunidade externa, um momento de descontração, troca de saberes e, além disso, formar profissionais capacitados em diferentes esferas de conhecimento.

Isto posto, a iniciativa das instituições em promover eventos voltados para interação entre a comunidade acadêmica reflete o cuidado desde a sua oferta diversa em conteúdos e na distribuição dinâmica dos horários de maneira a resguardar a todos os estudantes, principalmente aqueles que trabalham – pois, em muitos casos, este é o único meio de se manter na universidade, o que afeta diretamente a questão da permanência simbólica – e não conseguem estar nos eventos que normalmente acontecem durante o dia. Logo, é importante o olhar da universidade de forma equitativa e mais humanizada para oferecer atividades que possam visar a participação de todos.

Uma boa política implementada pelas universidades são as políticas de combate à evasão e retenção que desempenham o papel de reafirmar a importância



da permanência simbólica. Essas ações têm contribuído no enfrentamento à evasão em grandes centros universitários e foi nesse sentido que o Reencôncavo buscou (e teve grande êxito) em envolver a nós, comunidade acadêmica, que porventura estivéssemos desconectados. A permanência simbólica é o sentir-se parte da universidade como ela sendo uma extensão do que nós somos. E, ao nos sentirmos confortáveis em estar nesse espaço, somos provocados a participar cada vez mais. Quanto mais participamos mais somos instigados a fazer da universidade um espaço acolhedor para os que já estão nela e os que pretendem adentrá-la.

Referências

CAHL. Comissão de Avaliação. Reencôncavo_C AHL 2023 relatório e avaliação. UFRB. <https://www.ufrb.edu.br/cahl/politica-de-enfrentamento-a-evasao/43-uncategorised/2497-4-reenconcavo>. Acesso em 25 de out. 2023.

LESTINGE, Sandra Regina. **Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento**. Biblioteca Digital - USP, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-03022005-155740/publico/sandra.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. Repositório Institucional da UFBA, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11778>. Acesso em: 09 ago. 2023.



RUMOAFORMATURA_: **Rede de social como** **ferramenta de divulga-** **ção científica e afiliação** **de estudantes retidos** **e formandos do** **CAHL - UFRB**

Carolina Silveira Santos²

Juliet Cerqueira Saraiva Luft³

Tailane de Oliveira do Amor Divino⁴

Palavras-Chave:

TICs; Permanência; Extensão universitária.

². Discente do Curso de Comunicação Social - Jornalismo/CAHL- UFRB.

³. Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais/CAHL-UFRB. Bacharela em Ciências Sociais.

⁴. Discente do Curso de Design de Moda/ Faculdade Pitágoras.



O perfil do Instagram criado para a divulgação de ações do Projeto de Extensão #Rumo à formatura (PA754-2022), um projeto voltado para o cumprimento da Meta 10 da Política de Enfrentamento à Evasão do CAHL - UFRB, tem como principal objetivo ser um canal de disseminação das ações do próprio projeto, com vistas a promover o engajamento e afiliação entre os estudantes do Centro, em especial aqueles que estão retidos e/ou em processo de conclusão do curso.

Diante do avanço de tecnologias e do crescimento das redes sociais, o Instagram se torna uma ferramenta potente de disseminação de informações, formação de redes de relações e interação entre as pessoas. Por esta razão, criamos o perfil @rumoaformatura__: para aproximar esses estudantes dos trâmites, caminhos e mecanismos para atingirem a tão sonhada formatura. Via perfil indicamos quais são os caminhos necessários para a formação, indo desde publicações sobre informações básicas, a exemplo dos mecanismos de leitura e escrita acadêmicas, das inúmeras possibilidades de eventos e cursos (o que significa aquisição de carga horária de atividades curriculares complementares - ACC), ao passo a passo para reunir a documentação para entrada no processo de confecção de diploma, até a divulgação de oficinas promovidas no âmbito do Projeto e registros de ações já realizadas. É desta maneira que esperamos que o perfil do Instagram contribua para o fortalecimento dos esforços institucionais de combate à alta taxa de evasão do Centro, em especial

da evasão dos concluintes.

Nossa participação na equipe discente no #Rumo à Formatura também é uma estratégia para nossa filiação e permanência qualificada no CAHL. Nesse sentido, este resumo apresenta o relato da experiência de criar e manter o perfil do Insta e de participar do #Rumo à Formatura.

Estruturamos o perfil no Instagram como uma ferramenta que esteja mais próxima do estudante, pensando em uma linguagem descontraída, uma “pegada jovem”, por assim dizer. A ideia da marca era construir algo que remetesse diretamente à formatura. Por conta disto, definimos as cores da paleta do Insta e o capelo como modelo de identidade visual, além do nome: Rumo à Formatura. Queríamos algo clean e de fácil entendimento. Uma vez definidos: o objetivo do uso e a identidade visual do perfil, atuamos de maneira multidisciplinar em equipe formada pelos discentes do CAHL dos cursos Comunicação, Licenciatura em Ciências Sociais, Gestão Pública, Artes Visuais, além de uma estudante externa a UFRB que faz Marketing e Design de Moda. Além disso, contamos com o apoio mais pontual de outros estudantes e passamos a desenvolver mecanismos de postagens: cards, dicas, reels, fotos e stories que fomentem o engajamento e interação dos seguidores. Nossa participação na equipe discente no #Rumo à Formatura também é uma estratégia para nossa filiação e permanência qualificada no CAHL. Nesse sentido, este resumo apresenta o relato da experiência de criar e manter o perfil do Insta e de participar do #Rumo à Formatura.

No escopo do #Rumo à Formatura, no primeiro semestre de 2023, foram realizadas as oficinas de Currículo (durante o Reencôncavo CAHL 2023, dia 08 de março), Estratégias de Leitura Acadêmica (entre 24 de março a 05 de maio de 2023) e de Orientações ABNT (maio de 2023). As duas últimas receberam divulgação pesada através de cards e postagens sobre todas as etapas das oficinas. A cada novo encontro postamos fotos feitas pelos integrantes da comissão no feed, além de stories de making off, e reels sobre o que produzimos. Para aprimorar os materiais, houve divisão de tarefas, de modo que uma discente fica responsável pelo layout dos posts, enquanto outra responde pelo Marketing de intenção e todos produzem conteúdo.

Além disso, participamos da cobertura da Colação de Grau Unificada do CAHL – UFRB 2022.2, no dia 18/08/23. Contribuímos junto à Secretaria da Diretoria do Centro visando a tornar o momento mais afetivo para os formandos e seus familiares, com vídeos dos formandos, músicas e registros fotográficos. Dividimos as tarefas entre os respectivos integrantes do Rumo,

no intuito de conseguir entregar um evento organizado e de qualidade, sem esquecer as nossas próprias questões. Somos primeiramente estudantes e, por conta disso, acreditamos que podemos nos aproximar mais dos colegas, dos técnicos e dos professores, promovendo assim o fortalecimento e a elasticidade das redes de relações. Atuamos como mediadores neste processo de afiliação, descomplicando as relações entre os diversos âmbitos da instituição.

O Centro de Artes, Humanidades e Letras é co-



22



nhecido e aplaudido por sua diversidade. Obviamente temos problemas, assim como todos os demais centros da UFRB, mas, no CAHL, somos caracterizados pela nossa capacidade de engajamento. Desta forma, um dos papéis que desempenhamos foi promover a disseminação das informações sobre a formatura, sobre os trâmites legais que todos os formandos passariam e, principalmente, entregar uma cerimônia afetiva.

Fazer este trabalho nos rendeu momentos de extrema felicidade, pois vimos ali estudantes que venceram as adversidades e chegaram ao último estágio do tão sonhado diploma. As fotos da equipe do Rumo mostram como este é um momento simbólico carregado de importância para estudantes, seus familiares, professores, técnicos e a direção. A presença da Magnífica Reitora - primeira reitora negra da UFRB – Profa. Dra. Georgina Gonçalves, que é professora do nosso Centro, só abrilhantou ainda mais a cerimônia, pois precisamos nos ver nestes espaços, nos refletir nestas e nestes que nos são apresentados como exemplos em forma de professores.

Cada atividade do #Rumo à Formatura recebeu uma campanha de divulgação. As métricas utilizadas para o acompanhamento de cada uma delas foram identificadas de modo a levantar pontos negativos e positivos da campanha, mensurando o nível de alcance e envolvimento do público. Desta maneira, foi possível entender quais estratégias foram melhor introduzidas e aceitas pelos estudantes, visando progressivamente um número maior no alcance, engajamento, captação de seguidores e conseqüentemente aumento na disse-

minação da informação.

Começamos com o projeto em março de 2023 e, atualmente, temos 516 seguidores ativos e seguimos 261 pessoas. Nos últimos 30 dias, a conta alcançou 2.637 pessoas, um aumento de mais de 606% em comparação aos meses anteriores, com stories que chegaram a ter 173 reações em vinte e quatro horas. O post com a diretora Dyane Brito teve o maior alcance de todos, chegando a 1.517 contas.

As postagens no feed são mantidas para que a memória seja preservada, e os stories são guardados nos destaques e lembrados pelo TBT (Throwback thursday, postagens antigas que são postadas em dias de quinta-feira para serem lembradas).

Para dar identidade ao perfil, surgiu a ideia do “Esquadrão Rumo à Formatura”, que foi idealizado inspirado nos quadrinhos, os “heróis e heroínas” que podem resolver, e dar aquela ajudinha quando mais os estudantes precisam: a hora de concluir o curso. As cores e o layout são todos uma referência ao mundo geek dos quadrinhos em uma tentativa de aproximar ainda mais os estudantes para o Instagram, os posts e eventos promovidos. As nossas postagens seguem o mesmo padrão, com a paleta de cores definidas, o que muda são as formas de dispor os “cards”, isso só ocorre entre a divulgação de uma oficina para a outra.

É indubitável que as postagens com os maiores engajamentos são registros fotográficos das pessoas, que proporcionam uma sensação de aconchego, pois as pessoas se sentem representadas pelas imagens.



Nessa perspectiva, exploramos sempre utilizar as fotos tanto das oficinas quanto de eventos em que participamos para divulgar projetos futuros. A partir desses resultados, desenvolvemos o “Desenrolaê em 30 segundos” e o “Você sabia?” em formato de vídeo, para ter uma maior aproximação com os estudantes.

Já os cards informativos não têm engajamento como as postagens com foto, mas eles são mantidos porque os consideramos importantes, já que fornecem dicas interessantes, principalmente para a escrita do TCC.

Estratégias de divulgação no perfil @rumoaformatura_

Desenrolaê em 30 segundos

O Desenrolaê em 30 segundos é um projeto que visa trazer conhecimento para os estudantes por meio de perguntas feitas para professores, servidores da UFRB e alguns discentes do CAHL e que devem ser respondidas em 30 segundos. A “sacada” dos vídeos é disponibilizar uma informação necessária, no mínimo tempo possível. As perguntas são sempre ligadas ao que é indispensável aos estudantes que estão neste processo de finalização de curso.

A ideia de serem respostas em 30 segundos surge porque observamos atualmente uma preferência por vídeos muito curtos, já que eles geram mais engajamento e é mais fácil para os jovens fixarem a atenção. “Você sabia?”

Os vídeos do “Você sabia?” são curtos, de no má-

ximo 1 minuto, por meio dos quais os discentes do Esquadrão transmitem aos estudantes informações que a maioria desconhece e que contribuem para a afiliação institucional. As dúvidas são previamente identificadas junto aos estudantes e se voltam para a estrutura física da Instituição, equipamentos disponibilizados aos estudantes para empréstimos e os procedimentos para obtê-los, processos de inscrição e geração de certificados de participação em eventos, acerca do acervo, entre outros. Pensados para serem publicados nos stories, os vídeos ficarão para futuras pesquisas dos interessados nos destaques do Insta.

Cards informativos

Nos cards que publicamos visamos sempre dar dicas de passos para que os estudantes esquematizem seus estudos, sejam capazes de fazer a leitura sistemática dos textos que embasarão suas pesquisas, de modo a que possam contribuir de alguma maneira para a defesa do TCC e para aquisição de carga horária de ACC.

Um relato sobre nossa experiência

Participar do Rumo à Formatura tem sido muito importante para fortalecer o nosso sentido de pertencimento ao CAHL e à Educação Superior. Nos depoimentos a seguir, cada um de nós aponta de que forma essa participação nos tem afetado.

Participar da cobertura da formatura foi um momento mágico, ver o brilho nos olhos de cada formando e dos seus familiares fez todo o trabalho desenvolvido pela comissão do Rumo à Formatura fazer sentido, toda



tensão existente com o medo de que algo desse errado evaporou, e deu para entender ali a importância desse projeto para os estudantes, que na verdade vai muito além de combater a evasão em si. Através dele, os universitários acabam sanando dúvidas, entendendo alguns assuntos complexos e se aproximando do meio acadêmico, da universidade. Considero o projeto como uma luz no fim do túnel para quem está perdido. (Estudante de Marketing e Moda)

Coordenar a equipe do #Rumoaformatura na Colação de Grau Unificada; ministrar as oficinas, e estar no trato direto com os estudantes que solicitam auxílio com certeza está sendo uma experiência valorosa e enriquecedora. Podemos, através destas vivências, trocar conhecimentos e fomentar o fortalecimento de redes de relações entre os cursos e os estudantes. cremos que, com a interdisciplinaridade dos integrantes do Esquadrão Rumo à Formatura, podemos acessar todos os estudantes do CAHL, uma vez que estamos nas salas cotidianamente e podemos divulgar as ações do projeto tanto na rede social, como ao vivo. Acredito que os estudantes que estão em processo de construção de Trabalho de Conclusão de Curso, bem como os retidos, necessitam deste apoio do projeto para não se sentirem sozinhos neste momento que é considerado o mais complicado. E através de relatos podemos perceber que a escrita, que deve ser um momento reflexivo e solitário, pode ser também um momento de partilha quando se tem oficinas para partilharmos as pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelos estudantes. Percebemos através das métricas do Instagram que os estudantes

estão cada vez mais interagindo e participando dos posts, acreditamos que esta rede social seja uma ferramenta potente para o combate à evasão. (Estudante Licenciatura em Ciências Sociais)

Fazer parte do Rumo à Formatura é participar de uma troca de conhecimentos e vivências muito satisfatória, o que vem sendo uma experiência gratificante para mim. Eu aprendo muito sobre a universidade graças ao projeto, e escutar e acolher os relatos dos estudantes para poder ajudá-los é muito bom. A Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica foi muito importante para mim, pois me aproximou da universidade e me ensinou coisas que eu não sabia sobre o TCC, as ACC e as dificuldades de leitura acadêmica enfrentadas pelos universitários. Além disso, a Colação de Grau Unificada foi um momento marcante para mim, pois o projeto tornou o ato administrativo mais afetivo e aconchegante, e foi extraordinário fazer parte disso.” (Estudante de Jornalismo)

O projeto de extensão #Rumo à Formatura contribui não só com os estudantes formandos e retidos do CAHL - UFRB, mas possibilita também aos seus integrantes uma vivência da universidade de maneira plena, voltada para a formação de redes de afeto. Avante!



PROJETO DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO NO CAHL: diag- nóstico e estudos sobre a permanência



*Albany Mendonça Silva*⁵
*Andrea Alice Rodrigues Silva*⁵
*Andressa Carvalho*⁶
*Letícia Borges Góes*⁶
*Rita Alessandra Scher Brito*⁶

Palavras-Chave:

Enfrentamento à evasão; Permanência; Vida estudantil.

⁵. Docente do curso de Bacharelado em Serviço Social/ CAHL-UFRB.

⁶. Discente do curso de bacharelado em Serviço Social/CAHL- UFRB.

 estudo proposto faz parte das ações da Política de Enfrentamento à Evasão (PEE-V-CAHL) do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), para o período de 2022 a 2023, que prevê a realização de ações que buscam reduzir os índices de evasão no Centro. Dentre as atividades previstas, destacam-se o “Um estudo sobre a situação da evasão e das dificuldades de cada curso de graduação do CAHL”, a partir da realização de um “Diagnóstico da situação de evasão e dificuldades de cada curso”, que tem como propósito promover ações formativas com os coordenadores e discentes na direção de problematizar as questões que perpassam a permanência estudantil no meio acadêmico, com vista a redução dos índices de evasão e retenção dos discentes nos cursos de graduação no CAHL.

Dessa forma, objetiva-se a apresentar o desenvolvimento das pesquisas mencionadas e exibir algumas reflexões acerca da permanência estudantil, tema amplamente discutido na realização de tal projeto, visto que a equipe executora participa também um grupo de estudos que tange discutir questões relacionadas à universidade, à formação profissional e à permanência universitária. Assim, tal resumo é fruto e confluência de diversos espaços e ações que privilegiam o debate sobre a evasão e permanência estudantil.

Diante da necessidade de adensar as reflexões sobre a permanência nos cursos de graduação, optou-se pela adoção da metodologia pesquisa-ação (THIOLLEEN, 2009), a qual prevê que a equipe parti-



cipe ativamente de todo o processo de construção de um diagnóstico participativo com os coordenadores de colegiado sobre a situação da evasão e dificuldades nos cursos de graduação do CAHL. Para tanto considera-se que esse diagnóstico, atualmente em fase de aplicação, possa objetivar um levantamento dos dados mais significativos em torno da questão da evasão, retenção e permanência estudantil nos cursos do Centro. A participação dos colegiados é dessa forma elemento substancial para realização de tal diagnóstico, sendo o mesmo apresentado previamente pela equipe em reunião com os coordenadores para o acolhimento de dúvidas, sugestões e/ou outras demandas que poderiam ser manifestadas.

Em termos de resultados, cabe salientar que o projeto se encontra na fase inicial de elaboração do diagnóstico sobre a situação da evasão e das dificuldades em cada curso de graduação do CAHL, diagnóstico esse que configura a meta primordial do projeto e baseia-se sobretudo na própria PEEV-CAHL. Para tanto, considera-se que o diagnóstico possa servir também como meio para apurar o conhecimento e relação entre tal política, seus princípios, ações/metastratégias, e os colegiados. No tocante aos dados relativos à situação de evasão dos discentes, registrou-se que houve um crescimento do abandono de discentes nos cursos. Diante disso, a primeira seção do diagnóstico busca perscrutar acerca da quantidade de discentes ativos no curso, assim como a quantidade de discentes pendentes de matrícula; averigua-se também o percentual de evasão de cada curso, sendo que os colegiados devem

expressar se ele é considerado baixo (menor que 5%), médio (entre 5 e 10%) e alto (maior que 10%). Quanto à questão das ações dos colegiados, em fase de construção, nota-se, com base na reunião realizada com os mesmos, que há uma preocupação com os referidos índices de evasão e retenção.

Já na segunda seção deste diagnóstico, investiga-se o conhecimento dos colegiados sobre a PEEV - CAHL, e como as estratégias lá expressas são acolhidas e desenvolvidas pelos coordenadores. Indaga-se assim se há e de que forma acontece a identificação das disciplinas que os discentes têm maior índice de retenção; qual a forma de inclusão das disciplinas no edital de monitoria, se é de forma espontânea ou por meio da identificação de disciplinas gargalo; se os planos de ensino são discutidos coletivamente em reunião de colegiado, e com qual intuito é realizada essa discussão. Inclui se também neste esquadrinhamento questões sobre adoção de estratégias para evitar a sobrecarga de atividades semanais dos discentes; a identificação de pontos críticos que possam gerar reprovação e/ou trancamento; a discussão coletiva sobre instrumentais de avaliação como ENADE, Relatórios de Avaliação da CPA, Relatórios Anuais de Gestão da UFRB, entre outros; a realização de ações de orientação ativa das categorias discentes como calouros, ingressantes de vagas remanescentes, portadores de diploma, estudantes em mobilidade acadêmica, etc.

Questionou-se também se existe alguma forma (e quais são) de identificação/acompanhamento de estudantes trabalhadores e/ou de estudantes pais/mães



de crianças pequenas. O diagnóstico aprofunda-se ao perguntar se o colegiado promove rodas de conversas sobre permanência ou ações/espços de acolhimento, e quais são esses espaços; se existe discussão sobre os métodos avaliativos das disciplinas do curso e se existe a realização de um mapeamento da "Rede de Apoio ao Universitário" (Rede social assistencial CRAS/CREAS, Unidades de saúde, Instituições de segurança, dentre outros).

Pontuamos, novamente, que as perguntas formuladas neste diagnóstico se baseiam nas principais ações para o enfrentamento da evasão de acordo com a PEEV-CAHL para o período 2022 – 2023, disponível no site⁷ da Instituição. Essa aproximação inicial com os colegiados demonstra os desafios e as dificuldades para materialização das questões de enfrentamento da evasão, suscitando que há fragilidades neste processo, daí a necessidade de aprofundar o estudo acerca do assunto.

De forma a adensar nosso diagnóstico, sua terceira e última seção lança aos coordenadores de colegiado perguntas abertas acerca das suas percepções sobre a identificação das ações de enfrentamento à evasão adotadas; as prioridades gerais na organização do planejamento acadêmico dos cursos; o critério de alocação dos/as professores para o pacote de calouros; a frequência e quais as atividades realizadas pelo colegiado envolvendo egressos; se há e quais são os espaços de interação e trocas entre colegiado e TAE

⁷. <https://ufrb.edu.br/cahl/politica-de-enfrentamento-a-evasao>

(Servidor técnico-administrativo em educação); quais os principais problemas que levam à retenção e evasão dos discentes no componente TCC; quais as iniciativas dos docentes (projetos, eventos, etc.) que discutem a permanência e visam o enfrentamento à evasão estudantil; e como avaliam as ações do colegiado para promover a permanência estudantil, quer seja material ou simbólica.

Diante do exposto espera-se realizar uma análise dos dados que orientem as futuras ações da política de enfrentamento à evasão e a concretização das metas deste projeto: redução de 20% dos índices de reprovação em componentes curriculares e de evasão dos cursos mais afetados e a produção de um relatório a ser apresentado à Direção do CAHL, com ações e os dados construídos que colaborem para a permanência e sucesso acadêmico de discentes no ensino superior. Para isso, a pesquisa com os colegiados é apenas uma das etapas, espera-se que depois dessa primeira fase concluída, realizemos oficinas e reuniões com os colegiados para enriquecimento do diagnóstico, assim como grupos focais com os docentes, discentes e técnicos do CAHL para espessamento da pesquisa.

Uma das ações e espaços que tem contribuído para o pensamento, desenvolvimento e acúmulo teórico deste projeto é o grupo de estudos Universidade, Formação Profissional e Permanência Universitária, idealizado pelo grupo de pesquisa “Trabalho, Formação Profissional e Serviço Social”, ambas propostas da UFRB - CAHL. O grupo de estudos tem assim colaborado para um aprofundamento da história da universi-



dade no Brasil, apresentando referências também para a discussão das questões relacionadas à permanência simbólica e material dos estudantes, principalmente aqueles provenientes das políticas de ação afirmativa, assim como apresentou e debateu os desafios contemporâneos que as contrarreformas neoliberais desenvolvidas no último governo, principalmente no período da pandemia da COVID 19, suscitaram.

Essas reflexões são essenciais para compreender as dificuldades reais de permanência e, conseqüentemente, os problemas de evasão no contexto universitária marcado pelo processo de sucateamento e contingenciamento financeiro, aliado ao processo de desmonte do setor público, que reforça a tendência de continuidade das marcas de um ensino elitista e excludente (MENDONÇA, 2000).

Abordando aspectos relacionados à permanência estudantil, simbólica e material, o grupo dialogou sobre a precariedade das políticas públicas que pautam a permanência material dos estudantes cotistas, como a (in)existência de programas de bolsa/auxílio, de restaurantes universitários e residências estudantis. Assim, muitos são os estudantes que buscam conciliar trabalho e estudos, no entanto, os depoimentos alertam que essa tentativa de conciliação afeta a participação dos estudantes na vivência universitária, impedindo os mesmos de vivenciarem o tripé ensino, pesquisa e extensão. Estágios, monitorias ou a inserção em programas de iniciação científica possibilitam o financiamento dos estudos, enriquecendo o currículo acadêmico e o acesso a outros recursos materiais. No entanto, o que

se observa é que esta não é a realidade da maioria dos estudantes provenientes da política de ação afirmativa, que desempenham atividades de trabalho distantes da sua área de estudos.

O diálogo sobre permanência material se dá pela discussão das condições financeiras dos estudantes, já a permanência simbólica abrange o sentimento de pertencimento e apropriação do ambiente universitário (SANTOS, 2009). O imaginário social sobre o modelo de estudante universitário é o de jovens homens brancos, provenientes de escolas privadas e moradores da zona urbana. Para estes, existe uma facilidade em se apropriar da cultura universitária e de compreender aquele lugar como natural. Para os que divergem desse padrão, estudantes negros e provenientes da classe popular, ocorre um processo de estranhamento frente ao ambiente universitário. Assim, a permanência simbólica perpassa justamente pelo enfrentamento dos estigmas e das discriminações, e pelo fortalecimento da ideia de diversidade, inclusão e democracia na universidade.

Tratando dos atuais desafios enfrentados em relação à permanência universitária, o grupo refletiu sobre a ascensão do pensamento político autoritário; a contrarreforma da educação resultou principalmente na elevação do percentual do ensino a distância e no congelamento dos investimentos em políticas públicas, corte de verbas e terceirização de atividades (FARAGE, 2021). Visto a contrarreforma trabalhista e da previdência, a prioridade do capital frente a vida dos trabalhadores ficou ainda mais evidente: a COVID-19 foi



tratada como “uma gripezinha” e a garantia do isolamento social foi uma luta. Assim, e de forma autoritária, o Ensino Remoto Emergencial foi implementado como uma estratégia de “naturalização” da educação mediada pela tecnologia sem um verdadeiro diálogo com as comunidades acadêmicas. A tentativa de um “novo normal” se deu pela ausência de diagnósticos sobre a realidade objetiva e subjetiva de docentes e discentes; falta de suporte em relação ao acesso à tecnologia necessária; esvaziamento do processo de ensino-aprendizagem, impondo um fim nos limites entre o espaço público e o privado, uma vez que as casas se tornam as “salas de aula”, intensificando o trabalho por meio de longos períodos de acesso aos meios tecnológicos que acabam por gerar e/ou intensificar o adoecimento docente e discente.

Todas essas ações e reflexões, suscitadas pelo grupo de pesquisa e de estudos citados, colaboram para o desenvolvimento da PEEV-CAHL, possibilitando a construção de um diagnóstico completo da situação de evasão e dificuldades nos cursos do Centro, visto que pautam o exame de temáticas que influem diretamente na questão, proporcionando a compreensão dos debates que perpassam a permanência estudantil.

Referências

GANAM, E. A. S., PINEZI, A. K. M. Desafios da permanência estudantil universitária: um estudo sobre a trajetória de estudantes atendidos por programas de assistência estudantil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, n. 37. p. 1-18. 2021.

FARAGE, Eblin. **Educação superior em tempos de retrocessos e os impactos na formação profissional do Serviço Social**. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n.140.p.48-65, 2021.

MENDONÇA, A.; W. P. C. A universidade no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n.14, p. 131-150, mai/jun/jul/ago. 2000.

Política de Enfrentamento à Evasão do CAHL 2022–2023. UFRB, 2022. Disponível em:<<https://www.ufrb.edu.br/cahl/politica-de-enfrentamento-a-evasao>>. Acesso em: 22 de maio de 2023.

SANTOS, D. R. B. **Para além das cotas**: A permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa. 2000. 214. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2009.



A UNIVERSIDADE E A PERMANÊNCIA ESTUDANTIL NO CAHL - UFRB

Albany Mendonça Silva⁸
Andrea Alice Rodrigues Silva⁸
Andressa Carvalho⁹
Gabriel De Souza Pedreira⁹
Milena Dos Santos Silva⁹

Palavras-Chave:

Universidade; Perfil universitário; Permanência estudantil.

⁸. Docente do curso de Bacharelado em Serviço Social/CAHL-UFRB.

⁹. Discente do curso de bacharelado em Serviço Social/CAHL- UFRB.

O processo de democratização do ensino coloca em questão a dominância da elite sobre o mesmo, pois, ao possibilitar a ampliação do acesso da classe trabalhadora, acirra as constantes disputas políticas entre o público x privado na aquisição dos financiamentos e se coloca a discussão da permanência estudantil como possibilidade de materialização do acesso das classes populares. Nesse sentido, é perceptível que o acesso dos estudantes não é suficiente para se manter na graduação, pois, se torna algo difícil conciliar os estudos com suas necessidades básicas. Nessa perspectiva, é necessário assinalar que a universidade ainda é um espaço hostil às necessidades de permanência estudantil.

Para tanto, este trabalho tem por objetivo problematizar acerca dos resultados parciais da pesquisa que vem sendo realizada pelo grupo de pesquisa “Trabalho, Formação Profissional e Serviço Social” que presentemente tece pesquisas sobre “Projeto educacionais e permanência na graduação: em debate o perfil e a permanência” e “Retenção dos discentes de graduação do CAHL: permanência em debate”, no Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL-UFRB). Um questionário - denominado Perfil Socioeconômico, Trancamento e Pós Pandemia no CAHL-UFRB - está sendo aplicado a todos os cursos do Centro, através de formulário online que contém perguntas sobre o perfil dos estudantes, retenção de TCC e sobre o pós pandemia.

É importante salientar que, apesar dos avanços, ainda se tem uma insuficiência de políticas que



contemplem os estudantes que ingressaram na universidade, dos quais, uma boa parte não tem condições financeiras de se manter. Nesse contexto, é bom lembrarmos que a universidade surge para atender a classe burguesa, formada em sua quase totalidade por pessoas brancas, e não para que as pessoas de classe pobre – que em sua maioria são pessoas não brancas – tivessem acesso. Só a partir de 2003, com a contrarreforma da educação, que o Brasil vive um marco importante na história com a expansão das universidades públicas e com a criação de programas que tem por objetivo garantir o acesso e permanência dos estudantes, principalmente os oriundos de famílias de baixa renda, e a oferta de um número maior de vagas para atender melhor a demanda.

Esse processo de mudança do perfil universitário vivenciado no Brasil é detectado no CAHL quando analisamos sua composição estudantil, com o mesmo sendo considerado o campus universitário com mais pessoas negras – compreende-se aqui uma pessoa negra pela lógica adotada na Lei de Cotas, em que se considera negro pessoa preta ou parda – no país. Podemos constatar esse fato no momento em que 76% dos alunos que responderam à pesquisa se autodeclararam negros, sendo 44% pretos e 32% pardos. Tais dados podem ser considerados históricos, pois mostram avanços sociais em um país com fortes desigualdades econômicas e raciais, causadas por anos de escravidão e exclusão social. Nota-se também nesse processo a permanência simbólica, associada à vinculação e fortalecimento dos laços afetivos dos grupos e vinculação

nos movimentos.

A criação de universidades fora dos grandes centros urbanos gerou possibilidades para que os estudantes tenham oportunidades de estudarem no seu próprio município ou estado, não precisando se deslocar para outros estados para estudar, otimizando os gastos e possibilitando condições de acesso e permanência, além de poder permanecer próximo à família e economia de tempo no cotidiano, como também oportunizar que alunos trabalhadores tenham acesso à universidade. Dentre os resultados 92% dos estudantes do CAHL são baianos, enquanto 8% são de outros estados. Podemos observar que a maioria são oriundos do estado de origem, não significando que não tenham dificuldades de acesso e permanência, porém sendo possível ter um menor gasto e poder ter a oportunidade de ingressar.

Sobre se recebem algum tipo de auxílio ou bolsa, desses 50 entrevistados, 36% não recebem nenhum tipo de bolsa ou auxílio. Ainda cabe pontuar que 46% desses não sabem como fazer para ter acesso aos auxílios e bolsas ofertados pela universidade, o que torna difícil o acesso a esses programas. É, pois, necessário melhor acessibilidade. Ainda são necessárias muitas lutas para fortalecer as políticas de permanência estudantil para garantir o acesso e permanência dessa população que tragicamente é afetada por políticas conservadoras, que visam apenas a classe burguesa.

Quando analisamos os dados parciais obtidos pelo grupo de pesquisa, observamos que, dos 50 estudantes entrevistados no CAHL, 68% têm renda familiar,



somando a sua própria renda, de até um salário-mínimo, enquanto 28% é de 1 a 2 salários-mínimos. Tais dados mostram que majoritariamente os alunos são oriundos de famílias pobres com renda per capita inferior a um a um SM. Já 58,6% responderam que não exercem nenhuma atividade remunerada e a mesma quantidade relatou que a dificuldade financeira seria o principal motivo de evasão do curso antes de se formar. Mostra-se a necessidade de implantação de bolsas de permanência para evitar a evasão e retenção nos cursos. Através desses programas de permanência são oferecidos auxílio moradia, auxílio alimentação, bolsa de iniciação científica, auxílio transporte, auxílio creche, entre outros. Dessa forma, pode-se minimizar um pouco os impactos causados pela desigualdade social.

Esses dados demonstram a dificuldade para a materialização da permanência material encontrada pelos alunos, principalmente quando levamos em consideração o elevado nível de custo de vida da cidade de Cachoeira-Ba (cidade onde se encontra o campus onde foi realizada a pesquisa). Vale ressaltar aqui a importância das políticas de permanência estudantil para uma formação qualificada, como Iniciação Científica (IC), Programa Educação Tutorial (PET) e o Programa de Permanência Qualificada (PPQ), pois ajudam os estudantes nos meios para sua subsistência na universidade e ao mesmo tempo fazem com que tenham contatos diretamente com o mundo acadêmico, auxiliando assim no seu processo de identificação com esse novo mundo.

Para Santos (2009), a permanência material está

relacionada aos meios necessários para a sobrevivência do estudante na universidade, como alimentação, moradia, materiais e equipamentos para o acompanhamento das matérias e etc., sendo possível por meio da permanência material direta, por intermédio de bolsas e programas de permanência estudantil ou pela permanência material indireta, por meio de trabalho ou ajuda da família, enquanto a permanência simbólica estaria relacionada ao reconhecimento do estudante ao ambiente universitário, através das vivências e experiências com o mundo acadêmico, criando assim um sentimento de pertencimento.

Por mais que se faça importante para a permanência material o ingresso dos estudantes nas políticas e programas de permanência oferecidos pelo governo, o processo burocrático se apresenta como um impeditivo para aquisição da tão esperada ajuda de custo. Nota-se que, embora 58,6% afirmaram ter conhecimento dos trâmites burocráticos, 52% responderam que não faziam parte de nenhum programa de bolsa ou auxílio. Esses dados demonstram que o fato de ter conhecimento da burocracia não é o suficiente para conseguir uma bolsa/auxílio, pois percebe-se nos últimos anos a insuficiência de bolsas e o caráter cada vez mais focalizado das políticas de assistência estudantil, que buscam atender apenas os mais pobres entre os necessitados, e não levando em consideração as especificidades de cada demanda de maneira individual. Destaca-se que, durante e logo após a pandemia da COVID-19 – período excepcional na história mundial, marcado por mudanças no cotidiano das pessoas, por



causa de medidas para o enfrentamento à doença, como distanciamento social e utilização de máscara – foram os períodos mais difíceis para a permanência dos alunos, com as atividades remotas dando luz às profundas dificuldades e desigualdades ao acesso a materiais tecnológicos, essenciais nos dias atuais para o estudo na era da tecnologia e informação.

A falta da permanência material acaba por prejudicar outras áreas na vida dos discentes, como a identificação do estudante com o ambiente universitário, principalmente dos mais pobres, que muitas vezes não tem uma cultura familiar de ocupar esses espaços, fazendo com que gere um estranhamento no primeiro contato, e assim causando incertezas e crises existenciais. Por essa razão a permanência simbólica deve ser encarada no processo de permanência dos discentes, pois está ligada a uma estratégia de resistência e autoafirmação para se estabelecer no ambiente universitário, por grupos e indivíduos que trazem consigo traços de rótulos sociais indesejáveis ou desaprovados socialmente, haja vista a construção sócio-histórica do Brasil, formada através da estigmatização, do racismo, da exclusão de povos e da divisão de classes, como traz Santos:

Para as famílias mais abastadas, ou familiarizadas com o meio acadêmico, a universidade pode representar somente mais uma etapa da vida escolar. Nestes casos o curso superior é dado como algo “certo”, ou, pelo menos, muito provável. No caso das famílias menos abastadas, e em geral negras, a universidade representa um grande feito, já que no seu imaginário ela estava ausente, distante, “pouco provável”. (SANTOS, 2009,

p.69)

Esses dados mostram que a problemática da permanência é complexa e não pode ser simplificada apenas a oferta de bolsas, mas requer pensar os problemas associados à permanência simbólica, visto que,

[.] na busca por condições de permanecer materialmente na Universidade, alguns estudantes podem também, abrir mão de vivenciar a universidade em sua plenitude para poder trabalhar e essa escolha tem impactos na permanência simbólica (SANTOS, 2009, p.72).

Apesar do foco do estudo realizado não abranger especificamente as políticas de ações afirmativas – popularmente conhecidas como Lei de Cotas ou Lei 12.711/2012 –, é válido enfatizar a relevância da mesma, não apenas para o processo de democratização do ensino superior, possibilitando que grupos historicamente excluídos por causa de raça, etnia ou orientação sexual pudessem ingressar no ensino superior, como também reforçando permanência simbólica, fazendo com que indivíduos que eram, até então, minoritários não se sintam solitários, acontecendo o processo de identificação uns com os outros através de vivências similares na sociedade.

Segundo o estudo realizado em 2018, com mais de 424 mil pessoas pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Fonaprace/Andifes), pode-se destacar que

também mostrou que, com as cotas, as



instituições ganharam estudantes que frequentam mais as bibliotecas, dedicam mais tempo aos estudos, têm menor taxa de desistência e são mais engajados socialmente (Fiocruz, 2022).

Além disso, o estudo apontou que, entre os graduandos das instituições públicas de ensino superior, 60% vêm diretamente de escolas públicas e 70% têm renda per capita de um salário-mínimo e meio.

Por fim, as reflexões suscitadas nos mostram como é incontestável a importância da interiorização e expansão das universidades para o combate às desigualdades educacionais no ensino superior, dando oportunidades e trazendo avanços significativos na vida das pessoas oriundas das classes mais pobres, mudando o perfil, e de algum modo, a cultura até então dominante no ambiente acadêmico.

Vale ressaltar que, apesar dos avanços, o processo de democratização do ensino superior ainda está longe do necessário e idealizado pela sociedade, possuindo um longo caminho de desafios a serem superados, principalmente com os consecutivos cortes e contingenciamentos dos recursos financeiros, que afetam não só os investimentos dos diferentes programas para a permanência estudantil, como também atacam diretamente a estrutura física e administrativa das universidades, dificultando tanto a permanência dos estudantes que já estão dentro como o ingresso de novos discentes.

Referências

ABREU, Márcia Kelma de Alencar; XIMENES, Verônica Moraes. **Pobreza, permanência de universitários e assistência estudantil**: uma análise psicossocial. Psicologia USP, v. 32, p. 1-11, 2021.

DE OLIVEIRA, Adriana Rivoire Menelli; DA SILVEIRA, André Stein. **Acesso e permanência**: desafios à problemática da evasão na educação superior do Brasil. In: Congressos CLABES. 2011.

MENDONÇA, Ana Waleska PC. **A universidade no Brasil**. Revista brasileira de educação, p. 131-150, 2000.

SANTOS, D.B. R (2009). **Para além das cotas**: A permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa (Tese de Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. (p.66-79)

PORTAL FIOCRUZ. **Ações afirmativas transformam universidades e institutos federais**. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) 2022. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/repotagem/acoes-afirmativas-transformam-universidades-e-institutos-federais#:~:text=O%20estudo%2C%20que%20realizou%20mais,e%20s%C3%A3o%20mais%20engajados%20socialmente>



ENSINO DE LEITURA ACADÊMICA COMO ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO À EVASÃO NO CAHL

Carolina Silveira Santos¹⁰
Juliet Cerqueira Saraiva Luft¹¹
Lys Maria Vinhaes Dantas¹²
Tailane de Oliveira do Amor Divino¹³



Palavras-Chave:

Letramento acadêmico; Permanência qualificada; Competências de leitura - escrita.

¹⁰. Discente do Curso de Comunicação Social/ CAHL- UFRB.

¹¹. Bacharela em Ciências Sociais. Discente do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais/CAHL- UFRB.

¹². Docente CAHL-UFRB, Coordenadora do Projeto #Rumo à Formatura.

¹³. Discente do Curso de Design de Moda/ Faculdade Pitágoras.

Em revisão sistemática sobre a evasão na/da educação superior, foi possível observar que: 1) o percentual de alunos evadidos vem crescendo, inclusive antes da pandemia COVID 19; 2) o indicador utilizado para este acompanhamento tem sido, em boa parte dos casos, o de evasão de curso; 3) embora este conceito seja utilizado para avaliar a eficiência das instituições de educação superior (IES), é considerado inadequado. Essa inadequação se deve a duas questões principais: a) aos inúmeros fatores externos à IES que contribuem para a evasão, os quais fogem das possibilidades de atuação institucional e b) às políticas que flexibilizam a mobilidade dos estudantes entre os cursos de uma mesma IES ou de IES diferentes. Neste último caso, os discentes podem fazer aproveitamento das disciplinas cursadas anteriormente, o que contribui positivamente para sua trajetória no novo curso.

Ainda assim, é fundamental que as IES busquem permanência para seus estudantes e atuem, de maneira orquestrada, para enfrentar os tão conhecidos fatores internos que levam à evasão, como os ligados à permanência material (insuficiência financeira, alimentar, de moradia, de apoio ao deslocamento, falta de equipamentos eletrônicos e de internet, etc.) e à permanência simbólica, voltada para o pertencimento ao espaço e aos modos universitários (Santos, 2009). Há ainda os fatores vinculados à (in)adequação dos currículos, ao planejamento de cursos e componentes voltados ao aluno ideal (e não ao real), à falta de infraestrutura, dentre vários outros já bastante discutidos pela

literatura sobre o tema.

Neste trabalho, nos juntamos a outros autores para discutir a leitura acadêmica como um obstáculo à permanência discente (Braga e Silva, 2022; Téo e Coelho, 2002) e argumentamos que, dentre as estratégias de enfrentamento à evasão, o ensino da leitura acadêmica deve ser assumido por todos os professores e não apenas por aqueles responsáveis por componentes básicos, como Oficina de Texto.

Para nos apoiar nessa defesa do ensino da leitura acadêmica, apresentamos os resultados da Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica (CR064-2023), realizada entre 24 de março e 05 de maio de 2023, como uma das ações do Projeto #Rumo à Formatura (PA754-2022). Antes, porém, situamos o #Rumo à Formatura na Política de Enfrentamento à Evasão do CAHL e discutimos brevemente o que entendemos por leitura acadêmica. O resumo é finalizado com os resultados e proposição de estratégias de leitura a serem implementadas e fortalecidas institucionalmente pelo e no CAHL.

O #Rumo à Formatura na Política de Enfrentamento à Evasão do CAHL

Ao final de 2020, primeiro ano da pandemia COVID-19, foi realizada avaliação, junto a discentes, docentes e técnicos do CAHL, sobre a experiência de oferta remota das disciplinas. Junto aos discentes, uma das questões respondidas era: Você pensou em abandonar seu curso durante o semestre remoto? 44,3% dos graduandos e 45,2% dos pós-graduandos responderam

sim (CAHL, 2021).

Esse dado, obtido durante pandemia, tinha clara associação com a taxa histórica de evasão de curso de graduação do Centro, entre 2006 e 2020: 44,96%. Dentre os evadidos, boa parte abandonou seus cursos no primeiro ano, o que não trouxe surpresa, visto que esse fenômeno tem sido investigado. Por outro lado, ficou evidente que as taxas de retenção e de abandono ao final dos cursos relacionavam-se, em especial, ao componente Trabalho de Conclusão de Curso. Em várias situações, o discente abandonou sua formação com todos os créditos já obtidos, a exceção do TCC (Dantas, 2022).

Em 2022, após discussões no Centro sobre os resultados da pesquisa avaliativa e sobre os índices de evasão e vagas ociosas durante a pandemia, sua Direção instituiu, via ordens de serviço n. 74 e 89/2022, uma comissão para conduzir os estudos e a proposição – participativa – da política de enfrentamento à evasão do Centro. A política resultante está estruturada em seis princípios (Organização, Participação, Integração, Qualidade, Acolhimento e Respeito à diversidade) e dez macroestratégias, com suas respectivas ações. São elas: 1. Posicionamento do CAHL quanto às verbas para a permanência do alunado na definição de prioridades orçamentárias; 2. Diagnóstico da situação de evasão e das dificuldades em cada Curso; 3. Orientação ativa desde a pré-matrícula; 4. Reencôncavo; 5. Atenção ao currículo; 6. Atenção à relação Ensino Médio – Universidade; 7. Criação de vínculos do CAHL com os municípios no entorno; 8. Integração dos egressos;



9. Atenção dos Técnicos Administrativos em Educação (TAE) em relação à evasão; e 10. Atenção à preparação do alunado para TCC e para o desenvolvimento de Atividades curriculares complementares.

As estratégias para cada uma dessas metas têm sido coletivamente implementadas desde o início de 2023. Algumas contaram com apoio institucional da Universidade por meio da concessão de bolsas de pesquisa a estudantes vinculados a projetos aprovados no Edital PROGRAD 050/2022. O CAHL aprovou três projetos, um voltado para a Meta 2, outro para a 6 e o terceiro, para a Meta 10. Um desses projetos foi o #Rumo à Formatura.

O #Rumo à Formatura é um projeto multidisciplinar de pesquisa e extensão cujo objetivo geral é operacionalizar a referida Macroestratégia 10, que diz respeito “à preparação do alunado para o trabalho de conclusão de curso (TCC) e para o desenvolvimento das atividades curriculares complementares (ACC)”. Tem como objetivos específicos: 1) Diagnosticar, de maneira sistematizada, os fatores percebidos pelo/a/s aluno/a/s que levam à retenção e à evasão, especificamente quanto ao desenvolvimento de TCC e de ACC; 2) Favorecer o letramento acadêmico e científico do/a/s discentes concluintes no CAHL; 3) Favorecer ao concluinte a identificação de orientador(a) potencial para seu TCC; 4) Acompanhar um grupo de aluno/a/s concluintes, contribuindo para o fortalecimento de uma rede de apoio; 5) Desenvolver competências de planejamento de processo formativo, com foco nas atividades complementares e nas futuras atividades profissionais;

6) Fortalecer competências de leitura e escrita voltadas para elaboração de TCC; e 7) Organizar e atualizar a comunicação dos cursos do CAHL, de modo a que todos disponibilizem suas orientações de TCC e ACC.

Sua equipe é composta por cinco professoras (atuantes nos cursos de Artes Visuais, Gestão Pública, Serviço Social e uma externa à UFRB), por duas egresadas do Curso de Gestão Pública e uma do Bacharelado em Ciências Sociais (que está finalizando a licenciatura) e por seis outros discentes em diversos momentos da graduação (cursos de Artes Visuais, Comunicação e Jornalismo e Gestão Pública, no CAHL, além de uma discente de Moda, de outra instituição), entre ingressantes e veteranos. Esta equipe é responsável pela execução do projeto em três eixos: a pesquisa, a extensão e a comunicação institucional, abrangendo todos os cursos de graduação do CAHL. Dentre suas metas, no Eixo Extensão, está prevista a oferta de seis oficinas em 2023, três das quais já concluídas. A Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica foi uma delas. Na próxima seção, discutimos os conceitos de leitura e de leitura acadêmica adotados para, em seguida, apresentar os resultados da oficina.

Breves considerações sobre a leitura na Educação Superior

Em reuniões de colegiado e de outras instâncias coletivas de planejamento e decisão no CAHL, têm sido frequentes os relatos sobre as dificuldades enfrentadas pelos discentes frente às demandas de leitura e escrita. Esse não é um fenômeno exclusivo de “universidades periféricas” ou que recebem alunos com perfil diversi-



ficado, a exemplo da UFRB, e sequer é um fenômeno recente (Ribeiro e Mota, 2020; Marco e Sacrine, 2016, por exemplo). Boa parte dos docentes e discentes considera que tais dificuldades são decorrentes de questões individuais ou de uma educação básica insuficiente. Nessa linha de pensamento, os estudantes estariam ingressando na educação superior sem condições mínimas que os embasassem para que nela permanecessem até a conclusão de seus cursos. Sendo, portanto, considerado um problema anterior ao ingresso do universitário, são poucas as IES que, de maneira institucionalizada, consideram que precisam ensinar os graduandos a ler e a escrever, mesmo os mais competentes.

Dois conceitos contribuem para que entendamos como é fundamental que os discentes adquiram as competências para a leitura e a escrita acadêmicas: ler (ou o ato de ler, em uma perspectiva Freiriana) e letramento acadêmico. Freire (1989, p. 14) declara que o ato de ler “implica sempre percepção crítica, interpretação e “re-escrita” do lido [...], o que ultrapassa enormemente as práticas de codificação e decodificação de textos e mesmo a compreensão de palavras específicas para cada campo do conhecimento, embora estas também sejam necessárias.

Quanto ao letramento acadêmico, nos juntamos aos pesquisadores que, como Silva (2019, p. 4), adotam a definição de Lea e Street (1998) e consideram o letramento “uma prática social situada”, que implica

interesse pela atribuição de significados à escrita feita por aqueles que a usam (pro-

fessores, alunos, pesquisadores), pelas relações que estabelecem com ela, bem como pelas questões de identidade, poder e autoridade que subjazem a tais relações. Além disso, consideram-se os processos envolvidos nos letramentos como complexos, dinâmicos e situados; abrangendo questões epistemológicas e processos sociais, tais como a interação entre os participantes e as instituições envolvidas. (SILVA, 2019, p. 4)

Assim, por mais que o universitário seja um leitor competente na educação básica, ele não tem como apreender as práticas universitárias antes de ingressar na educação superior. Os textos, a forma – crítica – de ler e de se posicionar nos campos do conhecimento, a possibilidade de diálogo com os textos lidos e as questões autorais que envolvem a produção escrita devem ser endereçadas desde as instruções em sala de aula até os procedimentos avaliativos. A aquisição dessas competências não se dá de forma espontânea: é fundamental um esforço direcionado tanto por parte dos discentes, como do corpo docente, de maneira coletiva.

Quando o discente é chamado a demonstrar tais competências, de modo individualizado, como ocorre quando da construção do trabalho de conclusão de curso, as lacunas no processo de letramento acadêmico se apresentam com força, criando inúmeros obstáculos que, já no final do curso, parecem ser insuperáveis. A próxima seção relaciona os achados na Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica, realizada no CAHL, como ilustrações dessas lacunas e também das estratégias adotadas para superá-las.



Os achados da Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica e estratégias para enfrentar dificuldades

A Oficina Estratégias de Leitura Acadêmica ocorreu de maneira presencial, entre março e maio de 2023, no CAHL, com 20h de duração. Seu objetivo geral foi “Contribuir para a conclusão de curso por discentes do CAHL em processo de elaboração de projeto e de desenvolvimento do TCC”. Voltada para concluintes e retidos, a Oficina atraiu tanto estes estudantes, como ingressantes e estudantes no meio de seus cursos, que viram na Oficina uma oportunidade de enfrentar os problemas decorrentes de uma leitura não competente. Foram inscritas 26 pessoas, 17 das quais efetivamente participaram (sendo 03 de instituições externas).

O espaço/tempo de sala de aula foi ampliado pela criação de grupo no WhatsApp, que permanece ativo até momento quando escrevemos esse texto (agosto/23). A formação de uma turma, que acolheu e respeitou a diversidade das propostas de cada um, foi fundamental para que as trocas fossem e(a)fetivas e para que as pessoas pudessem se expor quanto às dificuldades e estratégias adotadas.

Podemos categorizar as dificuldades em 05 dimensões que podem ser enfrentadas institucionalmente pelo CAHL: 1) Falta de infraestrutura, 2) Falta de domínio básico dos códigos de leitura e escrita; 3) Questões pessoais que afetam o desempenho; 4) Ausência de apoio e de instruções adequadas para as tarefas; 5) Distanciamento no processo de orientação.

A falta de infraestrutura diz respeito ao ambiente

de leitura, muitas vezes inadequado na residência dos discentes, na residência universitária ou no trabalho, e à falta de computadores e internet. Uma estratégia possível no CAHL é a ampliação dos horários de funcionamento da biblioteca e dos laboratórios de informática, para que essas pessoas tenham espaço adequado para estudar e produzir, inclusive a noite. Essa questão também é manifesta pela necessidade que muitos alunos referem de ter o “texto impresso”, já que não conseguem ler “no celular”. Contudo, isso implica um custo que nem sempre cabe no orçamento. Neste caso, é preciso verificar o acervo da biblioteca, para que professores e estudantes possam intensificar as consultas.

A falta de domínio básico de códigos letrados é uma questão grave. A leitura, para alguns discentes, ainda é fragmentada, palavra a palavra, sem compreensão do texto – qualquer texto. O não entendimento de pontuação, a dificuldade de pronúncia, linhas que se embaralham, são questões que antecedem a entrada na universidade. Esses discentes precisam de apoio especial, dirigido, para que deem um salto e possam se tornar letrados academicamente. Nesse caso, é importante a oferta de cursos e de orientações e tutorias, inclusive dos próprios discentes. O CAHL deve, nesse caso, reconhecer institucionalmente essa atuação em baremas de processos seletivos, como ACC, dentre outras.

Para a terceira dimensão, é importante que a atuação dos psicopedagogos na UFRB seja divulgada e reconhecida. Dentre as menções feitas, está a questão



da “falta de concentração”. Para alguns discentes, ler um texto significa “lê-lo” múltiplas vezes, até que “alguma coisa fique na cabeça”. Isso é o oposto do que seja o ato de ler Freiriano. Vários alunos têm adotado, como estratégia de enfrentamento a esse “não entendimento”, assistir aulas e lives no Youtube sobre o tema, até mesmo do próprio autor do texto. Eles referem que essa estratégia tem dado certo.

A quarta dimensão é a mais frequente e pode ser ilustrada na seguinte afirmação: “ela me mandou fazer um fichamento, mas não diz o que é fichamento”. Isso vale para os múltiplos gêneros textuais com os quais a academia lida, bem como com gêneros profissionalizantes (laudos, pareceres, etc.). Este é um ponto nevrálgico: os professores apresentam a tarefa, por vezes indicam um modelo ou o estilo a serem seguidos, mas, com raras exceções, não discutem esses gêneros como práticas sociais, nem efetivamente instruem o “como fazer”, deixando os discentes “perdidos”.

Aqui é preciso afirmar: todo professor é professor de leitura e, nas suas disciplinas, deve alocar tempo para instrução e avaliação de leituras e escritas que tenham um significado diverso de “fiz a resenha porque o professor mandou. Não serve pra nada”. A Gestão Acadêmica do CAHL precisa assegurar tempo e acompanhar o desenvolvimento, em todas as disciplinas, das competências que levem ao letramento.

A última dimensão, igualmente importante, diz respeito à (falta de) relação entre orientando e orientador. Em vários momentos durante a oficina e em outros espaços, os estudantes mencionam “vergonha”

ou “medo de falar” com o orientador, de “dizer alguma besteira”, de fazer um trabalho que não “agrade” a esta “autoridade do saber” e que acabe pela sua desistência da orientação. Em vários dos relatos, é o orientador “quem sabe” e, por não saber, o aluno “não tem o quê apresentar no seu TCC”. “Tudo o que a gente diz tem que ter referência, o que a gente pensa não vale nada” foi outra frase ouvida na Oficina. Os processos de orientação precisam ser repensados.

Neste resumo expandido, argumentamos que é fundamental um esforço da comunidade acadêmica para o desenvolvimento de competências que levem ao letramento acadêmico e que as dificuldades na leitura e na escrita, apresentadas por estudantes, são fatores internos que contribuem para a evasão, sendo, portanto, passíveis de sofrer ações do CAHL no sentido de enfrentá-los.



Referências

CAHL. UFRB. Comissão de Avaliação. Relatório de Acompanhamento e Avaliação do primeiro semestre remoto suplementar. Dimensões Ensino e Aprendizagem. 2021.

DANTAS, L.M.V. O panorama do TCC no CSTGP-UFRB. In: DANTAS, L. M.V.; MONTEIRO, D. A. A. (Org.). **UFRB e Gestão Pública no Recôncavo: formação do tecnólogo**. 1ed.Cruz das Almas: Editora UFRB, 2022, v. 1, p. 107-136

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

MARCO, V. D.; SACRINI, M. Breves Considerações sobre o Curso “Práticas de Leitura e Escrita Acadêmicas em Humanidades”. Revista de Graduação USP, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 91- 94, 2016. DOI: 10.11606/issn.2525-376X.v1i1p91-94. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/gradmais/article/view/117735>

RIBEIRO, M. C. M. de A.; MOTA, J. L. Promoção da leitura na universidade: possibilidades por meio do ensino de estratégias de leitura. Rev. Diálogo Educ. vol.20 no.65 Curitiba abr./jun 2020 Epub 27-Jul-2020.

SANTOS, D. B. R. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa**. Tese. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia, 2009.

SILVA, F. O. da; BRAGA, M. C. B. **Percepções de estudantes universitários sobre a leitura acadêmica**. Educação por escrito, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2022.

SILVA, Elizabeth Maria da. Ler e escrever na universidade: uma tese sobre a escolarização de textos acadêmicos. Revista Vozes dos Vales. Nº 15 – Ano VIII – 05/2019.

TÉO, C. R. P. A.; COELHO, S. R. M. **Emprego da metodologia da problematização no estudo da dificuldade de produção escrita entre alunos do ensino superior.** Seminário: Ciências Sociais e Humanas, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 63–78, 2002. DOI: 10.5433/1679-0383.2002v23n1p63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/3854>. Acesso em: 24 jul. 2023.



IMPACTO DO “III CBAS” NA CATEGORIA E O OLHAR PARA A PERMA- NÊNCIA EM SERVIÇO SOCIAL

Thainá Carvalho da Silva Ribeiro¹⁴
Vívian Karen A. da Silva dos Santos¹⁴



Palavras-Chave:

III CBAS; Movimento de Reconceituação; Serviço Social; Projeto Profissional; Permanência universitária.

¹⁴. Discente do curso de bacharelado em Serviço Social/CAHL- UFRB.

Esse trabalho foi construído a partir da realização da disciplina “Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social II”, na qual nos aproximamos do Movimento de Reconceituação do Serviço Social latino-americano e, diante de um interesse mútuo acerca da temática, procura-se demonstrar de maneira frutífera como as disciplinas de Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos do Serviço Social, que estão incorporadas durante três semestres no currículo do curso de Serviço Social, são pertinentes no que tange à composição de conhecimento acerca dos métodos, instrumentos e técnicas através da história, dos fundamentos teóricos e do olhar para as diferentes expressões da questão social resultantes do modo de operação do sistema capitalista que gera mazelas econômicas e sociais, principal objeto de intervenção do Serviço Social. Logo, compreende-se que o aproveitamento totalizado pela qualidade pressuposta no oferecimento dessas disciplinas no curso de Serviço Social é determinante para o estudante vislumbrar um horizonte composto pela consciência histórica, teórica e metodológica obtida pelo aprendizado no que concerne o passado, o presente e enquanto o profissional do futuro, interagindo, desse modo, na permanência do curso ofertado no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A evasão estudantil torna-se a cada dia mais uma pauta a ser enfrentada pela Universidade, e a falta de identificação com o curso e de adaptação com a ro-



tina acadêmica são alguns dos inúmeros motivos que ameaçam essa permanência. Assim, nota-se que a permanência das pessoas estudantes é testada cotidianamente e encontrar inspiração num determinado componente curricular influencia no desempenho e no interesse em continuar, de modo que a/o estudante passa a enxergar a Universidade como um espaço de diálogo e descobertas que pode ser aproveitado da melhor forma possível.

Durante o curso de Serviço Social no CAHL, o componente curricular de Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos é uma das primeiras disciplinas que trazem essa perspectiva mais específica e de aproximação com a profissão, de forma que se faz extremamente importante uma formação qualificada para que a continuidade aconteça de forma tranquila e satisfatória. Partindo de uma experiência mais íntima, percebe-se uma relação intrínseca entre o debate político e crítico que é afluído a partir da formação do ethos militante do/da estudante, estimulado no decorrer das disciplinas referidas.

A essência militante e política que perpassa o Serviço Social originou-se mediante o processo de reação da categoria que ganhou força e ímpeto a partir da difusão massiva de descontentamento com os regimes militares nos países sul-americanos e da influência interventiva dos Estados Unidos da América; as lutas sociais oriundas desse período ganham espaço no continente refletindo em distintas camadas da sociedade. Assim, direcionando o olhar para como esse movimento refletiu e se desenrolou especificamente

no Brasil, percebe-se que ainda que em vigência de um regime militar que censurou, perseguiu e combateu quaisquer movimentos políticos, culturais, científicos etc., que não condissessem com seus valores e determinações autoritárias de cunho repressivo, foi-se entranhando pelos profissionais e estudantes um processo político de renovação da profissão.

O presente trabalho acadêmico foi desenvolvido sob o método de pesquisa bibliográfica, a partir de uma revisão literária acerca do significado do III CBAS – Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (o denominado “Congresso da Virada”) no processo de renovação do Serviço Social brasileiro, processo esse que se desencadeia a partir do final da década de 1970. Partindo do desejo e da reafirmação de escolha das estudantes, a pesquisa bibliográfica se constituiu, majoritariamente, por meio de leitura do livro Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso, publicado pelo CFESS – Conselho Federal de Serviço Social, em 2009. Este reúne uma diversidade de artigos cujo autores são de profunda transcendência para o Serviço Social no Brasil, como: José Paulo Netto, Vicente de Paula Faleiros, Maria Beatriz Abramides, Maria do Socorro Cabral, Luíza Erundina, dentre outros. A lista de nomes que são referências na construção do Serviço Social no Brasil e nas lutas de resistência da classe trabalhadora se caracteriza por sua extensividade e correspondem a um arsenal teórico de maestria. Foi então durante o percurso da disciplina que buscou-se trabalhar com nomes de referência do Serviço Social para uma reflexão prática quanto ao significado do chamado Movimento de Re-



conceituação – ou de renovação – do Serviço Social, sendo possível compreender a força da expressão da categoria de profissionais em oposição ao conservadorismo e tradicionalismo marcadamente presentes na profissão e na formação acadêmica, com forte tendência assistencialista, a qual deu origem à profissão na América Latina.

Muitos acontecimentos foram necessários para trilhar a construção do Movimento de Reconceituação do Serviço Social em solo brasileiro e incontestavelmente o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (III CBAS) é considerado como um marco histórico para essa trajetória de renovação e para a construção de um projeto profissional de ruptura com o tradicionalismo. Indo na contramão da dominância conservadora que predominava nas direções das instâncias e fóruns, como o Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFAS), Conselho Regional de Assistentes Sociais (CRAS), Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais (CBAS), dentre outras. Para além do cenário nacional também compreende-se que foi necessário extrema determinação e articulação por parte dos/das assistentes sociais comprometidos ideologicamente com a luta democrática e defesa dos direitos da classe trabalhadora. Relacionar a virada do Serviço Social brasileiro com a virada que aconteceu na política nacional por meio da inserção da classe operária no campo político é necessário para compreender os meios que levaram a este acontecimento. Isto significa que houve uma politização da prática profissional na mesma medida em que a sociedade brasileira avançava politicamente tam-

bém, na luta da classe trabalhadora, entendendo que o capitalismo, enquanto um sistema político e econômico, se alimenta da desigualdade social, determinando a sua estrutura, e que o país obedecia a uma ordem internacional de desenvolvimento do capitalismo, numa condição de dependência e subalternidade periférica.

Essa condição do país agudizava a desigualdade social, também agravada por uma conjuntura de inflação econômica, de forma que a questão social cada vez mais impactava a “classe que vive do trabalho”, somando quadros de desemprego, fome e vulnerabilidade social, fazendo com que houvesse mobilizações e um novo sindicalismo em busca de melhorias sociais e condições de trabalho, denunciando a insalubridade vivida pelo proletariado e fomentando a luta pelos direitos trabalhistas e pela justiça social.

Dessa maneira, a reflexão sob a ótica do estudo bibliográfico consiste na análise histórica do Movimento de Reconceituação do Serviço Social, assim como, do contexto social, político e econômico em que o Brasil estava submetido diante da duração e da queda do regime da ditadura civil-militar. Os documentos de Araxá em 1967 e Teresópolis em 1970, que foram construídos por assistentes sociais em seus respectivos seminários de teorização discutindo técnicas e teorias que circundam a profissão, evidenciam como a perspectiva modernizadora assume hegemonia e só começa a ser questionada a partir desse momento de desgaste econômico também, ou seja, a partir da queda da autocracia burguesa, que a lógica conservadora é repensada nos interiores da profissão.



O novo sindicalismo que foi marcado pelo movimento grevista dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, no ABC Paulista, com a pauta de reivindicação por aumento salarial, em 1978, e nos anos seguintes, contou com diversas categorias, inclusive com os profissionais do Serviço Social lutando por dignidade em um quadro nocivo diante da crise estrutural econômica. E logo mais, no III CBAS, um dos maiores líderes desse novo sindicalismo, que chegou a ser preso pelo governo da ditadura militar vigente na época, o Luiz Inácio Lula da Silva, foi convidado a participar da composição da mesa, trazendo uma tônica política e a sinalização de uma aproximação, pela significância do Congresso, dos/das assistentes sociais com os repertórios vividos pela classe trabalhadora nessa condição e configuração de país. Assim como, é de suma importância salientar e rememorar sobre o valioso reconhecimento da profissão enquanto classe trabalhadora, e a jornada a partir disso na busca pelos direitos civis, sociais e políticos, na luta em prol da democracia, repercutindo no conteúdo da Constituição de 1988.

O Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais é um evento organizado pelas entidades do Serviço Social no Brasil, sendo um importante espaço de troca entre os/as assistentes sociais e estudantes. Contando com uma programação diversa entre vários dias, esse momento de debate e reflexão da categoria acontece a cada três anos, quando busca-se uma série de atividades e temáticas para uma reafirmação do compromisso profissional. Aqui mencionado, tem-se no III CBAS um grande impacto para todo redimensionamento

que aconteceu na profissão. Realizado entre 23 a 27 de setembro de 1979, na cidade de São Paulo, em um momento de intensa tensão social, onde as entidades sindicais se organizavam em todo país, inclusive no Serviço Social, sob regime de uma ditadura civil-militar, espalhava-se também por toda América Latina o Movimento de Reconceituação. Considerando a forte tendência tradicional que baseava o exercício profissional dos/das assistentes sociais desde sua gênese e o momento político que o Brasil perpassava, as instâncias dominantes do Serviço Social eram lideradas pela camada ultraconservadora e de viés tecnicista. Porém, o clima de luta, resistência e mudança que já vinha se internalizando na categoria profissional culminou na manifestação contrária ao governo e ao ideal neoliberal que ameaçava a classe trabalhadora no decorrer do próprio III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Foi a partir desse ato de manifestação organizado pelas/os assistentes sociais contra o tradicionalismo e na busca pela construção de um Projeto ético-político, que o III CBAS ficou conhecido como “Congresso da Virada”.

Por conseguinte, destaca-se como o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais implicou no currículo profissional, retificando a formação e buscando inspiração marxista, juntamente com o aparato deliberado pelas lutas sociais, de classes, compondo uma nova cultura profissional, com atuações políticas, que mais tarde consolidaria o atual projeto ético-político do Serviço Social brasileiro. Dado o exposto, se identifica nessa pesquisa, sobretudo, o comprometimento, prin-

principalmente após o impacto do III CEBAS pelo redimensionamento da profissão e o olhar para a população usuária dos serviços - esta que compõe a “classe que vive do trabalho” -, com mais entrega e responsabilidade frente as demandas sociais, na luta pela democracia, dignidade e rearticulação social em meio a queda da ditadura civil-militar, e numa perspectiva de crítica ao sistema capitalista.

Dessa forma, analisando a importância da formação política de estudantes e futuros assistentes sociais compreende-se a necessidade de um currículo condizente com a trajetória ética e política do Serviço Social, que leve a uma reflexão crítica quanto à gênese e ao desenvolvimento da profissão. Além de se identificar enquanto corpos políticos e representativos para a sociedade, os/as estudantes precisam estar alinhados com a luta da categoria, proporcionando um aprendizado libertador e gratificante. É importante perceber também que o despertar político da categoria há 44 anos foi um movimento significativo, primordial e decisivo para a trajetória do Serviço Social brasileiro, porém ainda é preciso continuar esse processo de “virada” em consonância com as expressões da contemporaneidade.

Referências

ABRAM IDES, Maria Beatriz; CABRAL, Maria do Socorro. A organização política do Serviço Social e o papel da CENE-AS/ANAS na virada do Serviço Social brasileiro. In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (coorganizadores). **Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso.** – Brasília, 2009.

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (coorganizadores). **Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso.** – Brasília, CFESS, 2009 (p. 107-142).

FALEIROS, Vicente de Paula. **O Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais na conjuntura dos anos 70.** In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (co-organizadores). **Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso.** – Brasília, 2009.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Renovação do Serviço Social no Brasil e desafios contemporâneos.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 136, p. 439-461, set/dez. 2019.

NETTO, José Paulo. III CBAS: Algumas referências para a



sua contextualização. In: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) (organizador), Conselho Regional de Serviço Social - S. Paulo (CRESS- 9a. Região), Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (ENESSO) (coorganizadores). **Congresso da Virada – 30 Anos do Congresso.** – Brasília, 2009.

SEMINÁRIO PROPEDÊU- TICO DE HISTÓRIA: políticas estudantis e extensão universitária



74



*Agenor Manoel da Silva Filho*¹⁵

*Camila Sena da Luz*¹⁶

*Joédla Tainá Pinto Melo*¹⁶

Palavras-Chave:

**Seminário Propedêutico de História; Perma-
nência; Evasão.**

¹⁵. Discente do Curso de Mestrado em História/ UNIFESP.

¹⁶. Discente do Curso de Licenciatura em História/CAHL- UFRB

Em 2021, quando a Universidade buscou retomar às atividades acadêmicas no modelo remoto de ensino, surgiu a necessidade de criação do projeto Tutoria por Pares, que tinha como objetivos “contribuir na adaptação/afiliação dos novos discentes; promover maior integração entre os calouros e veteranos; proporcionar um maior conhecimento das rotinas acadêmicas; incentivar o sucesso acadêmico do discente ingressante” (Site da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia [UFRB], página da Tutoria por Pares). Com as experiências da primeira edição da Tutoria, conseguimos notar que muitos ingressantes tinham diversas dificuldades com relação às exigências do ensino superior no primeiro semestre. Percebemos ao longo do semestre de tutoria – o programa cobre apenas o primeiro semestre de ingresso dos calouros – que muitas destas dificuldades apresentadas pelos recém-chegados não poderiam ser solucionadas (ou bem trabalhadas) somente com um acompanhamento individual dos discentes veteranos que exerciam a tutoria.

As principais dificuldades encontradas foram a baixa autoconfiança dos discentes em lidar com as demandas que o curso exigia, como leitura de textos acadêmicos e escrita de resenhas, fichamentos e projetos, dentre outras dificuldades. Esse estado de coisas relaciona-se em grande medida a condições extra-acadêmicas, familiares e psicossociais que a Universidade não tem controle; contudo, no que diz respeito à adaptação à academia e suas dinâmicas, as práticas

e políticas internas da Instituição exercem um papel central. É preciso lembrar que uma parcela significativa dos estudantes da UFRB é oriunda de escolas públicas precárias e de famílias pobres que, devido à desigualdade social, foram historicamente distanciadas da escolaridade e da educação superior.

A partir dessas inquietações, sentiu-se a necessidade de criar um projeto no qual pudéssemos ajudar a sanar essa demanda dentro do curso, pensando também nos benefícios afetivo-acadêmicos que os discentes teriam. Por uma feliz coincidência, de forma independente, o prof. Nuno Gonçalves Pereira, que na ocasião ministrava o componente de “Introdução aos Estudos da História”, havia compartilhado com o colegiado do curso as mesmas impressões com relação aos calouros, deixando em aberto o anseio de desenvolver algo dirigido a essa realidade de coisas. Ao entrarmos em contato com o prof. Nuno, iniciamos os diálogos que resultaram na criação do Seminário Propedêutico de História no início do ano de 2022.

Apresentaremos neste resumo um breve panorama da estrutura do Seminário Propedêutico e dos caminhos já percorridos por ele até aqui. Visamos produzir posteriormente um trabalho mais cuidadoso, que possa resgatar os materiais relacionados às atividades pelo projeto (tudo que foi feito até o momento foi registrado e armazenado na nuvem vinculada a um e-mail oficial), articulando os resultados até então alcançados com uma discussão que problematize a democratização efetiva da educação superior pública. Para que isso seja executado, defendemos que o primeiro



passo é a criação de projetos/programas que tenham como objetivo principal o acolhimento acadêmico dos calouros/as no primeiro ano letivo do curso, ofertando espaços de caráter preparatório e básico (propedêutico) que deem ao estudante a autoconfiança técnica (e mesmo afetiva) necessária ao melhor aproveitamento da educação superior. (Tal iniciativa evidentemente não se restringe a área de História, podendo facilmente ser expandida para outras áreas.)

Inicialmente, as atividades do Seminário Propedêutico foram divididas em duas etapas, a primeira consiste na oferta de Oficinas (de dois ou três encontros) ministradas por docentes do curso de História, por exemplo: oficina de “Fichamento de textos acadêmicos”, ministrada pela profa. Solyane Lima; oficina “Escrita, ficção e verdade: os caminhos da narrativa”, ministrada pelo prof. Nuno Gonçalves; e a oficina “Como e porque elaborar um levantamento bibliográfico para uma pesquisa histórica”, ministrada pelo prof. Leandro Almeida. A primeira etapa tem como objetivo ajudar os alunos no desenvolvimento das habilidades necessárias que lhes serão exigidas no decorrer do curso, sobretudo no que diz respeito à elaboração e leitura eficientes de textos acadêmicos, que correspondem às demandas básicas do meio acadêmico.

Já na segunda etapa, o Seminário Propedêutico organiza espaços de Diálogos com Egressos do curso que já estejam atuando profissionalmente na rede básica ou superior de ensino ou na pós-graduação (mestrado e doutorado). Nesses diálogos os egressos compartilham com os estudantes as suas experiências

durante e depois da graduação na UFRB; da mesma forma, também falam sobre possibilidades de pesquisa, como encontraram seu tema durante a graduação, o que a Universidade acrescentou em suas vidas e os caminhos adotados para lidar com as intempéries da vida acadêmica e profissional. Até o momento, já convidamos os seguintes egressos: Ana Paula Cruz (doutora, UFRRJ), Wilson Badaró (doutorando, UFBA), Agenor Manoel Filho (mestrando, UNIFESP), Lucas Café (doutorando, UFMT) e Roberta Leite (mestra, UNEB). Nos diálogos, professores/as que orientaram ou que tinham vínculos com as pesquisas dos egressos foram convidados como mediadores/as da atividade.

Com alguma flexibilidade, o Seminário Propedêutico tem experimentado outras modalidades de atividade que possam ajudar os calouros a compreenderem melhor a área na qual estão ingressando. Uma dessas atividades experimentais foram as Discussões Interdisciplinares, realizadas no primeiro semestre de 2023, paralelamente às Oficinas. As Discussões consistiam em conversas que articulavam o campo disciplinar da História com outros campos, tais como Economia, Antropologia, Educação, Literatura etc. Chamamos docentes da UFRB e de outros centros universitários para realizar essa atividade. Dessa forma, apresentamos aos discentes a diversidade de intersecções que a História pode fazer.

Quanto à organização e manutenção do Seminário Propedêutico, o projeto está dividido nos seguintes setores: Coordenação-docente; Coordenação-discendente; Secretaria; Monitoria. Aos docentes envolvidos na



coordenação fica a responsabilidade da emissão de certificados e diálogo junto ao corpo docente em geral a partir das reuniões do colegiado. À coordenação-discente a função de reservar os espaços para a realização das atividades do Seminário Propedêutico e monitoramento do trabalho da Secretaria e da Monitoria. Os discentes que atuam na secretaria auxiliam na redação dos projetos de cada edição/etapa e na supervisão do Email do projeto. Por último, a monitoria é composta pelos/as alunos/as que ajudam na dinâmica e na divulgação de cada uma das atividades do projeto.

Outrossim, as duas etapas do Seminário ocorrem no período de um ano, cobrindo os dois primeiros semestres da graduação, logo, o suporte aos estudantes é dado por um tempo que extrapola o equivalente ao do programa Tutoria por Pares. Dessa forma, conseguimos auxiliar os ingressantes durante toda a fase inicial no curso.

Tal iniciativa, que é mantida principalmente pelos estudantes veteranos, busca efetivar diálogos entre a graduação e o mestrado, e entre discentes e docentes do curso de História, para que em conjunto o curso se fortaleça e consiga formar melhores profissionais docentes e pesquisadores/as. Defende-se, portanto, uma política de afeto e atenção, de respeito e colaboração entre todos os níveis da formação universitária; uma prática coerente com o discurso não-elitista que anima o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL); um conjunto de ações que viabilize a efetiva e completa democratização do ensino superior àqueles e àqueles oriundos de um meio social que historicamente foi

condicionado a se afastar desse espaço.

O não-elitismo que caracteriza a filosofia institucional do CAHL tem que lidar com o dilema pedagógico de ingressantes pouco instrumentalizados para a vida acadêmica. Não basta democratizar o acesso à universidade, é necessário criar práticas institucionais que ajudem o/a ingressante no processo formativo inicial.

Não devemos, porém, pensar que a dificuldade dos estudantes nos primeiros semestres é uma particularidade do CAHL, ou da UFRB. Recentemente, docentes de vários cursos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) constataram “que uma quantidade significativa de ingressantes nas diferentes carreiras da FFLCH não compreendiam os textos acadêmicos nem escreviam dissertações satisfatoriamente” (Sacchini, 2022, p. 12). Ao perceberem isso, organizaram-se para ofertar uma disciplina transversal que pudesse oferecer aos estudantes a “acolhida acadêmica” necessária ao bom aproveitamento da formação (que, em se tratando de ciências humanas, baseia-se em grande medida na leitura e escrita satisfatória de textos argumentativos em geral complexos).

Ou seja, mesmo uma das universidades mais antigas e mais conceituadas do país, como é a USP, tem observado em seus alunos ingressantes muitas dificuldades que podem gerar má formação, desmotivação, baixa autoconfiança e, no limite, evasão. O contraste entre o perfil dos estudantes da USP e da UFRB nos serve para questionarmos as políticas de incentivo e apoio acadêmico aos estudantes. Por ser uma univer-



cidade recente e com um contingente estudantil majoritariamente de baixa renda e sem um histórico familiar acadêmico, a UFRB enfrenta dificuldades didático-pedagógicas que merecem e precisam ser estudadas com muito cuidado.

Ofertar espaços de acolhimento acadêmico, como é o caso do Seminário Propedêutico de História, pode ser uma alternativa para minimizar as adversidades que assolam calouros e calouras. A formação e a prática docente são um processo eminentemente social, assim, não basta que a instituição universitária forneça infraestrutura (biblioteca, salas, auditórios, laboratórios etc.), é necessário que se estabeleçam relações de ensino-aprendizagem que habilitem o/a estudante a uma prática e relação autônoma e confiante com o saber ao qual está se envolvendo no curso.

O Seminário Propedêutico é acima de tudo uma iniciativa discente, assim, é necessário que os/as graduandos/as do curso possam dar continuidade e permanência ao projeto. Contudo, também devemos sinalizar que o Seminário Propedêutico não deve ser o único projeto vinculado ao curso e sim o pontapé inicial necessário para a criação de outros programas para o curso e para o Centro. Neste sentido, a atualização dos modos de acolhimento é importante, portanto, a renovação dos organizadores do Seminário Propedêutico é um critério ressaltado: os alunos que foram beneficiados com o projeto são incentivados a assumir a linha de frente do programa conforme avancem no curso.

Depois da primeira edição do projeto em 2022, três alunas beneficiadas pelo programa, Larissa Miran-

da, Eduarda Amorim e Iana Aragão, foram convidadas para compor o projeto, levando em consideração que ao se formarem elas deverão realizar o mesmo processo, ou seja, deverão convidar outros discentes para substituí-las na liderança do projeto, dando continuidade à iniciativa. Ressaltamos a necessidade do apoio dos docentes, a parceria entre discentes e docentes é essencial – assim como a criação de iniciativas análogas que possam criar laços entre a(s) graduação(ões) e o(s) mestrado(s).

Em vista de tudo que foi dito, os resultados do projeto estão surgindo de forma gradual, pois ainda estamos na primeira geração do curso que foi beneficiada com a iniciativa. De agora em diante, um dos objetivos do projeto é fazer dele uma parte do currículo acadêmico, tornando-se dessa maneira um conjunto de atividades permanente no primeiro ano do curso. Salientamos que sua continuidade fortalece as políticas de combate à evasão discente. Ao atuar sobre os problemas de autoconfiança do/a estudante, a realização do projeto pode ajudar a diminuir as taxas de abandono do curso ao contribuir para uma formação inicial mais acolhedora, atenta e, portanto, significativa.



Referências

SACRINI, Marcus. **Leitura e escrita de textos argumentativos**. 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

A PALAVRA LIVRO: a construção material da oralidade como técnica para (sobre)vivência acadêmica



84



*Thaís dos Santos*¹⁷

Palavras-Chave:

Oralidade; Literatura; Museologia; Permanência Acadêmica; Protagonismo Estudantil.

¹⁷. Discente do Curso de Bacharelado em Museologia/ CAHL-UFRB.

Em 2021, quando a Universidade buscou retomar às atividades acadêmicas no modelo remoto de ensino, surgiu a necessidade de criação do projeto Tutoria por Pares, que tinha como objetivos “contribuir na adaptação/afiliação dos novos discentes; promover maior integração entre os calouros e veteranos; proporcionar um maior conhecimento das rotinas acadêmicas; incentivar o sucesso acadêmico do discente ingressante” (Site da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia [UFRB], página da Tutoria por Pares).

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da disciplina História do Brasil II, componente obrigatório do Bacharelado em Museologia – CAHL – UFRB, possibilitando a pesquisa evidenciada pela construção social brasileira por meio da oralidade, literatura e da concepção do livro enquanto objeto que simboliza um ícone de conhecimento. A reflexão se origina a partir da construção sobre a percepção diante de uma formação letrada, bem como as camadas mais pobres da sociedade foram diretamente afetadas pelos marcadores sociais de letramento que estabelece a relação com a palavra escrita como fronteira entre as classes sociais.

Pensar a permanência dos estudantes do CAHL como protagonistas de suas próprias narrativas é o farol que guia a pesquisa, levando a confrontar padrões conservadores dentro das instituições, buscando elaborar técnicas que permitam a (sobre)vivência digna e igualitária dentro da UFRB. Ao vivenciar dentro da universidade os lugares de elaborações teóricas, foi possível identificar ao longo de três anos de graduação quão

fundamental e enriquecedor são os campos do diálogo e da linguagem não formal: é na troca entre os colegas que é possível conhecer, através de suas vivências, lugares que não cabem em um livro, mas que estão dentro de cada pessoa, e isso precisa ser amplamente considerado para que haja a preservação das fontes orais que nos cercam cotidianamente.

Para que tais relações pudessem ser desenvolvidas, iniciamos o diálogo por meio do recorte histórico do período colonial, adentrando a modernidade com o advento da tecnologia editorial e a quem se destinava essa produção, bem como a relação com o público leitor, dessa maneira tecendo o afinamento com a importância da imaterialidade discursiva presente na oralidade do corpo acadêmico do Centro de Artes Humanidade e Letras – CAHL.

A premissa que fundamenta a reflexão deste trabalho é a composição plural discursiva em torno do corpo discente que compõe os cursos de graduação do CAHL, em sua maioria voltada ao campo das Artes e Humanidades, lugar este permeado pela possibilidade de narrar e contar vivências por meio de amplas linguagens. Compreender o poder da palavra enquanto um instrumento de materialização possibilita ao estudante vislumbrar horizontes que fomentem e vão ao encontro das suas amplas histórias de vida.

A palavra enquanto livro, que se delineia conforme a vida acadêmica, é elaborada nas vivências discentes que se unem aos outros caminhos que são exclusivos da academia, é uma proposição que se estende ao campo da subjetividade, e provoca a necessidade



de sermos autores das nossas histórias, ainda que as mesmas não estejam materializadas dentro da academia. É sabido que os corpos dissidentes historicamente traçaram uma longa rota para ocuparem os espaços acadêmicos, e por vezes tiveram suas histórias e potencialidade orais silenciadas, uma vez que operam em nossa constituição acadêmica referências e métodos europeus, em sua maioria. Fomentar a abertura de espaços dentro da academia que proponham a discussão com base nas vivências dos alunos, - que são por vezes invisibilizados por não possuírem o discurso acadêmico proposto, é um método capaz de combater práticas que acabam por afastar boa parcela do alunado que não se sente apto para tecer reflexões no nível que a academia propõe, que por sua vez tem como base uma discussão que pouco se debruça sobre as histórias das pessoas, dos corpos que constituem nossa Instituição.

Nesse sentido, partimos de uma análise da construção do público leitor nacional, bem como da construção social de brasilidade que irá se debruçar em normas e conceitos de quem se destina o poder da palavra, analisando assim o objeto livro como ferramenta para denotar prestígio e indicativo de conhecimento, deixando na margem o viés da palavra oral como fonte de conhecimento e pesquisa que podem e devem ser utilizados na elaboração de epistemologia farta e rica para a construção acadêmica pautada na proximidade com a vivência estabelecida entre os corpos universitários que constituem o CAHL, especificamente ao observar os enfrentamentos dos discentes ao longo da sua vivência acadêmica.

Ao pensarmos formas de documentar nossas histórias, veremos que ao longo dos anos a humanidade desenvolveu diversas técnicas de narrar suas vivências como forma de materializar acontecimentos, compilando informações em um objeto que até hoje faz parte do nosso cotidiano: o livro. Tal objeto possui diversas dimensões, que por sua vez dão possibilidade de diagramar seu conteúdo conforme a necessidade e gosto, sejam em forma de cordéis, zine, capa dura ou miolo. Ainda no Egito antigo, a técnica de escrever os hieróglifos nos papiros modificou significativamente a maneira que as gerações futuras teriam contato com o livro. Outra modificação importante se deu a partir da difusão do cristianismo, a necessidade de materializar as sagradas escrituras de uma forma que pudessem ser amplamente manuseadas deu início ao livro em formato de códice, uma vez que o rolo dos pergaminhos não era viável para confecção e transporte.

Ao saltarmos no tempo e vislumbrarmos os adventos da modernidade, a confecção dos livros tornou-se mais popular, porém ainda pouco acessível para algumas classes sociais, tendo em vista que no século XV o objeto livro era destinado à corte, por exemplo. Os escritores da época destinavam belas dedicatórias para os nobres que encomendavam livros. Tal fato denota a relação de controle, prestígio e privilégios do valor simbólico presente em tal objeto, tendo em vista que poucas pessoas, além dos nobres, eram alfabetizadas.

Ao nos debruçarmos diante da formação do ideal de sociedade brasileira, veremos que aqueles que mantinham o conhecimento necessário para usufruir



da literatura, pertenciam às camadas mais altas da sociedade, pois esses eram alfabetizados e gozavam do letramento e do acesso aos meios sociais que possibilitavam a interação com literatos. O século XIX e início do XX foram responsáveis pela produção significativa da literatura nacional, tendo em vista que o maquinário importado do exterior, fruto dos grandes avanços da modernidade, possibilitou a realização do texto impresso em larga escala. Um dos grandes autores desse período foi o escritor Machado de Assis, que por muitos anos foi reconhecido como um escritor branco dada a sua genialidade e prestígio social. Tal fato denota o caráter racista que ainda assombrava as veias nacionais mesmo após a abolição. Machado de Assis escrevia romances, novelas, crônicas, e muitas delas tinham um público a ser destinado: o feminino. Diante da caracterização da sociedade burguesa e patriarcal, as mulheres performavam o perfil de senhoras cultas e castas, que passavam suas tardes lendo livros, bordando e gerenciando as tarefas domésticas enquanto seus maridos estavam cuidando dos negócios da família.

Nesse sentido, a relação cultural e social do livro enquanto objeto de grande valor foi responsável por criar relações pontuais na construção cultural em todo o mundo: do oriente ao ocidente, o livro enquanto objeto possui diferentes formas e poder cultural. Para entendermos um pouco melhor essa relação é possível nos debruçarmos sobre a ideia de que no Brasil a possibilidade de taxaço dos livros pelo Ministro da Economia, no ano de 2020, ilustrou bem a maneira pela qual o livro, a literatura, a instrução, o conhecimento,

são vistos em nossa sociedade. É possível perceber que o livro enquanto objeto carrega não só um conglomerado de símbolos e signos visuais, mas também estabelece grandes modificações culturais e potenciais para toda sociedade, uma vez que, de forma documental ou literária, o conhecimento que nos é apresentado pelo objeto é a materialização daquilo que a humanidade deseja comunicar e propagar ao longo do tempo. Dessa maneira, a importância da valorização discursiva com base nas vivências alcançadas ao longo de nossas vidas é fundamental para materializar nossas histórias. Pensando no âmbito acadêmico, lugar de disputa, luta e construção de elaborações científicas, se faz necessário considerarmos o poder da oralidade como ponte para a valorização da memória dos corpos que ocupam esses espaços, e que historicamente foram silenciados e não tiveram a oportunidade de materializar as suas vidas como fontes de elaboração simbólica na construção acadêmica.

Outro ponto que delinea a formação do caráter nacional e o ideal de brasilidade que está posto na academia se constitui, significativamente, pela oralidade, ação que tem o efeito de transmitir informações que podem ser indexadas na cultura social de determinado lugar. O artigo História Oral: problemas e métodos, das autoras Matos & Senna (2011), propõe um diálogo acerca da construção da história oral como uma importante fonte de pesquisa, ainda que ocorram problematizações sobre a validade dos discursos em torno da mesma. A história oral está presente na cultura imaterial de várias sociedades, ao longo dos anos esse foi

um dos artifícios encontrados para transmitir informações entre as pessoas. Na museologia, contamos com a identificação e valorização de figuras importantes para nossa cultura, Mestras e Mestres do Saber reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), cujo bem material se dá por meio da transmissão oral, ambos caminhando lado a lado, materialidade e imaterialidade.

A proposta fundamentada pelas autoras nos mostra como é importante a análise minuciosa das fontes orais, haja vista que compreender a História Oral como um dos campos da História permeia outras áreas de conhecimento para que a mesma atue com legitimidade, seja em diálogo com a Antropologia, Ciências Sociais e áreas afins.

O autor Jacques Le Goff defende que a história oral é parte da memória da história, possibilitando o foco nas narrativas contadas ao longo do tempo, e que por sua vez trazem informações que nenhum outro meio seria capaz de abarcar. Fontes orais são construídas a todo momento, uma vez que a oralidade é um dos meios de comunicação que, naturalmente, nos constitui, e é nesse sentido que as autoras MATOS & SENNA (2011) expõem o historiador em sua busca constante para obter material que se constitui por diversos segmentos. A possibilidade das fontes orais como método historiográfico é fundamental para a composição da documentação em torno da pesquisa, ainda que solicite um cuidado maior em confrontar sua veracidade. Os atributos orais contidos em nossa sociedade possibilitam a profundidade do contato pessoal com a

fonte, pois são as pessoas que carregam consigo as informações que, por muitas vezes, não estão presentes nos livros, nem nas fotografias. As construções das imagens sociais também se dão por meio da oralidade, as figuras representativas que carregam notório poder simbólico constroem e reforçam padrões instituídos pela relação de dominação. É importante salientar que a construção da identidade nacional foi forjada com critérios e parâmetros voltados para o norte global, desconsiderando a subjetividade dos povos originários do nosso país. A maneira pela qual a modulação de uma imagem nacional foi construída denota o rigor ficcional de um imaginário que nunca existiu. Ainda que séculos tenham passado desde a caracterização do Brasil Império, a camada dominante do país jamais abdicou da função de fazer a manutenção e atualização do ideal nacional. Podemos ver que há na palavra um valor simbólico quantitativo e qualitativo, que ao longo do tempo se torna cada vez mais importante para contarmos nossa história.

A imaterialidade da palavra se transforma constantemente em um combustível para que o passado não seja esquecido, e principalmente, não seja passível de distorções que objetivem destituir a cultura e os direitos fundamentais de toda e qualquer pessoa. Discutir e elaborar projetos voltados para a ruptura dos discursos hegemônicos dentro da academia é uma estratégia de enfrentamento das heranças coloniais. Abrir caminhos para que o corpo discente seja protagonista de suas próprias construções epistêmicas é o pacto que devemos estabelecer para que a universidade igualitária que



queremos não seja sucumbida pelo conservadorismo das ações que tirem de nós o farol para transformar a vida de quem nos rodeia. Abrir espaço, fazer ecoar materialmente os anseios da construção social da pluralidade discursiva dentro da academia são frutos para um futuro potente, diverso, horizontal. É necessário fomentar ainda mais a construção de pilares que reverberam as nossas histórias, principalmente ao expormos as nossas sobre (vivências) enquanto potencialidade cultural, de uma literatura viva, que se transforma a cada momento, pois é enunciada por corpos em movimento constante em busca do reconhecimento que foi historicamente desviado para as margens do Brasil.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008. Disponível em: 169. Acesso em: 05 de agosto. 2023.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: EDUSP, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.

MATOS, J. S., & Senna, A. K. de. **História oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiæ*, 2(1), 95–108. 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

ZILBERMAN, Regina. História da Literatura e Identidade Nacional. In JOBIM, José Luis (org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.



II.

Perfis da comunidade acadêmica do CAHL e suas trajetórias

DESEMPENHO ACADÊMICO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS NO CURSO DE GESTÃO PÚBLICA: Há diferença?

Doraliza Auxiliadora Abranches Monteiro¹⁸
Raflézia Souza Almeida Nascimento¹⁹
Lys Maria Vinhaes Dantas²⁰
Elaine Silva Cordeiro²¹

Palavras-Chave:

**Ações afirmativas; Formação no Campo de
Públicas; Lei de Cotas.**

¹⁸. Professora do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública-CAHL/UFRB

¹⁹. Tecnóloga em Gestão Pública pelo CAHL/UFRB.

²⁰. Docente do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública-CAHL/UFRB.

²¹. Doutoranda em Estudos de Gênero, Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social pela UFRB, Bacharela em Direito.

Uma discussão ainda presente nos estudos sobre educação superior no Brasil se refere às formas de inclusão e às cotas. Desde 2012, quando da promulgação da Lei 12.711/2012 (Lei de Cotas), tem havido um número expressivo de trabalhos que analisam o comportamento de cotistas e de não cotistas, sob múltiplos aspectos e variadas dimensões e abordagens de análise. Um levantamento da produção acadêmica sobre o desempenho de cotistas e de não cotistas nesses dez anos resultou em 66 trabalhos, dentre artigos, dissertações e teses, que analisaram cotas como políticas públicas de ações afirmativas (Costa, 2016; Griner et al, 2013); questões de evasão (Santos, 2013); de inclusão (Carvalho e Garcia, 2019; Ferreira e Gurgel, 2012) e acesso e permanência (Costa, 2018; Jucá et al, 2019), comparações diversas sobre desempenho e eficiência (Araújo, 2021; Araújo et al, 2020; Cavalcanti et al, 2019; Cimino, Santos e Carvalho, 2015; Peixoto, Ribeiro e Bastos, 2017; Santiago et al, 2012), racismo e questões de exclusão (Lemos, 2017; Maciel, 2014), dentre outros. Para tanto, foram adotadas várias abordagens metodológicas, a exemplo das quantitativas, com o uso de funcionamento diferencial de itens (DIF), Teoria de Resposta ao Item (TRI), análise envoltória de dados (DEA), análise descritiva, por um lado, e estudos de caso, utilização de grupos focais e outras abordagens de natureza mais qualitativa.

Contudo, para este mesmo período e utilizando-nos das mesmas ferramentas de busca, não foram encontrados trabalhos que tivessem foco em um ou

vários cursos que compõem o Campo de Públicas, a exemplo dos cursos de Administração Pública e de Gestão Pública. Assim, neste estudo, foi investigado o desempenho acadêmico de cotistas e não cotistas (AC) do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CSTGP-UFRB), tomando como referência alunos que concluíram o curso entre 2012 e 2022, período que marcou os 10 anos da Lei de Cotas no Brasil.

Para a coleta dos dados relacionados ao perfil do egresso e às variáveis de desempenho, foram extraídas informações de 164 egressos do Curso no período estudado, a partir dos históricos acadêmicos e do Sistema de Gestão das Atividades Acadêmicas – SIGAA. Sobre o perfil pessoal, consideramos as variáveis sexo, município de nascimento e idade em que concluiu o curso (calculada a partir do item “ano de nascimento”), período letivo inicial e de saída e Status Cotista. Destaca-se que o nome das variáveis foi dado a partir das informações extraídas como informado no histórico ou no Sistema Acadêmico, mantendo os padrões institucionais na análise.

Dos 164 egressos, a maioria era composta por mulheres (52,4%) e tinha nascido em municípios situados na Bahia: Feira de Santana e Salvador, com 31,8%, e Cachoeira (14,6%), Cruz das Almas (14%) e São Felix (13,4%), no Recôncavo. Alguns egressos eram oriundos de outros estados (SP - 5, RJ -1, PE-1, MS-1). A média de idade de conclusão de curso foi de 30 anos, com desvio-padrão de 8,9 anos. A idade mínima de conclusão foi de 20 anos e a máxima de 57 anos. A metade

dos alunos (82) concluiu o curso com até 28,5 anos, o que reforça a natureza do Curso, tecnológico e oferecido no noturno, para um público trabalhador e mais velho. A média de idade de conclusão de curso entre cotista e AC foi a mesma (30 anos).

O período letivo de ingresso predominante, para estes egressos, se deu nos semestres 2012.1 (27) e 2011.1 (24). Os semestres com maior número de conclusão de alunos foram 2013.2 (19), 2019.1 (15) e 2021.2 (15). O tempo médio de permanência no curso foi de 8,7 semestres, acima do prazo médio de conclusão estipulado pelo PPC (8), tendo o mínimo de 6 semestres (tempo mínimo estipulado) e o máximo de 17 semestres, demonstrando retenção de alunos no curso. A metade destes alunos formou em 4 anos (8 semestres-mediana).

Dentre as múltiplas modalidades (Tabela 1), a maior parte destes egressos (86; 52,5%) ingressou por cotas, em suas diversas tipificações, e 45,7% (75 alunos) por AC. Três alunos ingressaram “sem reserva”, ou seja, por outras formas de ingresso, como editais de portador de diploma e transferência externa. Dentre as modalidades caracterizadas como cotas, predominam a “RV1. Cotista autodeclarado Preto ou Pardo (Resolução CONSUNI nº 005/2009)” com 16,5 % dos concluídos, “L2. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo”, “L3. que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas” com 15,2 % e “L4. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da ren-



da, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012, alterada pela Lei nº13.409/2016)” com14,0%.

Para analisarmos o desempenho acadêmico dos egressos, consideramos as variáveis: IRA (Índice de Rendimento Acadêmico), número de reprovação em componentes, número de trancamentos em componentes, número de trancamento total, carga horária em

Tabela 1. Modalidades de ingresso dos egressos do STGP–UFRB 2012-2022.

Modalidade de Ingresso	Frequência	%
AC. Vagas de Ampla Concorrência	75	45,7
L1. Candidatos com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei nº12.711/2012, alterada pela Lei nº13.409/2016).	5	3,0
L2. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.	25	15,2
L3. Candidatos que, independentemente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei nº 12.711/2012, alterada pela Lei nº13.409/2016).	1	0,6

Modalidade de Ingresso	Frequência	%
L4. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (Lei nº12.711/2012, alterada pela Lei nº13.409/2016)	23	14,0
RV1. Cotista autodeclarado Preto ou Pardo(Resolução CONSUNI nº005/2009).	27	16,5
RV2. Cotista autodeclarado Indígena ou descendente (Resolução CONSUNI nº 005/2009).	1	0,6
RV3. Cotista que tenha cursado integralmente o ensino médio em escola pública(Resolução CONSUNI nº 005/2009).	1	0,6
CQ. Candidato Morador de Comunidade Quilombola (Resolução CONAC nº026/2014).	3	1,8
SR. Sem reserva de vaga (modalidade utilizada para os(as) convocados(as) nos processos seletivos que não utilizam a reserva de vagas)	3	1,8
TOTAL	164	100

Fonte: resultados da pesquisa.

atividades curriculares complementares (ACC) e tempo de permanência no Curso (Quadro 1).

Os dados foram tratados estatisticamente. Após análise descritiva exploratória, foi realizado teste de médias para amostras independentes e estimado modelo de regressão linear múltipla com variáveis relacionadas ao IRA, considerado o principal indicador de desempenho.

A análise descritiva compreendeu análise de frequência e medidas de tendência central e dispersão, como média, desvio-padrão (DP) e amplitude, que visam verificar como os dados estão distribuídos e concentrados. Com o propósito de comparar médias de desempenho entre cotistas e AC, foi realizado o teste t-Student para amostras independentes, que permite analisar se duas médias coletadas de amostras independentes diferem de forma significativa (Field, 2009). Por fim, foi estimado um modelo de regressão por mínimos quadrados ordinários visando identificar associações do desempenho com variáveis previsoras.

Os dados foram coletados entre outubro e dezembro de 2022, consolidados em planilha Excel e operacionalizados pelo programa Stata 14.0.

Conforme Tabela 2, observamos que a média geral do IRA foi de 7,5, variando de mínimo de 4,3 e máximo de 9,3. A média geral de carga horária de ACC foi 82,1h, a mínima (igual à exigida pelo PPC) foi 68h e a máxima de 175,5 h, com desvio-padrão de 19,7 horas. Em relação ao número de reprovação em compo-

Quadro 1. Variáveis da pesquisa relacionadas ao perfil pessoal e ao desempenho acadêmico dos egressos do CSTGP-UFRB.

VÁRIÁVEIS PERFIL	DESCRIÇÃO	FONTE
Sexo	1– Feminino / 2– Masculino	Histórico Acadêmico
Município	Município de Nascimento	Histórico Acadêmico
Idade	Idade (em anos) de conclusão do curso	Histórico Acadêmico
Período Letivo	Período letivo inicial e de saída	Histórico Acadêmico
Cotista	1-Sim / 2- Não	SIGAA
DESEMPENHO		
IRA	Índice de Rendimento Acadêmico (0– 10)	Histórico Acadêmico
Reprovação	Número de reprovação em componentes	Histórico Acadêmico
Trancamento	Núm. de trancamento em componentes	Histórico Acadêmico
Trancamento Total	Núm. de trancamento total do curso por semestre	Histórico Acadêmico
ACC	Atividades complementares curriculares (Carga Horária)	Histórico Acadêmico
Tempo de Permanência	A razão entre o período letivo de saída e o período letivo inicial por semestre	Histórico Acadêmico

Fonte: elaboração própria

Tabela 2. Desempenho acadêmico dos alunos egressos de Gestão Pública da UFRB.

VÁRIÁVEIS DE DESEMPENHO	N	Min.	Max.	Média	DP
IRA	164	4,3	9,3	7,5	1,1
ACC (CH)	163	68	175,5	82,1	19,7
REPROVAÇÃO / COMPONENTE	164	0	28	4,1	5,9
TRANCAMENTO / COMPONENTE	164	0	13	1,3	2,3
TRANCAMENTO / TOTAL	164	0	4	0,1	0,5

Fonte: resultados da pesquisa.

centes, a média geral foi de 4,1 por egresso. Dos 164 egressos, 34,8% não reprovaram em componentes e 26,8% reprovaram em até dois componentes. Dos alunos que trancaram componentes em algum momento, 22% o fizeram uma vez, 8,5% por duas vezes e 53% nunca trancaram componentes.

Analisando a modalidade de ingresso (Tabela 3), foi possível observar que os cotistas possuíam melhores desempenho nas variáveis IRA, ACC e reprovação. O IRA de cotista teve média 7,51 e o de AC 7,42. Já a média de reprovação para os cotistas foi 3,63, enquanto para os AC foi de 4,55. E a carga horária de ACC média dos cotistas foi de 83,74h, enquanto para os de AC foi 80, 79h.

Para comparar estatisticamente o desempenho acadêmico de alunos cotistas e alunos AC do CST-

Tabela 3.IRA, ACC e reprovação/ semestre, por modalidade de ingresso. (Fonte: resultados da pesquisa)

IRA POR MODALIDADE DE INGRESSO	N	Min.	Max.	Média	DP
IRA GERAL	164	4,3	9,3	7,45	1,09
IRA COTISTAS	86	4,3	9,3	7,51	0,99
IRA AMPLA CONCORRÊNCIA	75	4,3	9,3	7,42	1,19
ACC GERAL	163	68,0	175,5	82,1	19,7
ACC COTISTAS	86	68,0	175,5	83,74	21,8
ACC AMPLA CONCORRÊNCIA	75	68,0	146,8	80,79	17,4
REPROVAÇÃO GERAL	163	0	28	4,10	5,9
REPROVAÇÃO COTISTAS	86	0	26	3,63	5,19
REPROVAÇÃO AMPLA CONCORRÊNCIA	75	0	28	4,55	6,75

Fonte: resultados da pesquisa.

GP_UFRB, foi realizado teste de médias para amostras independentes. O resultado não apresentou significância estatística (0,609), o que sinaliza que não há diferença entre o desempenho de alunos cotistas e não cotistas (Tabela 4). Esse achado corrobora estudos que demonstraram não haver diferença de desempenho entre os dois grupos, como os de Araújo (2021), Campos et al, (2017), Griner et al. (2013), Pena e Matos e Coutrim (2020).

Tabela 4. Desempenho acadêmico de alunos na modalidade de AC (ampla concorrência) e cotistas.

TESTE DE MÉDIAS PARA AMOSTRAS INDEPENDENTES					
AC X COTAS	N	Média IRA	DP	Test t	Sig.
IRA GERAL	75	7,42	1,19	-0,51	0,609
COTAS (SOMATÓRIO DAS MODALIDADES)	86	7,51	0,99		

Fonte: resultados da pesquisa.

Na Tabela 5 são apresentados os resultados do teste de média para os tipos específicos de cotistas que tiverem o maior número de alunos e o resultado também não apresentou significância na análise comparada com o IRA dos que ingressaram por AC.

A pesquisa permitiu, ainda, estimar um modelo de regressão para identificar outras variáveis relacionadas ao desempenho acadêmico dos egressos do CSTGP-UFRB. Foi considerado o IRA como a variável dependente e, como variáveis explicativas, uma variável dummy (1-Cotista;2-Não cotista) e variáveis numéricas, como o número de reprovação, trancamentos em componentes e trancamento total, atividades complementares curriculares (CH), tempo de permanência no curso e variáveis de controle, como a idade de conclusão de curso e o gênero (dummy).

As variáveis que apresentaram relação significativa foram: o tempo de permanência no curso, o número de reprovações em componentes e a idade

Tabela 5. Teste para alunos de AC e por tipo de Cotas

ESTATÍSTICA GRUPO					
TESTE t para: ACxL2	N	Média IRA	DP	Test t	Sig.
AC	75	7,42	1,19		
L2. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com renda familiar bruta per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.	25	7,51	0,80	-0,667	0,506
TESTE t para: ACxL4	N	Média IRA	DP	Test t	Sig.
AC	75	7,42	1,19		
L4. Candidatos autodeclarados pretos, pardos ou indígenas que, independentemente da renda, tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.	23	7,71	0,92	-1,219	0,229
TESTE t para: ACxRV1	N	Média IRA	DP	Test t	Sig.
AC	75	7,42	1,19		
RV1. Cotista autodeclarado Preto ou Pardo.	23	7,71	0,92	-1,219	0,229

Fonte: resultados da pesquisa.

de conclusão do curso. Quanto maior o tempo de permanência no curso, o número de reprovações e a ida-

de de conclusão de curso, menor foi o IRA dos alunos. Assim como foi possível confirmar, a partir de outro método de pesquisa - modelo de regressão -, de que não houve diferença de desempenho entre cotista e AC, anteriormente observado no teste de médias.

Tabela 6. Variáveis relacionadas ao desempenho acadêmico – IRA.

IRA - DESEMPENHO ACADÊMICO	Coefficiente	Std Erro	t	Sig.
VARIÁVEIS EXPLICATIVAS				
COTISTA	.0365464	.0780085	0.47	0.640
REPROVAÇÃO	-.1426214	.0095725	-14.90	0.000**
TRANCAMENTO EM COMPONENTES	.024054	.0182112	1.32	0.189
TRANCAMENTO TOTAL	.1155357	.076815	1.50	0.135
ATIVIDADES COMPLEMENTARES (ACC)	.0000392	.0000742	0.53	0.598
PERMANÊNCIA NO CURSO	-.0757298	.0277476	-2.73	0.007**
VARIÁVEIS DE CONTROLE				
IDADE DE CONCLUSÃO	.0365464	.0780085	0.47	0.640
GÊNERO	-.1426214	.0095725	-14.90	0.000**
CONSTANTE	.024054	.0182112	1.32	0.189

Fonte: resultados da pesquisa.

Esta pesquisa, realizada a partir dos egressos, aponta para a não diferença de desempenho acadêmico entre cotistas e alunos que ingressaram no CSTGP-UFRB por ampla concorrência. Este achado, obtido por meio de duas diferentes abordagens estatísticas, nos permite destacar o papel inclusivo da Lei de Cotas no ensino superior. Considerando ser a UFRB uma universidade com apenas 18 anos, situada em território empobrecido e com demanda expressiva de educação pública e gratuita, refletimos que a Lei 12.711/2012 é uma poderosa ferramenta de democratização da educação superior e celebramos seus 10 anos de existência.



Referências

ARAUJO, Antônia Amanda et al. **Diferencial de desempenho dos estudantes cotistas no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes**: evidências sobre as instituições de ensino superior federais. Revista Brasileira de Educação [online]. 2020, v. 25 [Acessado 14 Setembro 2022], e250064. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250064>>.

ARAÚJO, Glaysson Aguilar de. **Ações afirmativas e desempenho discente contábil [manuscrito]**: uma análise longitudinal com estudantes da UFMG. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Controladoria e Contabilidade. FCE-UFMG, 2021. 110 f.: il.

ARRIGONI, Fernando José. **Gestão pública**: busca da igualdade social a partir da Ação Afirmativa Cota no ensino superior brasileiro. Tese de doutorado. FGV-EBAPE, 2018. 307 f.

BRASIL. **Lei 12.711**, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá

CAMPOS, L. C.; MACHADO, T. R. B.; MIRANDA, G. J.; COSTA, P. S. **Cotas sociais, ações afirmativas e evasão na área de Negócios**: análise empírica em uma universidade federal brasileira. Revista Contabilidade & Finanças - USP, v. 28, n. 73, p. 27-42, 2017.

CARVALHO, R. M. A.; GARCIA, F. C. **Percepção sobre o desempenho de alunos cotistas e não cotistas: um estudo de caso dos alunos de Direito e Medicina da Universida-**



de Federal de Viçosa. FACEF Pesquisa: Desenvolvimento e Gestão, v. 22, n. 1 – jan./fev./mar./abr. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2XysTZh>. Acesso em: 27 dez. 2019.

CAVALCANTI, I. T. N. et al. **Desempenho acadêmico e o sistema de cotas no ensino superior:** evidência empírica com dados da Universidade Federal da Bahia. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]. 2019, v. 24, n. 1 [Acessado 12 Setembro 2022] , pp. 305-327. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-407720190001000016>>. Epub 25 Abr 2019. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-407720190001000016>.

CIMINO, L. de S.; SANTOS, E. V. dos; CARVALHO, L. A. de. **Análise do desempenho acadêmico entre alunos cotistas e não cotistas do IFMG** -campus Congonhas e Formiga. Diálogo, São Paulo, n. 41, p. 1-18, e 20206, maio/ago. 2022. Disponível em:<https://doi.org/10.5585/414.2022.20206>.

COSTA, F. P. **Acesso e permanência no ensino superior: uma análise para as universidades federais brasileiras** / Fabiana Pereira Costa. – 2018. 81 f.: il. ; 30 cm.

COSTA, I. R. B. **Política de cotas e cidadania: o ingresso no ensino superior na concepção dos gestores da UERN.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 137p. 2016.

FIELD, A. **Descobrendo a estatística usando SPSS.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

GRINER, A.; GOMES, A. C. C.; SAMPAIO, L. M. B.; SOUZA, S. K. C. **Políticas de cotas:** desempenho acadêmico e determinantes de acesso à Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Ciências Administrativas, v. 19, n. 1, p. 166-



185, 2013.

JUCÁ, S. C. S., CANDIDO, F. G., SILVA, S. A. da; ALVES, F. R. V. **Acesso, Permanência e êxito no Ensino Superior: Análise do Desempenho Acadêmico e da Evasão de Estudantes no IFCE.** Revista Thema 16.1 (2019): 115–28. Web.

LEMOS, I. B. **Narrativas de cotistas raciais sobre suas experiências na universidade.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2017, v. 22, n. 71 [Acessado 14 Setembro 2022], e227161. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227161>>. Epub 07 Dez 2017. ISSN 1809-449X. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227161>.

MACIEL, R. O. **Acesso e produção acadêmica de estudantes cotistas negros da Universidade Federal do Maranhão.** 2014. 177 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEIXOTO, A. de L. A., RIBEIRO, E. M. B. de A., BASTOS, A. V. B., & RAMALHO, M. C. K. **Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento.** Avaliação: Revista Da Avaliação Da Educação Superior (Campinas), 21(2), 569–592, 2016. <https://doi.org/10.1590/s1414-40772016000200013>.

PENA, M. A. C.; MATOS, D. A. S.; COUTRIM, R. M. da E. **Percurso de estudantes cotistas: ingresso, permanência e oportunidades no ensino superior.** Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) [online]. 2020, v. 25, n. 01 [Acessado 12 Setembro 2022] , pp. 27-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-40772020000100003>>. Epub 22 Maio 2020. ISSN 1982-5765. <https://doi.org/10.1590/S1414-40772020000100003>.

SANTIAGO, W. P.; SOUSA, C. V.; SAMPAIO, D. O.; FAGUNDES, A. F. A. **Análise da eficiência acadêmica de alunos cotistas e não cotistas: um estudo utilizando a análise envoltória de**



dados. Revista Ciências Administrativas, v. 18, n. 2, p. 710-730, 2012.

SANTOS, P. S. **Adaptação à universidade dos estudantes cotistas e não cotistas**: relação entre vivência acadêmica e intenção de evasão. Dissertação (PPGPSI). 2013. p.112.

TRAMONTINA, R.; DA SILVA, R. L. N. **O debate em torno das cotas raciais como critério para o ingresso no ensino superior**: Considerações acerca da Ação por Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186. Revista Brasileira de Direitos Fundamentais & Justiça, [S. l.], v. 8, n. 28, p. 190–208, 2014. DOI: 10.30899/dfj.v8i28.204. Disponível em: <https://dfj.emnuvens.com.br/dfj/article/view/204>. Acesso em: 16 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. **Resolução CONSUNI nº 005/2009**. Dispõe sobre normas para o processo seletivo para ingresso nos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia com a adesão ao Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Disponível em <https://www1.ufrb.edu.br/soc/atas-e-resolucoes?page=23>



O CASO DO PROJETO ACADÊMICO MUSE- OLOGIA SOLTANDO O VERBO E AS REPRE- SENTAÇÕES ESTUDAN- TIS NO CAHL\UFRB

Sidilei Cardoso De Souza²²

Palavras-Chave:

**Enfrentamento à COVID-19, Museologia, Re-
presentação Estudantil, Rede Social.**

²². Discente no Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural - PPGAP\UFRB

A presente pesquisa acadêmica, criada e idealizada com base nas vivências e experiências práticas na gestão do Coletivo Acadêmico da Graduação em Museologia (CAMUS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), pelo Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) localizado nas cidades da Cachoeira e São Félix\BA no período de 2019-2020, objetivou a mobilização da comunidade acadêmica do curso do Bacharelado em Museologia do CAHL\UFRB em um período temporal da pandemia COVID-19.

A pandemia da doença causada pelo novo coronavírus, COVID-19, com reflexos e impactos sobre o cenário mundial, foi agravando as taxas de morbidade e mortalidade. Diante desse cenário, se tornou urgente a necessidade de capacitar e qualificar profissionais da área de saúde no enfrentamento dessa doença (BRITO, SÁVIO BRENO PIRES ET AL.,2020).

Em resumo, os representantes dos discentes da Graduação em Museologia\UFRB, eleitos de forma democrática por votação dos próprios discentes do curso em museologia, com base no Edital\eleitoral– CAHL\UFRB nº 04\19 e termo de posse da gestão “Museologia para o Mundo: Por uma museologia ativa” assinado em 18 de junho de 2019, idealizaram um projeto de extensão vinculado ao CAHL\UFRB com o objeto: um diálogo acadêmico com os estudantes, professores, pesquisadores em um canal na rede social (Instagram).

Um diálogo entre o corpo discente em Museologia e pesquisadores do “campo museal”. Como recurso didático foram utilizadas entrevistas em tempo real (lives) nas quais um estudante do curso entrevistava um pes-



quisador de um determinado tema sobre a museologia ou áreas afins. Este projeto – Museologia soltando o verbo – visou desta forma a manutenção de atividades acadêmicas entre estudantes e professores em um período de pandemia global, utilizando as redes sociais como Instagram, como recurso expositivo e didático para tal finalidade.

Durante a apresentação do projeto, 10 professores\pesquisadores foram entrevistados, entre representantes da UFRB, UFBA, UFPE, Museus Federais e Escolas Técnicas, com média de 2 mil visualizações durante todo o projeto e com 44 participações simultâneas em cada live, utilizando o endereço oficial do CAMUS: @museologia.ufrb Os temas foram diversos como: o currículo dos entrevistados, o mercado de trabalho na museologia, as pesquisas desenvolvidas no campo museal e outros tópicos.

O projeto Museologia Soltado o verbo “Programa de Extensão de Acompanhamento e Enfrentamento à CoVid-19” (UFRB nº 04701/2020), promovido pelo Coletivo Acadêmico da Graduação em Bacharelado em Museologia do CAHL\UFRB, no período de 14 de abril a 14 de junho de 2020, fez um total de 26 horas de atividades e mostrou como a representação estudantil é uma das bases fundamentais na formação dos estudantes das instituições de ensino, em especial a nível federal, como no caso foi exemplificado anteriormente, na autoria e execução do projeto.

Desta forma os jovens possuem no Movimento Estudantil um meio pelo qual podem expressar suas reivindicações, as quais perpassam, muitas vezes, pe-

las questões do cotidiano estudantil, tais como: Cotas, Passe Livre e Reforma Universitária. Essa última era a principal reivindicação presente nos protestos estudantis nos anos sessenta, o que contribuiu para significativa participação dos estudantes na luta contra a ditadura nos seus primeiros quatro anos, dentro dos longos vinte anos de ditadura militar do Brasil (PAULA,2007).

Com participação da comunidade acadêmica, o projeto Museologia soltando o verbo foi um dos primeiros no gênero no CAHL\UFRB, com utilização das lives para comunicação acadêmica entre os discentes e docentes UFRB, método utilizado posteriormente por outras instituições federais e espaços museais. Este projeto, criado e organizado 100% por discentes do CAHL\UFRB, mostrou à comunidade acadêmica como é possível uma organização ativa dos estudantes. Assim, a trajetória acadêmica dos discentes da UFRB, com vínculos diretamente ligados ao CAHL, visa também a participação nestes espaços de “poder e representação estudantil” como parte do processo de formação acadêmica universitária, como observamos no estatuto do Coletivo Acadêmico da Graduação em Museologia (CAMUS), em Capítulo I - Das Disposições Preliminares:

Art.1º- Fica criado, a partir do dia dezesseis de abril de dois mil e doze o Regimento do Diretório Acadêmico de Museologia, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que regula os direitos, deveres e responsabilidades do Corpo Discente e Diretoria da entidade.

Art.2º- Esse Diretório, fundado em 2006 conforme votação em Assembleia Geral é o



órgão de congregação dos alunos do curso de Graduação em Museologia.

Capítulo II - das finalidades:

Art.3º- O Diretório Acadêmico de Museologia é uma entidade civil, sem fins lucrativos, sem filiação político-partidária, de duração ilimitada, independente das estruturas administrativas da Universidade, órgão máximo de representação e coordenação dos estudantes do Curso de Graduação em Museologia.

§1º- Toda ação efetuada em nome deste estatuto e de conformidade com suas cláusulas, provêm do poder delegado pelos estudantes do Curso de Graduação em Museologia, e em seu nome será exercida.

§2º- O Diretório Acadêmico de Museologia, em vigência só poderá ser dissolvido através de uma Assembleia Geral-adiante definida- com 1/3 da totalidade de alunos do Curso de Graduação em Museologia.

Art.4º- Competência do Diretório Acadêmico: Congregar e representar os alunos de museologia, defendendo interesses da categoria; Lutar intransigentemente pelo ensino gratuito de qualidade em todos os níveis; Manter contatos e promover atividades conjuntas com entidades representativas, e sempre que necessário e conveniente aos interesses e aspirações dos estudantes de Museologia; Promover, através de debates, conferências, cursos e distribuição de impressos, novas mídias ou por qualquer outro meio, a divulgação e discussão de assuntos culturais, científicos, sociais, políticos, e de

movimentos estudantis visando permitir que os estudantes adquiram plena consciência de sua função na sociedade; Lutar pela contínua adequação do ensino da Universidade às reais necessidades e aspirações da comunidade acadêmica; Lutar pela liberdade e direitos fundamentais, particularmente os de expressão, organização, manifestação e reunião dos estudantes e da comunidade; Garantir o posicionamento político dos estudantes do Curso de Graduação em Museologia, em relação aos problemas internos e externos à Universidade.

Capítulo V - Do Corpo Discente:

Art.10°- Todo aluno do Curso de Graduação em Museologia é parte integrante do Diretório Acadêmico de Museologia.

Art.11°- São direitos dos alunos: Constituir Assembleias Gerais de acordo com os artigos 23° e 25°, respectivamente; Comparecer com direito a voz e voto a todas as Assembleias Gerais; Constituir Plebiscito de acordo com os artigos 25° e 33°, respectivamente; Comparecer com direito a voto a todos os Plebiscitos; Em conformidade com este estatuto, votar e ser votado para Diretoria do Diretório Acadêmico de Museologia, bem como participar de qualquer departamento ou comissão da entidade; Manifestar sua opinião e posição, sempre que julgar necessário, no interior dos órgãos do Diretório Acadêmico de Museologia, ou frente ao conjunto dos alunos.

Art.12°- São deveres dos alunos: Cumprir e fazer cumprir o presente estatuto; Tomar



parte nas Assembleias Gerais e Plebiscitos para os quais tenham sido convocados.

Capítulo X – Da Alteração Do Estatuto:

Art.39º- O presente estatuto será reformado total ou parcialmente apenas por decisão em Assembleia Geral com “quórum” de 1/3 do total de estudantes do Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Desta forma e com direcionamento nas regras criadas e publicadas de forma democrática em seu estatuto (CAMUS), que foi transcrito anteriormente, os discentes podem participar deste espaço democrático, auxiliando na convivência acadêmica da coletividade estudantil, seja com programas de permanência estudantil. Há mobilizações em projetos junto à comunidade da cidade da Cachoeira, como foi o caso do projeto expográfico: o Maior Patrimônio de Cachoeira é o Seu Povo – Memórias, Mitos, História e Resistência; avaliação da disciplina CAH218 – Exposição Curricular, tem por intuito estimular a preservação da identidade e memória da comunidade da cidade de Cachoeira através de seu povo, onde 05 (cinco) bairros representarão o cenário e os personagens abordados pela exposição. Esses locais foram escolhidos de acordo com algumas características peculiares deles, que se relacionam com o conceito dessa exposição. Os tópicos deste projeto idealizado por discente do curso em Museologia;

Objetivo Geral: laborar uma exposição temporária e itinerante com o tema “O Maior Patrimônio de Cachoeira é o Seu Povo –

Memórias, Mitos, História e Resistência”.

Objetivos Específicos: Atrair a atenção da comunidade cachoeirana para as ações desenvolvidas na universidade, através da exposição museológica, buscando diminuir o distanciamento histórico entre a comunidade e a universidade. Também, promover a integração e a interdisciplinaridade através da exposição museológica, levando a uma reflexão sobre o valor patrimonial existente nos indivíduos que fazem parte da comunidade local. Expor, por meio de relatos audiovisuais e fotográficos, a importância da memória sociocultural de cada indivíduo de Cachoeira, retratada nas exposições temporária e itinerantes. Homenagear as personalidades escolhidas pelos moradores dos bairros através do questionário elaborado, em conjunto com a equipe da exposição, e promover uma interação entre a comunidade cachoeirana e a universidade através de atividades educativas e culturais, que serão realizadas tanto nos módulos temporários, quanto nos itinerantes. Desta forma estimular o diálogo entre o público visitante e as personalidades homenageadas em cada dia da exposição museológica, através de rodas de conversa, mediadas pelos integrantes da equipe da exposição.

O caso do Projeto Acadêmico Museologia Soltando o Verbo e as Representações Estudantis no Cahl\Ufrb durante sua execução foi uma das ações acadêmicas desenvolvidas pelo coletivo acadêmico dos estudantes em museologia no período da pandemia do Covid19, um projeto que foi expiração para outras representações estudantis da UFRB.



Outro exemplo de mobilização dos discentes de museologia foi a criação de um encontro nacional de estudantes em Museologia (ENEMU). Também ressaltamos a relevância dos movimentos estudantis junto à comunidade com o exemplo do projeto expográfico: O Maior Patrimônio de Cachoeira é o Seu Povo – Memórias, Mitos, História e Resistência. Mesmo com execução durante uma disciplina do curso, o projeto era um desejo do CAMUS e dos discentes pelo qual visou a participação da comunidade durante todo o processo.

Como resultados, este projeto exemplificou como é benéfica a participação dos discentes nos espaços de representação estudantil, sejam em esferas administrativas, técnicas, pesquisas ou outras. Com auxílio das representações estudantis é possível a realização e a participação em eventos fora das fronteiras do CAHL, como o evento anual dos estudantes em museologia (ENEMU) que tem sua sede a cada ano em uma universidade federal diferente em todo o território brasileiro. Desta forma, a próxima etapa para este projeto será a criação de um arquivo em mídias digitais com relatos em áudio\visual com entrevistas com ex-membros do Centros Acadêmicos do CAHL\UFRB, falando sobre suas experiências como representantes de cada curso do CAHL\UFRB e como estes espaços influenciaram em sua trajetória acadêmica, vida pessoal e até mesmo em sua vida profissional.

Referências

BRITO, Sávio Breno Pires et al. **Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI**. Vigilância sanitária em debate, v. 8, n. 2, p. 54-63, 2020.

DE PAULA, Jéssica Reis. **Movimento Estudantil: sua história e suas perspectivas**. Monografia/ Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2007.



PROJETO UM NOVO UPDATE: A autonomia e os interesses dos estu- dantes de comunicação da ufrb

André Bomfim dos Santos²³
Elva Fabiane Matos do Valle²⁴
Michel Kelven Marques Garcia²⁵
Uanderson Flávio Nunes de Lima²⁵

Palavras-Chave:

**Comunicação; Publicidade; Comunidade
estudantil; Extensão.**

²³. Docente na área de Comunicação e Linguagens/ CAHL-UFRB

²⁴. Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas-PósCom/UFBA

²⁵.Discente no curso de Publicidade e Propaganda/CAHL-UFRB



O presente relato é uma síntese do projeto “Um novo update”, que integrou ensino, pesquisa e extensão na área de Comunicação, mais especificamente Publicidade e Propaganda, durante os semestres 2022.1 e 2022.2 do Centro de Artes, Humanidades e Letras - CAHL, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

O projeto teve como tema e proposta a discussão das tendências da comunicação publicitária nesta terceira década do Século XXI, tendo a percepção e o interesse do estudante de Comunicação como protagonistas de todo o processo. O percurso de desenvolvimento teve início com o ensino, na disciplina Temas Especiais em Publicidade e Propaganda (GCAH820), desdobrando-se em paralelo com o projeto de extensão “Um novo update: discutindo as tendências da publicidade”, em formato de curso de atualização aberto à comunidade, na modalidade à distância, baseado em encontros com pesquisadores de relevância nacional. A pesquisa foi o elemento catalisador para provocar o olhar investigativo dos estudantes, que estavam livres para determinar tema, objeto e método de análise. Resultou em um painel vivo sobre as transformações da comunicação publicitária hoje, bem como dos temas que estimulam nossos estudantes a debruçar seus olhares com atenção e afincado. Consideramos como principal resultado o registro desse percurso singular de aprendizagem e, sobretudo, o mapeamento dos temas que estão no raio de interesse de estudantes e futuros profissionais e/ou pesquisadores da comunicação.

A autonomia e a emancipação do estudante fo-



ram os pressupostos fundamentais para o desenvolvimento das atividades. Baseado em Piaget, Vygotsky e Freire, Debus (2019) aponta a importância desses valores no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que a pura e simples explicação, método tradicionalmente usado em sala de aula, pressupõe a ignorância do outro. Ao passo que, em um processo emancipatório, a experiência de vida do indivíduo é mola mestra para a construção do conhecimento. Consideramos, portanto, a “margem de manobra” para a autonomia do estudante como o ingrediente fundamental para o êxito do projeto. De modo espontâneo, vieram à tona games, influenciadores digitais, produtos da cultura pop contemporânea, entre outros interesses. Tudo foi aproveitado. Nada foi censurado. E, a partir de uma perspectiva fenomenológica, esses temas foram escrutinados através de recortes, corpus de análise e métodos de pesquisa. Perguntas fundamentais guiaram o processo: o que estamos observando? Qual a sua relevância? Por que isso nos interessa? Para ao final compreender o que querem e o que pensam nossos estudantes.

“Por que não fazer pesquisa via atividades em aula?”, provocam-nos Hansen, Petermann e Correa (2020). O convite para ministrar a disciplina GCAH820 – Temas Especiais em Publicidade surgiu como momento mais que oportuno para estabelecer essa conexão entre a sala de aula, a pesquisa e a extensão. A disciplina era flexível em relação ao conteúdo programático e a turma era composta por estudantes dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da UFRB, de variados semestres, com múltiplos olhares, vivências, interesses e

trajetórias. Tendo como princípio a “articulação da ação extensionista com o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa” (UFRB, 2022) e a questão norteadora do projeto, iniciamos os trabalhos com a convocação da turma 2022.1 do referido componente curricular à elaboração de um e-book independente e colaborativo como resultado da disciplina.

No módulo teórico, tratamos temas fundamentais para a compreensão dos cenários da publicidade: as suas formas híbridas, como o branded content; a diversidade e inclusão; influenciadores digitais e metaverso. Temas em grande parte investigados previamente pelo coordenador deste projeto em suas pesquisas de mestrado e doutorado (SANTOS, 2014; 2018). Os temas foram discutidos em sala de aula e, paralelamente, em encontros com pesquisadores de relevância nacional no projeto de extensão “Um novo update: discutindo as tendências da publicidade”. No módulo prático, os estudantes estavam livres para buscar um objeto de pesquisa que lhes provocasse o desejo de investigação, apresentando o resultado em formato de short papers. Em uma perspectiva fenomenológica, foram estimulados o olhar crítico e o pensamento científico, através da definição dos elementos básicos da investigação, como a problematização, a definição de objetivos e a justificativa ou relevância. Não demorou para sermos surpreendidos pela diversidade e frescor dos temas. Pensar, debater, discutir e refiná-los foi um processo capaz de lembrar que sala de aula é lugar de aprendizado também para professores.

A extensão aconteceu em paralelo, no projeto su-



praticado, em formato de curso de atualização aberto à comunidade, na modalidade à distância, baseado em encontros com pesquisadores de relevância nacional. O projeto promoveu os seguintes encontros: “A publicidade está saindo do armário? Outvertising, pink Money e consumo LGBT+” com Leo Mozdzenski (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE); “Onde está o homem negro na publicidade?” com Pablo Moreno (Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG); e “Influenciadores digitais como mídia”, com José Maria Mendes (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE) e Elena Calmon (estudante egressa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB). Na terceira década do Século XXI, a publicidade e o marketing trazem estratégias que tornam o limite entre a comunicação publicitária e o entretenimento midiático ainda mais difuso. Podemos citar o uso dos produtores de conteúdo e influenciadores como suporte midiático (PEREIRA JÚNIOR, 2021); o crescente envolvimento das marcas com pautas sociais, como o combate ao racismo (VIANA, 2020) e à homofobia (MOZDZENSKI, 2021); ou ainda o uso de tecnologias emergentes, como inteligência artificial, processamento da linguagem neural, tecnologia de sensores, robótica, realidade aumentada e virtual, internet das coisas e blockchain (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2021).

Uma semana antes de cada encontro, foi promovida uma sessão de leitura e discussão prévia de texto de autoria do próprio convidado(a). Em um processo de retroalimentação, as discussões da sala de aula fomentavam a participação e o debate nos encontros. E os

encontros forneciam mais subsídios de teorias e ideias para o desenvolvimento dos temas. Na modalidade online os encontros tiveram o importante papel de driblar o distanciamento geográfico entre a comunidade estudantil do CAHL, comunidades de pesquisa de todo o Brasil e os próprios pesquisadores. Estes últimos, referências em muitos trabalhos de pesquisa do campo da comunicação publicitária.

Já no semestre 2022.2, coordenadores e uma equipe de estudantes trabalharam em outro projeto de extensão na modalidade “produção de publicação”, tendo como objetivo a compilação e revisão dos textos da disciplina para a organização do e-book (SANTOS; VALLE, 2023), bem como a sua diagramação e editoração. O material foi lançado no dia 17 de junho de 2023 em evento promovido no auditório do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), em Cachoeira, Bahia.

No capítulo 1, temos o debate atual sobre a apropriação estética dos símbolos nacionais pelo movimento Brazil Core. No capítulo 2, é discutida a relação de marcas com a periferia e negritude. Questão também abordada no capítulo 9, com um estudo de caso sobre marketing social, investigando a relação da marca Nike com o esportista estadunidense Colin Kaepernick. Nos capítulos 3 e 6 temos olhares sobre influenciadores digitais. Primeiro, um estudo sobre a exposição cotidiana das mommy bloggers, influenciadoras que geram conteúdo a partir da própria maternidade. E no capítulo 6, o trabalho tece questionamentos sobre a autenticidade na produção destes conteúdos. Pensando também na representatividade e quebra de estereótipos da comu-



nidade LGBTQIAPN+, foram analisados dois anúncios publicitários e suas repercussões no capítulo 10. No capítulo 4, temos um estudo de caso que investiga o reverse placement – a “desficcionalização” de produtos que fazem parte de universos ficcionais. E, no capítulo 5, uma análise de marketing da franquia Beleza Natural e sua relação com a identidade afro em Salvador. No capítulo 7, os discentes apresentam uma análise sobre presença de jornalistas pretos e pretas em programas televisivos. Os textos também se aproximam da indústria musical e de gamers, analisando, no capítulo 8, as mudanças do relacionamento entre grandes gravadoras e seus artistas com o advento do TikTok; e em um estudo de caso, no capítulo 11, sobre o consumo de bens imateriais em plataformas de jogos online.

Em toda a produção estudantil, nota-se a predominância das questões ligadas à representação e representatividade de grupos socialmente vulneráveis. O que não foi surpresa diante do potente legado do CAHL na relação com estas questões, tratadas de modo proeminente e contínuo em projetos de pesquisa e extensão. Do mesmo modo, ressaltamos a relação salutar dos nossos estudantes de comunicação, com os outros cursos do Centro. A saber, Artes Visuais, Ciências Sociais, Cinema e Audiovisual, História, Museologia, Serviço Social e Gestão Pública. Os produtos resultantes das ações aqui relatadas reforçam os objetivos da extensão universitária, na medida em que envolvem comunidades interna e externa em torno da discussão crítica acerca de questões como mercado, consumo e tecnologias.

Nas últimas linhas, destacamos alguns resultados

que consideramos frutos valiosos deste processo. Em primeiro lugar, destacamos a integração entre ensino, extensão e pesquisa, mobilizando docentes, estudantes, pesquisadores, internos e externos à UFRB, em um esforço genuíno de desenvolvimento, sistematização, atualização e crítica de saberes relacionados ao complexo campo da comunicação publicitária. O que conduz a outro ponto relevante: a compreensão da própria comunicação publicitária como um campo legítimo de conhecimento e pesquisa. Destacamos também a integração da UFRB, através do curso de Publicidade e Propaganda, com a comunidade externa de pesquisadores e estudantes de diversas localidades e instituições brasileiras, inserindo nossa comunidade em diálogos e questões fundamentais para a pesquisa contemporânea em Comunicação.



Referências

DEBUS, José Carlos dos Santos. **A autonomia do estudante nas relações de ensino e aprendizagem**: reflexões sobre a atualidade do conceito de autonomia. Educação e emancipação. UFMA, São Luís, v. 12, n. 2, mai-ago 2019, Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/educacaoemancipacao/article/view/11487/6526>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

HANSEN, Fábio; PETERMANN, Juliana; CORREA, Rodrigo Stéfani. **Criação publicitária**: desafios no ensino. Porto Alegre: Sulina, 2020.

KOTLER, P.; KARTAJAYA, H.; SETIAWAN, I. **Marketing 5.0**: tecnologia para a humanidade. [e-book]. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

MOZDZENSKI, Leo. **Publicidade e direitos humanos**: as retóricas contraintuitivas e a(r)tivistas do outvertising. In: SANTOS, A. T.; JORDÃO, J. V. P.; CUNHA, M. R. L. R. (Org.). Século XXI: a publicidade sem fronteiras? [e-book]. Goiânia: CEGRAF UFG, 2021.

PEREIRA JÚNIOR, José Maria Mendes. **Influência Digital e Publicidade**: fundamentos teórico-práticos de um hibridismo instrumental. Rizoma, v. 9, n. 2, 5 jul. 2021. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/17066>>. Acesso em: 22 jul 2023.

RESOLUÇÃO CONAC/UFRB Nº 057, DE 23 DE MAIO DE 2022. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). 2022. Disponível em: <



Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CONAC%20N%C2%BA%20057%2C%20de,038%2F2017>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VIANA, Pablo Moreno Fernandes. **Onde está o homem negro na publicidade? Masculinidades negras no segmento de higiene pessoal.** Contemporânea. UFBA, v. 18, n. 03, set-dez 2020, Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/33370>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, André Bomfim; VALLE, Elva Fabiane Matos. **Um novo update:** discutindo as tendências da Publicidade [e-book]. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/1NHuJ5IRgkykEVBD_DDYX-ajMCIHg1-H/view?usp=sharing>. Acesso em: 21 mar. 2024.

SANTOS, André Bomfim dos. **A descompressão do audiovisual publicitário:** analisando o processo comunicacional da prática do branded content. 2014. 136f. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Andr%C3%A9-Bomfim-dos-Santos.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SANTOS, André Bomfim dos. **Muito além do like:** dinâmicas de consumo da comunicação publicitária da marca Itaú no Facebook. 2018. 247f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador.



ANEXOS:

Figura 1 – Capa do e-book



Fonte: autoria da equipe de trabalho

Figura 1 – Material de divulgação dos encontros promovidos pelo projeto de extensão



Fonte: autoria da equipe de trabalho

II.

Discussões
sobre gênero,
raça, classe e
deficiência no
CAHL

PERCORRENDO MARX: **Teoria e apontamentos** **à vista dos estudantes** **-trabalhadores de** **Serviço Social no CAHL**



136



Thainá Carvalho da Silva Ribeiro²⁶

Palavras-Chave:

**Karl Marx; Classe trabalhadora; Estudantes;
Serviço Social; CAHL.**

²⁶. Discente do curso de bacharelado em Serviço Social/ CAHL-UFRB.

O presente trabalho surge com o intuito de pesquisar a teoria marxista para que a sua importância, de maneira crítica, seja evidenciada tendo em vista a incorporação dessa base teórica, que é histórica para o Serviço Social brasileiro, a partir do Movimento de Reconceituação quando pautado na dimensão da intenção de ruptura com o conservadorismo. Vale ressaltar que a análise marxiana manifestada no corpo desse estudo é introduzida através da tradição marxista, concentrando a compreensão política e econômica composta nas diversas traduções da teoria do filósofo e economista Karl Marx. À vista disso, no que tange o perfil do alunado do curso de Serviço Social na UFRB, descortina-se, em sua maioria, estudantes trabalhadores que vivem e revelam em sala de aula os diferentes dilemas da permanência na Universidade por conta das jornadas exaustivas de trabalho.

Torna-se também fundamental atentarmos ao fato de que o Centro de Artes, Humanidades e Letras, que oferece o curso de Serviço Social, está situado no território do Recôncavo Baiano, nas cidades de Cachoeira e São Félix, que são berço da guerra pela Independência do Brasil em que o povo cachoeirano e sanfelixita lutou lado a lado de maneira heroica na defesa do país. É nesse contexto de história que se inicia a busca por um Brasil emancipado de Portugal.

Em um território majoritariamente negro, beirando o Rio Paraguaçu, sinônimo de força e ancestralidade dos verdadeiros precursores da luta independentista que se denomina e compõe o cenário socioeconômico e político das cidades de Cachoeira e São Félix. Pensando nis-

so, é evidente que a trajetória dos estudantes do curso de Serviço Social está forjada considerando a magnitude dessas terras e dos seus conterrâneos. Classifica-se desse modo, tendo conhecimento acerca da história do território como municípios-piloto desta pesquisa, bem como das trajetórias dos estudantes-trabalhadores do curso de Serviço Social, que se fez necessário observar que o estudo da teoria marxista seja e tenha sido condicionada através dos redimensionamentos teóricos a refletir sobre os marcadores sociais de raça, gênero e sexualidade também.

A análise e abordagem respaldadas por intermédio do método da revisão bibliográfica estimularam a escrita deste trabalho que se inicia através da aprendizagem desenvolvida pelas atividades de ensino nas disciplinas de Economia Política, Fundamentos Históricos Teórico- Metodológicos do Serviço Social e Teoria Social, sobretudo, as trocas de conhecimento acerca da teoria marxista e marxiana, bem como as contribuições dos distintos colegas a respeito das suas vivências particulares, mas que caminham de acordo com a universalidade histórica tendenciada pelo sistema capitalista e que nos atravessam na retórica da classe social.

Importa ressaltar que a combinação entre ensino e pesquisa no processo formativo se inaugura nas relações sociais decorrentes destes momentos na Universidade. Os encontros e a pedagogia emancipatória aplicada em sala de aula, considerando a pluralidade social existente naquele espaço, imergem e libertam o pensamento crítico dos alunos.

É nesse ensejo que o andamento dessa pesquisa



se justifica e se move, dessa forma, o percurso analítico progride. A inscrição no evento “CAHL Sob as Lentes da Pesquisa” exterioriza e aguça o horizonte das portas abertas para continuar na busca por uma totalidade entre o mergulho, que é o pesquisar, singularmente, na área das Ciências Sociais Aplicadas.

A Economia Política profere uma significativa proeminência para o Serviço Social, estimulando entendimentos e diálogos sobre contextos econômicos, políticos e sociais, onde, através dessa consciência, os marcadores de classe, raça, gênero e sexualidade podem ser enxergados de maneira interseccional, compreendendo a conjuntura econômica brasileira diante do sistema patriarcal e capitalista ao qual a sociedade está pressuposta e inserida.

Consequente, para percorrer a teoria de Marx, é inevitável ter que discorrer sobre o aparato histórico, político e econômico europeu. Sendo assim, o mercantilismo, como parte desta introdução, foi um processo de transição da estrutura feudal para a capitalista. Com isso o comércio exerceu denominada importância política e socioeconômica, no sentido de transformar as bases e constituir as atribuições do Estado. No caso do Estado Absolutista, o poder foi centralizado, mas a burguesia conseguiu se fortalecer e originar uma revolução que ocasionou o fim do absolutismo, através dessa nova classe social, com os sujeitos mercantis espoliadores e expropriadores, que provocaram o início do Estado burguês em conjunção com os ideais iluministas, rompendo com o feudalismo.

Nessa perspectiva, e como salientado pelos auto-



res Netto e Braz (2006) e Aditio e Avelãs (2007) em suas obras, Marx desenvolve sua crítica que envolve este sistema denominado como capitalista. A sua relação com a Economia Política Clássica se deve justamente por tal objeto de estudo, que foi a sociedade burguesa e sua dinâmica econômica baseada na acumulação de capital, espoliação de camponeses, artesãos e exploração do proletariado. Ao contrário dos diversos pensadores de cunho econômico, como Adam Smith, David Ricardo, e entre outros, que se concentravam na classe capitalista, Karl Marx, por intermédio da teoria social, irá abordar a luta de classes, ou seja, as incidências da conjuntura capitalista nas relações de classe por meio da lógica do capital-trabalho.

Interessa dizer que o materialismo histórico de Marx irá fundamentar as tais decorrências da exploração nas relações sociais dos homens que organizam e estruturam a sociedade. No feudalismo, este processo pode ser mais claramente percebido na relação travada entre servos e senhores feudais. No capitalismo, entre burgueses e proletariado.

Compreendendo essa dialética e atuação do capital-trabalho, logo se constitui o entendimento das forças produtivas, que se definem como o conjunto dos meios de trabalho, ou seja, os instrumentos e instalações utilizados; os objetos do trabalho, que são as matérias naturais brutas ou modificadas e a força de trabalho, que possibilita o processo de transformação dos objetos em bens, logo condiciona o trabalho. As relações de produção incidem sobre as relações de trabalho, com isso, o modo de produção é o resultado das



forças produtivas com as relações do trabalho, o que é complexo, pois permeiam relações políticas e socio-econômicas que fomentam a estrutura da sociedade, como dito anteriormente. Diante desse cenário, considera-se que a relação homem versus trabalho conduz as esferas sociais.

Visto que a essência do capitalismo é a exploração dos trabalhadores assalariados, Marx irá atribuir às mercadorias um valor de uso e um valor de troca. O valor de uso refere-se à utilidade, a necessidade humana. Já o valor de troca, que advém do trabalho abstrato envolto na produção da mercadoria, pode ser pensado como a soma da matéria prima com os instrumentos utilizados no processo, mais a força de trabalho necessária juntamente com o tempo médio de produção. Com toda essa ótica, é sinalizada a construção da mais-valia, que significa o excedente tido como lucro do capitalista sobre o trabalhador. Marx compreende dois conceitos de mais-valia no processo de trabalho. A mais-valia absoluta, quando o capitalista obtém o lucro sobre a produção sem diminuir as horas de trabalho do proletariado, ou seja, é equivalente à intensidade do trabalho. E a mais-valia relativa, que reduz o valor da força de trabalho, absorvendo o lucro com o incremento de máquinas e tecnologia, ou seja, se produz mais em menos tempo, diminuindo o tempo médio de trabalho do proletariado, afetando dessa maneira, o seu salário e ampliando as condições de exploração da classe trabalhadora. É possível visualizar através da teoria marxiana e marxista que o sistema capitaliza não só os produtos, mas os sujeitos quando são provenientes da classe



operária, referindo-se a força de trabalho, vista enquanto uma mercadoria. E a mais-valia é a condição para continuar fundamentando este sistema, o qual também instrumentaliza o Estado a favor da sua classe dominante, a capitalista.

É por meio dessa análise dialética, do conhecimento histórico, da consciência de classe e das lutas, que o proletariado poderá iniciar um processo de emancipação, se revolucionando contra esse sistema opressor. Ou seja, o método em Marx e na tradição marxista para a análise crítica da vida em sociedade foi construído a partir das críticas desenvolvidas por Karl sobre teorias filosóficas, sociais e econômicas vigentes naquela época. Marx criticou o socialismo utópico; a dialética hegeliana que segundo ele focalizava e se fundamentava no que era “ideal”, com isso, se estabeleceu uma dialética materialista se condensando primordialmente, sem desconsiderar o aparente, no concreto, na realidade sócio-histórica.

Segundo o texto de Ianni (1982), não se compreende estruturalmente o sistema capitalista sem o método e a crítica de Marx, o que é uma verdade, visto que na esfera da Economia Política Clássica, Marx foi o teórico que apurou o capitalismo sob a ótica do proletariado, compreendendo a luta de classes e elaborando a teoria valor-trabalho, na perspectiva da crítica em relação à teoria de valor-trabalho de David Ricardo. Ou seja, a tradição marxista é muito importante para uma análise crítica da vida em sociedade e no Serviço Social se faz necessária justamente para entender o sistema e as expressões da questão social.



Logo, essa análise crítica da realidade efetiva-se através da pesquisa que direciona a compreensão e a formulação do materialismo histórico-dialético que se realiza como uma mediação fundamental na compreensão do fenômeno e a essência das questões através de indagações, investigações e aprofundamentos. Por isso, a filosofia e a ciência são importantes nesse processo, pois possibilitam a análise, a pesquisa e a reflexão sobre o objeto, chegando dessa maneira, em uma concreticidade que move o conhecimento e dinamiza a consciência.

Reflexionando a trajetória do alunado em Serviço Social, percebe-se que essa contribuição intervém no campo da consciência enquanto pessoas trabalhadoras, que compõem uma classe personificada de muita luta e que sobrevive do trabalho, a se pensarem enquanto sujeitos políticos e militantes que são respaldados por uma realidade concreta, vivenciando o sistema capitalista. A observação da Economia Política ocasiona, sobretudo, na formação, um desenvolvimento crítico, implicado por meio da exposição sobre como o modo de produção capitalista resulta diretamente na perpetuação das mazelas sociais e como, na realidade contemporânea, o neoliberalismo se opõe às políticas de caráter universal, apontando uma falta de acesso aos direitos sociais. Desse modo, acredita-se pelo interior desse levantamento bibliográfico, assim como, pelos relatos sobre as diferentes vivências estudantis em sala de aula que destrinchar Marx é necessário, aprender sobre luta e resistência com o povo do Recôncavo também, afinal, o Serviço Social, como profissão visando



seu projeto ético-político, tem a possibilidade de contribuir com a mudança e a transformação social, tendo em vista que a caminhada com a classe trabalhadora - diversa e complexa -, e que é a verdadeira representação desse país. Portanto, apesar dos desafios de permanência, é notório o comprometimento e o interesse pelo curso e pela teoria marxista como base, por parte dos estudantes, assim como, na luta pela justiça social juntamente à população cachoeirana e sanfelixita, afinal, se posicionar coletivamente é primordial para o Serviço Social brasileiro.



Referências

ADITIO T. Nunes, António José Avelãs. 5780. **Uma Introdução à Economia Política** - São Paulo: Quartier. Latin, 2007.

IANNI, O. **Dialética e capitalismo: ensaio sobre o pensamento de Marx**. Petrópolis: Vozes, 1982.

KOSIK (Karel). -- **Dialética do Concreto**, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1969, 230 pp.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica**. São Paulo SP: Cortez, 2006. 257 p. (Biblioteca básica de serviço social, 1).

QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. 2. Ed. ver. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

YAZBEK, Maria Carmelita. **Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do serviçosocial brasileiro na contemporaneidade**. In: Serviço social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS; ABEPSS. 2009. p. 1-27.



A ATUAÇÃO DO CASSMAF E O PROTA- GONISMO DISCENTE NA I SEMANA DO SERVIÇO SOCIAL



146



Amanda de Lima Ribeiro²⁷

Letícia Borges Góes²⁷

Luana Santana Carvalho Sobrinho²⁷

Vivian Karen Anunciação Silva dos Santos²⁷

Palavras-Chave:

Atuação dos Centros Acadêmicos; Integração Acadêmica; Movimento estudantil;

²⁷. Discente do curso de bacharelado em Serviço Social/ CAHL-UFRB.



Objetivo deste resumo é discorrer sobre a atuação do Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco (CASSMAF) e o protagonismo dos discentes na organização do evento da I Semana do Serviço Social, que teve como tema: “Raça, gênero e sexualidade, estimulando diálogos entre corpos políticos” e aconteceu entre os dias 15 e 19 de maio de 2023 no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL). O presente resumo pretende então apresentar como se desenvolveu todo o processo de construção do evento, desde sua idealização até a sua execução, bem como a importância de tal experiência para os discentes enquanto representação estudantil.

A existência e a atuação dos Centros/Diretórios Acadêmicos se fazem extremamente importante para o fomento da articulação estudantil enquanto uma entidade de voz ativa e participativa. A entidade se faz presente em diversos cursos do CAHL da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e possui uma trajetória política assídua no interior do curso de Bacharelado em Serviço Social. Considerando que a representação estudantil é um espaço para além dos trâmites burocráticos e institucionais, entende-se como se faz necessária essa movimentação liderada por pessoas estudantes.

Diante de um olhar crítico para compreender a entidade CASSMAF, nota-se uma organização política que se manifesta além da representação estudantil e da reivindicação dos direitos das/dos estudantes. O curso de Serviço Social da UFRB é caracterizado pelo maior número de solicitantes e estudantes ativos, possuindo um público majoritariamente feminino e esse cenário de



protagonismo feminino se manifesta também na entidade estudantil.

A Gestão Dona Ivone Lara (2023-2024) surge diante de um cenário pós-pandemia, quando a Universidade vivenciava diversas dificuldades de articulação e permanência, de modo que o processo de composição de chapa deu-se de maneira aligeirada e urgente. Desde os momentos iniciais dos encontros do grupo, houve uma identificação unânime quanto à necessidade de uma entidade ativa que pudesse direcionar e acolher os/as estudantes no ambiente universitário. Dessa forma, o Centro Acadêmico de Serviço Social Marielle Franco se mostra como uma representação ativa no diálogo com os/as estudantes do curso, com o Colegiado, com o corpo docente, com a Direção, com os servidores técnicos, com a comunidade acadêmica no geral e com profissionais do município na busca de uma parceria fortalecida e política.

Foi a partir dessa proposta de acolhimento e integração dos estudantes que surgiu o 'Projeto de Integração e Acolhimento dos Novos Estudantes' (PIANE), o qual visou promover um processo contínuo de aproximação e identificação dos novos alunos no âmbito universitário, tendo em vista a percepção de uma ausência dessa aproximação inicial dos estudantes entre si e também em relação aos setores administrativos da Universidade. Ademais, planejou-se que os alunos pudessem adquirir conhecimento sobre as possibilidades de aprendizado inerentes ao campus do CAHL, como a pesquisa, o ensino e a extensão, bem como ter conhecimento sobre a dinâmica e estrutura da cidade de



Cachoeira por meio de um tour guiado pelos próprios integrantes do CASSMAF. O objetivo seria que, por meio do tour, os novos discentes pudessem conhecer a localização espacial das instituições essenciais de Cachoeira-BA, caso necessitassem desses serviços, a saber: a Santa Casa de Misericórdia, a Prefeitura, a feira livre, o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), a Secretaria de Assistência Social, etc.

A partir dessa pauta principal, a Gestão Dona Ivone Lara elaborou a I Semana do Serviço Social. A ausência de componentes curriculares de caráter obrigatório que abordassem especificamente o debate sobre gênero, raça e sexualidade no Projeto Político Pedagógico do Curso apresentou-se como uma preocupação em comum entre os representantes do Centro Acadêmico de Serviço Social. Identificou-se então a necessidade de pulverizar o debate sobre a articulação entre os eixos raça, gênero e sexualidade, tendo em vista que estes estruturam a dinâmica das relações sociais e são primordiais para compreender a totalidade dos fenômenos presentes nas diferentes manifestações da questão social bem como entender os desafios com os quais os profissionais se defrontam cotidianamente no universo da produção e reprodução da vida social.

Partindo de tal necessidade, a temática da I Semana do Serviço Social pode ser compreendida de várias maneiras, mas principalmente manifesta-se a urgência de atualização do currículo do curso na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, visando uma formação crítica, política e condizente com o Projeto Pedagógico do Curso de Serviço Social, à medida em que compre-



endemos essa atualização como crucial na mudança de paradigma da profissão e construção de políticas públicas para garantia de direitos.

Diante disso, o objetivo principal do evento foi contribuir para a construção de um perfil estudantil atento às diversas manifestações dos marcadores sociais - raça, gênero e sexualidade- e os impactos causados através desses marcadores no acesso (ou não) das pessoas usuárias de políticas públicas. Para além disso, buscou-se fomentar o debate entre os estudantes que carregam esses marcadores da diferença, os quais se materializam justamente pelo fato de a UFRB, especificamente o campus do CAHL, agregar pessoas de diferentes perfis, com a pluralidade de raça-etnia e expressões de gênero e sexualidades.

Discorreremos sobre os eixos citados através da estrutura das mesas dos debates, compostas, na mediação, por uma pessoa integrante do CASSMAF que debruçou sobre o tema em questão e solicitou sua participação a partir de seu lugar ético-político de fala, e, somando-se a essa mediação, pessoas convidadas egressas do Curso de Serviço Social da UFRB, corpo docente, e demais ativistas-militantes comprometidas com o debate, sob a perspectiva de estimular o debate entre corpos políticos.

Durante o evento as mesas foram discutindo os eixos a partir de sub-representações relacionadas à história e memória do Serviço Social, contemplando o resgate histórico e a necessidade de manifestarmos a importância dos temas para nossa sociedade, no que diz respeito à maneira como ela está (des)organizada.



Compreendemos que desenvolver a instrumentalização para as estudantes acerca dos eixos que direcionaram a I Semana do Serviço Social contribuiu também para a discussão sobre a ausência desses eixos no projeto pedagógico do Curso.

Dessa forma, tivemos a oportunidade do aprendizado coletivo - aqui, lê-se inclusive o corpo docente disposto a ouvir o que as estudantes estavam apresentando - e as diversas nuances e reflexões críticas extremamente importantes em relação aos temas. São elas: história do Serviço Social através de uma perspectiva racial; o protagonismo das mulheres para o Serviço Social e nos espaços acadêmicos; colorindo o Serviço Social: gênero e sexualidade na formação profissional, atuação profissional; e os marcadores sociais da diferença e território como categoria de análise: aproximações ao tema no âmbito do Serviço Social.

Vale destacar que a Gestão Dona Ivone Lara - CASSMAF promoveu ainda, no seu último dia de mesa de debate, o fundamental encontro do movimento estudantil de Serviço Social atuante no presente, passado e futuro para dentro do CAHL, com um encontro potente onde mais uma vez as estudantes tiveram voz e protagonizaram o espaço que nos é cedido, fazendo as devidas intervenções e cobranças em direção à Universidade. Esse movimento se mantém aceso diariamente após esse evento, tendo em vista que as estudantes, após essa troca, já se direcionam à Gestão Dona Ivone Lara com o devido respeito e mérito pelo levantamento das questões apresentadas através dos debates. Também, não podemos deixar de elucidar o êxito na partici-

pação das estudantes, pois estrategicamente o Centro Acadêmico se dispôs a realizar o evento nos turnos da tarde e noite, com intuito de contemplar todas as pessoas que dedicam seu tempo ao Curso de Serviço Social da UFRB.

Seguindo o objetivo de promover debates sobre as diferentes questões que perpassam o Serviço Social e na intenção de ampliar o conhecimento das estudantes sobre o exercício profissional, o evento contou com um dia dedicado a minicursos ministrados pelas docentes, discentes e profissionais da área do Serviço Social do município de Cachoeira. Foram no total seis minicursos que abordaram temas como: Meio Ambiente e Serviço Social; Território, Racismo e Intolerância religiosa no município de Cachoeira; Marxismos: métodos e vertentes; O exercício profissional do município de Cachoeira; Exercício profissional na saúde mental; e PCD's e Política Social.

No último dia da Semana do Serviço Social, cedemos e partilhamos do espaço da Universidade para que os alunos apresentassem trabalhos acadêmicos provenientes de suas participações em grupos de pesquisa, grupos de estudo, estágios, iniciação científica, TCC e outras experiências acadêmicas, a fim de estimular a prática da escrita científica e a troca das experiências de pesquisa entre os discentes. Esse momento desenvolveu-se por meio da apresentação oral dos resumos elaborados de acordo com os Grupos Temáticos de Pesquisa (GTPs) da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). Os eixos temáticos presentes nas apresentações foram: GT 01-Política



Social, Juventude, Trabalho, Território e Questão Ambiental; GT 02- Serviço Social, Formação Profissional e Permanência Universitária; GT 03- Serviço Social, Política Social, Gênero, Sexualidade, Raça e Etnia; GT 04- Serviço Social, Atuação Profissional, Envelhecimento e Saúde.

Sabemos que a Universidade se constrói com a força e a participação das estudantes, sendo um espaço repleto de protagonismo discente. Com a ausência de recursos financeiros, a Gestão Dona Ivone Lara precisou estimular a criatividade para arrecadar os recursos necessários para a efetivação do evento. É importante ainda ressaltar como o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA-UFRB) prioriza a autonomia das estudantes no processo de manusear, cadastrar e administrar a criação de eventos e atividades de extensão. Desse modo, entendendo como a participação em atividades complementares e a obtenção de certificados é importante na formação acadêmica, o CASSMAF realizou o cadastro do evento, disponibilizando certificados para as pessoas ouvintes, palestrantes, colaboradores, monitores e outras atribuições.

Em síntese, todo esse processo educativo e formativo promovido pela realização do evento da I Semana do Serviço Social, nos proporcionou que houvesse a dinamicidade do currículo de todas as pessoas estudantes que participaram como ouvintes das mesas, no trabalho de monitoria, apresentação de seus trabalhos acadêmicos, e participando dos minicursos. Para além disso, a Gestão Dona Ivone Lara - CASSMAF pode aprender habilidades em conjunto, tais como: equacio-



nar os problemas que surgiram no decorrer do evento, pensar em soluções práticas para a melhor realização do evento, saber ouvir e responder às dúvidas advindas das demais estudantes, articular a fala em público, e, principalmente, fortalecer o seu entendimento sobre como esses marcadores estão relacionados com o estigma e à reprodução de preconceitos, os quais impactam diretamente o acesso de usuários aos serviços públicos. Por fim, e não menos importante, a promoção desse evento viabilizou a integração da comunidade interna da UFRB em uma constante troca de saberes, além de ter nos formado enquanto cidadãos/cidadãs comprometido/as com o coletivo e a transformação cotidiana da sociedade.



ESTUDO DO PENSAMENTO DE PSICANALISTAS NEGRAS BRASILEIRAS: Materialidade, historiografia e afropessimismo

Agenor Manoel da Silva Filho²⁸



155



Palavras-Chave:

Psicanalistas negras; Brasil; Materialidade, Historiografia; Afropessimismo.

²⁸. Discente do Curso de Mestrado em História/ UNIFESP





O presente trabalho visa articular o pensamento de três psicanalistas negras brasileiras, Virgínia Leone Bicudo (1910-2003), Neusa Santos Souza (1948-2008) e Isildinha Baptista Nogueira, em sua busca para compreender as variabilidades psicopatológicas que a população negra no Brasil vivenciou (e ainda pode vivenciar) no período pós-emancipação. Com atenção às complexas relações entre corpo e saúde mental e os dilemas que o negro enfrenta quando ascende socioeconomicamente numa sociedade de hegemonia branca (em várias campos), este breve estudo resgata as valiosas contribuições das três psicanalistas negras em diálogo com outras intelectuais negras suas contemporâneas, como a historiadora Beatriz Nascimento e as filósofas Lélia Gonzalez e Sueli Carneiro, visando um estudo crítico e comparado com o recente pensamento negro radical (Black Radical Thought), especialmente Denise Ferreira da Silva, Frank B. Wilderson III, Saidiya Hartman entre outros/as.

Mesmo com as reduções de danos que os movimentos negros vêm conquistando no plano jurídico e social, que foram e são importantíssimos, para a psicanalista negra Maria Lúcia da Silva (2017), “a maior vitória do racismo está em sua dimensão psicológica”, a dimensão que representa a parte submersa do iceberg do racismo, como caracterizou Kabengele Munanga (2012).

Ao longo do trabalho, apresentamos o pensamento das psicanalistas negras em destaque a partir do estudo de suas obras, em seu contexto intelectual (argumentos, teses, referências e diálogos diversos), material



(historicidade e materialidade das obras) e histórico (as autoras e/em sua época) (Munanga, 1999; Compagnon, 2010; Genette, 2009; Chartier, 2002 e 2012; Koselleck, 2020).

Na parte final do desenvolvimento e nas considerações finais do trabalho analisamos a precedência dos estudos e conclusões dessas psicanalistas com relação ao que recentemente tem se chamado na teoria crítica radical negra de “Afropessimismo”. Argumentamos que a base teórica das teses do Afropessimismo pode ser encontrada nos escritos dessas mulheres, e que nos estudos e reflexões dessas intelectuais as teses do Afropessimismo podem ser mais bem fundamentadas – ou, em certos aspectos, criticadas e reformuladas. Por fim, tentaremos examinar brevemente as relações e rendimentos analíticos do diálogo entre a Psicanálise e a História para o estudo do racismo no Brasil.

Neste sentido, buscamos inspecionar a forma como outras intelectuais utilizaram a psicanálise para potencializar suas análises do racismo brasileiro e os males que ele causa à população negra. Pensando a partir dessas questões, refletimos sobre o corpo negro e os significados historicamente impostos a ele, como isso afeta a subjetividade do indivíduo, interferindo em suas decisões, emoções e relações afetivas com o outro e com si mesmo. Veremos que as conclusões de Virgínia Bicudo se tornaram as premissas de Neusa Souza; que a radicalidade das conclusões de Neusa Souza foi um reflexo do contexto cultural e histórico em que vivia e escolheu estudar, e que tais circunstâncias reverberaram nas teses que formulou; ao estudarmos o



trabalho pioneiro de Bicudo, percebemos o quanto o suporte material interfere na circulação do conhecimento e, de modo geral, como o diálogo interdisciplinar entre a História e Psicanálise está embutido nos estudos dessas mulheres.

Ao nos debruçarmos sobre o suporte material e a recepção do conhecimento dessas intelectuais, entendemos a produção do conhecimento como uma atividade social. A materialidade é uma dimensão importantíssima para a circulação dos saberes (especialmente os acadêmico-científicos), dimensão que pode influenciar bastante na sua recepção e entendimento. Os suportes desses saberes (livros, teses, dissertações) estão entrecruzados com o ato de ler, interferindo na “construção de significados” do texto e das ideias que eles conformam (Chartier, 2002).

O trabalho Estudos das atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo, originalmente a dissertação de mestrado de Virgínia Bicudo, defendida em 1945 na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, sob a orientação do sociólogo estadunidense Donald Pierson, representa um significativo avanço nas análises dos problemas étnico raciais no Brasil após a abolição da escravidão. Bicudo realizou estudos de caso a partir de documentos da Frente Negra Brasileira e entrevistas com outras trinta pessoas, “pretas” e “mulatas” de classe socioeconômica “inferior” e “intermediária” (termos da autora), entre os anos de 1941 e 1944. Nesta pesquisa, Bicudo procurou “conhecer as atitudes de pretos e mulatos relacionadas com a questão racial, a fim de levantar hipóteses que exigirão novas observações



para confirmá-las, melhorá-las ou substituí-las.” (Bicudo, 2010 [1945], p. 63). Dessa maneira, a autora pôde observar como pretos e mulatos (de diferentes camadas socioeconômicas ou em ascensão) se relacionavam com outros pretos, mulatos e brancos, e como tais atitudes refletiam uma maior ou menor “consciência de cor” entrecruzada a sua condição social e racial.

Quase quarenta anos depois do estudo de Virgínia Bicudo, a médica baiana Neusa Santos Souza defendia sua dissertação de mestrado em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro: Tornar-se negro, ou vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social, publicado em 1983 pela Editora Graal. A pesquisa de Neusa Souza teve como recorte espacial a cidade do Rio de Janeiro, entendida como uma das cidades em que mais avançou o capitalismo industrial no Brasil no século XX, onde a população negra, portanto, “ingressou no processo de urbanização e industrialização, vivendo suas injunções e consequências” (Souza, 2021 [1983], p. 107). De forma semelhante a Bicudo, Souza realizou estudos de casos da história de vida de dez pessoas negras por ela entrevistadas. O anseio da autora ao realizar este estudo foi “elaborar um gênero de conhecimento que viabilize a construção de um discurso do negro sobre o negro, no que tange à sua emocionalidade” (Souza, op. cit., p. 45). Quais seriam os “custos emocionais da sujeição” do negro ao ascender socialmente num país marcado por exigências, expectativas, estética, cultura, enfim, de “ideologias dominantes brancas”?

Sob o signo desta questão inquietante, Neusa



Souza produziu uma das obras de maior envergadura da psicanálise negra brasileira. Suas conclusões radicais no final da obra refletem o momento histórico e cultural que a população negra vivia e fazia viver nas décadas de 1970 e 1980. Diz: “o negro brasileiro que ascende socialmente não nega uma presumível identidade negra. Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar” (Souza, op. cit., p. 115). Ao anunciar isto, Neusa Souza chama nossa atenção (e sobretudo à atenção da população de sua época) para a necessidade da luta pela construção de uma identidade negra contrária aos modelos que vinham sendo compartilhados pela sociedade nacional e seus intelectuais mais reconhecidos. “Ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (Souza, op. cit., p. 115).

Em 1998 outro estudo sobre a condição psíquica do negro no Brasil foi lançado, era a tese de doutoramento em Psicologia (Universidade de São Paulo), orientada por Iray Carone e defendida por Isildinha Baptista Nogueira: *Significações do Corpo Negro*. Mais de vinte anos depois, a autora pôde enfim colocar o título que a aconselharam a não pôr em sua tese: *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (Editora Perspectiva, 2021). Neste trabalho, Nogueira investigou

as formas pelas quais se dá, para o negro, no plano psíquico, a repercussão do racismo e da discriminação, e de que maneira tal repercussão do racismo que afeta o negro enquanto sujeito produz, para esse sujeito, configurações psíquicas peculiares (Nogueira, 2021 [1998], p. 36).



Isildinha Nogueira realizou uma pesquisa teórica extensa, utilizando várias categorias da psicanálise freudiana e lacaniana para analisar a constituição genérica do indivíduo na sociedade, a estruturação das subjetividades no meio social e a forma como o corpo e a psique do negro se envolvem nesse jogo complexo.

De forma densa, utilizando conceitos da análise psicanalítica como “metáfora paterna”, “nome-do-pai”, “estádio de espelho”, entre outros, Isildinha nos apresenta um corpo negro atravessado por uma construção imaginária e simbólica que o dilacera. Enquanto “mediador das instâncias psíquicas” (id, ego e superego), a imagem do corpo está diretamente associada à “formação do aparelho psíquico” do sujeito. Essa imagem do corpo se constitui a partir da própria história da pessoa, desde a fase mais tenra, quando estímulos olfativos, orais e for fim anais são predominantes (imagem de base); passando pelo período de formação e realização de desejos (imagem funcional); e, por fim, as relações de prazer e desprazer que o indivíduo constrói na interação com o outro (imagem erógena). A imagem do corpo é a síntese dessas três imagens, e a interrelação entre elas, ao longo da vida, produz uma “imagem dinâmica” que é o “desejo de ser”, que conecta a constituição identitária do sujeito ao seu corpo.

Neste momento, segundo Isildinha, vai sendo produzida uma “dissonância narcísica da imagem do corpo para o negro” (Nogueira, op. cit., p. 105). O esquema corporal que informa, no plano simbólico, as condições de pertencimento do indivíduo à espécie (humana) não correspondem ao equipamento que o negro carrega em



seu corpo. Os efeitos disso são as cirurgias estéticas de embelezamento do corpo (leia-se quase sempre embranquecimento/afilamento dos traços) e as atitudes de muitas mães negras que “por meio de métodos deploráveis, tentam modificar as características físicas de seus bebês, para que não cresçam com seus narizes chatos ou nádegas volumosas” (Idem). Desse estado de coisas se processa um esfacelamento da identidade negra, fazendo com que muitas pessoas negras internalizem “o ideal de ego branco” (Nogueira, op. cit. p. 116).

O que essas três psicanalistas negras indicam é o quanto “nosso inconsciente é colonial” (Veiga, 2019). A razão pela qual o racismo antinegro continua a perpetuar-se apesar de tudo talvez seja porque que dele dependa tudo. No conjunto dos seres que historicamente foram agrupados como “humanos”, não se contavam os negros. A modernidade ocidental erigiu-se em grande medida a partir da e pela desumanização da população africana/negra (Wilderson III, 2021; Carneiro, 2023). A queda do monumento da escravidão não conseguiu dissipar a sombra que produziu sobre as vidas negras durante séculos. O legado da escravidão, sua “sobrevida” (Patterson, 2008), ainda é visível, ou mesmo necessária, na sociedade civil: a morte social que assola populações negras cotidianamente sem gerar grandes comoções é indício do que Franck B. Wilderson III denomina de “economia libidinal”, uma “noção fóbica de que os negros são e sempre foram uma ameaça à estabilidade”; de que a violência gratuita e cotidiana dirigida à população negra seja um mecanismo de manutenção da saúde psíquica do mundo moderno (Wilderson III,

2021; 2014, p. 7).

É sobretudo como um “apartheid psíquico” (Nogueira, 2017, p. 122) que o racismo antinegro continua; o racismo é antes de tudo uma construção afetiva, fóbica, inconsciente. Por isso sua continuidade quase irresistível; por isso suas múltiplas transmutações eróticas; por isso a necessidade de compreendê-lo numa confluência entre a História e a Psicanálise.

É preciso lembrar que “a escravidão foi muito mais do que um sistema econômico; ela moldou condutas, definiu hierarquias sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência” (Fraga Filho, 2014, p. 22-23). Tais condutas e sentimentos persistem na mente tanto dos negros quanto dos brancos, numa espécie de inconsciente coletivo, em pactos (Bento, 2022), a partir duma nova espécie de racismo, que é cego, porque implícito, dissimulado, recalcado (Bonilla-Silva, 2020; Gonzales, 2020; Fanon, 2008). Como afirma Isildinha Nogueira, “cada contexto histórico, cada época, gera a estrutura psíquica necessária para sua manutenção” (Nogueira, 2021, p. 34). Entendemos, assim, algumas das declarações da historiadora Beatriz Nascimento, que certa vez afirmou: “resta-nos somente o nosso inconsciente, que só através da história poderá ser compreendido e solucionado” (Nascimento, 2021 [1974], p. 46). O presente estudo é uma tentativa de fazer avançar essas proposições e reflexões a partir de uma apreciação analítica, crítica e comparativa.



Referências

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BICUDO, Virgínia. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

BONILLA-SILVA, Eduardo. **Racismo sem racistas**: o racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não se como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023 [2005].

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FRAGA FILHO, Walter. **Encruzilhadas da liberdade**: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar,



2020.

HARTMAN, Saidiya. **Tempo da escravidão**. Periódicus, Salvador, v. 1, n. 14, p. 242-262, nov. 2020/abr. 2021.

HARTMAN, Saidiya. **Vênus em dois atos**. Eco-pós, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020.

KOSELLECK, Reinhart. **História de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 9-11.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Beatriz. **Por uma história do homem negro**. In: NASCIMENTO, Beatriz. **História feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Cor e inconsciente. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristine Curi; SILVA, Maria Lúcia da (org.). **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PATTERSON, Orlando. **Escravidão e morte social: um estudo comparado**. Trad. Fábio Duarte Joly. São Paulo: Edusp, 2008.

SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do povo, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/>



org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida_impagavel.pdf. Acesso 8 ago. 2023.

SILVA, Maria Lúcia da. **Racismo no Brasil**: questões para psicanalistas brasileiros. In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristine Curi; SILVA, Maria Lúcia da (org.). O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Perspectiva, 2017. p. 71-90.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021 [1983].

VEIGA, Lucas Motta. **Descolonizando a psicologia**: notas para uma Psicologia Preta. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. esp., p. 244-248, set. 2019. Doi: https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29000. Acesso em 8 ago. 2023.

WILDERSON III, Frank B. (Interview) "We're trying to destroy the world". **Anti blackness & police violence after Ferguson**. 2014. Disponível em: <https://illwill.com/print/were-trying-to-destroy-the-world>. Acesso em 8 ago. 2023.

WILDERSON III, Frank B. Afropessimismo. São Paulo: Todavia, 2021.



AS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS DA INFLUÊNCIA DO MERCADO NO CORPO FEMININO

*Carol Santos*²⁹



167



Palavras-Chave:

Indústria estética; Corpo feminino; Influência.

²⁹. Discente do Curso Ciências Sociais/ CAHL-UFRB

Este trabalho corresponde a uma proposta de investigação e discussão sobre os impactos da indústria estética e a influência do mercado no corpo feminino. Tem como objetivo a reflexão e possibilidade de intervenção direta e indiretamente na construção e desconstrução de conceitos e costumes pré-estabelecidos no que diz respeito à identidade feminina.

Logo, esta pesquisa visa entender e questionar a origem e processo de elaboração de concepções idealistas e criação de padrões no que diz respeito à constituição física do corpo feminino que reflete também na sua esfera moral; tendo também o intuito de problematizar e aprofundar as investigações e estudos sobre a indústria estética e a sua influência no corpo feminino.

A elaboração deste trabalho tem em vista contribuir com a desmistificação de ideias e conceitos criados pela classe e poder dominantes sobre o que é ser feminino, que tem se perpetuado ao longo da história sobre a identidade feminina; também, visa auxiliar e suscitar questões e possíveis discussões e pesquisas futuras no tocante ao tema, visto que é um tema bastante importante e que se tornou atemporal.

A partir de algumas análises e leituras foi possível detectar algumas nuances de que este trabalho se aproxima da Corrente Epistemológica Crítica do Paradigma Humanista Radical, tendo em vista seus objetivos de observar e analisar os aspectos do corpo como objeto social e alvo do mercado, bem como refletir sobre as concepções político-sociais do corpo feminino e as suas conexões entre indústria, mídia e corpo.



Podemos perceber, entretanto, que as epistemologias feministas, necessárias para esse processo analítico, são relativamente recentes se comparadas a outras formas de pensar e, por isso, são também muitas vezes uma espécie de agente epistêmico problematizado e estereotipado pelas ditas “ciências clássicas” e pelos métodos patriarcais. Levando em consideração toda a influência do mercado, da sociedade e de outras instituições sobre o corpo feminino desde os tempos primórdios, está claro que essa interferência é algo muito mais profundo do que o que parece.

Existe todo um sistema que se constrói ao redor da ideia de que a mulher já nasceu predestinada a ser dona de casa, secretária do lar, mãe e com vocação inata para as atividades domésticas. Esse pensamento se enraizou e vem se perpetuando em “colaboração” com o sistema patriarcal e capitalista que nos rege e que se reflete também nos campos da construção do saber, por fazer parte dos mecanismos da organização patriarcal e heteronormativa para oprimir e segregar a população feminina.

Esse pensamento machista se deve a uma construção histórico-política sobre a perspectiva do que é e como deve vir a ser a mulher e tudo que está ligado a ela. É como um manual de instruções criado por homens brancos, ricos e héteros em sua maioria, que instrui a mulher sobre como ela deve ser e agir segundo as normas sociais, normas essas criadas também por esses sujeitos historicamente opressores e integrantes da classe dominante da qual eles se beneficiam para usurpar e oprimir as minorias.



É importante destacar que todo esse sistema de regras aos quais somos submetidos é uma espécie de ferramenta de manipulação das classes hegemônicas, que desde os seus primórdios era utilizado para justificar práticas supremacistas e racistas, como a ideia da eugenia, do hibridismo, o discurso do branqueamento, dentre outras práticas e ideologias; além do discurso do negro como fonte principal de todas as patologias conhecidas e principal alvo para culpabilidade e depósito de tudo o que a branquitude considera como errado, sujo, feio, ilegítimo, não civilizado.

Um ponto importante a ser destacado é como as formas de construção do saber contribuem exponencialmente para perpetuação das formas de opressão, uma vez que, as epistemologias e as formas clássicas de construção do conhecimento são pautadas em métodos, autores, pesquisas, análises e referências majoritariamente machistas, sexistas, racistas, capacitistas, meritocráticos, etc. Nesse contexto, podemos suscitar novas formas de pensar e de construir o conhecimento, principalmente no que diz respeito à mulher e ao seu corpo; e acima de tudo colocar mulheres não apenas como objeto de pesquisa, como por muito tempo foi feito com os povos negros e com os povos indígenas e também com as próprias mulheres, mas colocar esses sujeitos como dirigentes da sua própria pesquisa e autores da própria história.

É importante destacar que os modos de produção de mercadorias, nesse contexto do mercado estético, estão bastante vinculados aos modos de produção do conhecimento que segrega as mulheres. Na grande



maioria das vezes, a indústria estética se beneficia das inseguranças causadas pelo próprio sistema patriarcal, machista, sexista, racista, capacitista, heteronormativo para se propagar e vender os seus produtos. E dentro desse contexto objetifica a mulher apenas com intuito de lucrar e propagar suas marcas.

Dentro desse contexto podemos fazer um paralelo da obsolescência programada das coisas com a do corpo. O conceito de obsolescência programada é um termo da economia e que tem como principal base a ideia de dar um prazo de validade curto aos objetos para que eles sejam sempre substituídos e o consumidor esteja sempre comprando. Da mesma forma, podemos fazer uma analogia quanto ao nosso corpo na sociedade em que estamos vivendo hoje; para a qual existe um padrão que foi imposto pela raça hegemônica e em que se perpetuam ideias de etarismo, capacitismo, sexismo, machismo, racismo, dentre outras características do sistema hegemônico dominante. Esse sistema “valida” os corpos que se enquadram nos padrões estabelecidos e descarta e marginaliza os outros corpos, num processo de apagamento de identidades. Esse processo de apagamento cria, a partir das subjetividades desses indivíduos “afetados”, uma necessidade de pertencimento e de criação de “novas” identidades para satisfazer aquilo que lhes foi tirado e que, por sinal, as bases dessas novas identidades são ideologicamente hegemônicas.

Em síntese, um dos requisitos essenciais para a construção e elaboração do saber científico é o método utilizado no processo dessa construção. Sendo assim,



uma das principais ferramentas para validação de uma teoria científica que pode resultar ou não na construção de um saber é o método aplicado nesse processo. Diante disso, este trabalho se constitui a partir de análises bibliográficas e revisão da literatura e busca se fundamentar em uma perspectiva metodológica qualitativa e interpretativista, situando-se em um contexto que visa compreender o posicionamento da mulher em relação a seu corpo e criticar e desconstruir os dogmas e saberes pré-estabelecidos que objetificam o corpo feminino e, portanto, descaracterizam e deslegitimam o ser feminino em sua essência e significado.

Para o processo de elaboração foram escolhidas referências literárias de autores que estudaram a questão das instituições sociais e a sua influência na sociedade principalmente no que diz respeito à indústria, fazendo um paralelo com autoras feministas negras que escreveram sobre como o processo do capitalismo influencia diretamente os corpos femininos negros.

As sociedades globais modernas são movidas pelas engrenagens do capitalismo e as suas diversas ferramentas da manipulação. Um dos mecanismos utilizados pelo capitalismo como forma de capturar de modo integral a essência humana são as ideias de positividade e de produtividade, bastante utilizadas pela meritocracia para uma espécie de internalização de uma autocobrança inconsciente.

Os impactos causados por essa forma de vivência, pautada na produtividade constante e em que não se permite o descanso, provocam consequências desestabilizadoras para a sociedade como um todo, in-



clusive, consequências muitas vezes irreversíveis para a saúde do indivíduo, principalmente aqueles que já estão em situações de vulnerabilidade. Essa ideologia modelada pela lógica do mercado possui configurações que afetam a vida do indivíduo profundamente e de maneira negativa na maioria das vezes.

Nesse contexto, é importante salientar os impactos causados pelo capitalismo juntamente com sua ideia de modernidade e desenvolvimento. A ideia de modernidade defendida e difundida pelo sistema capitalista está pautada na dominação e hierarquização das classes e raças, na subalternização e na marginalização dos grupos minoritários.

A ideologia norteadora do sistema capitalista pelo qual somos regidos é o da produtividade incessante para satisfazer uma autoafirmação identitária e uma necessidade cada vez maior de visibilidade. Esse movimento do capitalismo tem não só estimulado a ideia da produtividade, mas tem capturado cada vez mais as subjetividades dos indivíduos. Através desse pressuposto, podemos perceber como as configurações do sistema capitalista estão completamente projetadas para que tenhamos constantemente a sensação de que não estamos produzindo ou sendo perfeitos o suficiente para atender às demandas desse sistema e, com isso, nos autoimpomos cada vez mais cobranças e punições.

Dentro desse contexto podemos fazer um paralelo da obsolescência programada das coisas com a do corpo. O conceito de obsolescência programada é um termo da economia e que tem como principal base a ideia de dar um prazo de validade curto aos objetos

para que eles sejam sempre substituídos e o consumidor esteja sempre comprando. Da mesma forma, podemos fazer uma analogia quanto ao nosso corpo na sociedade em que estamos vivendo hoje; na qual existe um padrão que foi imposto pela raça hegemônica e que perpetua ideias de etarismo, capacitismo, sexismo, machismo, racismo, dentre outras características do sistema hegemônico dominante. Esse sistema “valida” os corpos que se enquadram nos padrões estabelecidos e descarta e marginaliza os outros corpos num processo de apagamento de identidades. Esse processo de apagamento cria, a partir das subjetividades desses indivíduos “afetados”, uma necessidade de pertencimento e de criação de “novas” identidades para satisfazer aquilo que lhes foi tirado e que, por sinal, a base dessas novas identidades é ideologicamente hegemônica.

Como dito anteriormente, o modelo estético ao qual somos induzidos a seguir, está baseado em parâmetros científicos propostos pela branquitude, o que significa que mesmo “sem querer”, ela produzirá racismo estrutural, sexismo, machismo dentre outras violências em muitos momentos, por conta da base da sua construção sócio-histórica. Sabemos que, assim como em outras áreas, a indústria estética também é usada para perpetuar a dominação branca, principalmente por conta do âmbito da sua influência, ainda que inconscientemente. Essa dominação parte do pressuposto de que, sendo a raça branca superior, e tendo ela não apenas uma, mas várias ciências que operam em seu favor, se utiliza também dessa vantagem como estratégia para dominação.



Sendo assim, é possível percebermos que a ideia de identidade, padrão, bonito, feio, beleza, produzida pela classe hegemônica, está intrinsecamente conectada com questões de raça, classe, sexo e gênero. Nesse sentido, é importante salientar como essas questões atravessam os corpos negros femininos que são constantemente massacrados e ao mesmo tempo assediados pelo capitalismo de forma geral e principalmente pela indústria estética.



Referências

COLLING, A. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: Gênero e cultura: questões contemporâneas/org. STRY, M. N; CABEDA, S. T; PREHN, D. R. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a genealogia e a história" In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979. Pp.15-37.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. Organização de: Flávia Rios e Márcia Lima.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 22: setembro-dezembro, 2014, p. 935-952

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; COSTA, Ana Alice Alcântara (Org.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, 2002. v. 8. (Coleção Bahianas).

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; PRZYBYSZ, Juliana. **O corpo como elemento das geografias feministas e queer**: um desafio para análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JU-



NIOR, Alides Baptista (Orgs.). Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Toda palavra, 2013. p. 85- 115.



IV.

O CAHL e as Escolas de Ensino Médio

PESQUISA DE ESTÁGIO: Análise do desestímu- lo estudantil a partir do sucateamento da edu- cação pública estadual

*Yane Pereira das Chagas*³⁰



179



Palavras-Chave:

**Educação; Estágio obrigatório; Sucateamen-
to educacional.**

³⁰. Discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/CAHL-UFRB

O presente trabalho consiste em uma análise da relação entre o desestímulo estudantil e o sucateamento da educação pública estadual no ensino médio através de reflexões construídas durante a experiência do estágio obrigatório de observação e o estágio obrigatório de intervenção no Centro Educacional Teodoro Sampaio, que está localizado no município de Santo Amaro (BA).

O estágio obrigatório é uma etapa de suma importância à formação docente, pois permite que o licenciando tenha os primeiros contatos com a escola a partir do olhar profissional. Assim, os discentes em formação podem compreender as reais dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação a partir do compartilhamento de suas experiências. Além disso, esses futuros professores têm a oportunidade de articular elementos da teoria e da prática à docência já que este é o momento para analisar os aspectos estruturais, físicos e simbólicos da escola. Portanto, ao final de sua graduação o egresso estará consciente dos obstáculos e das virtudes em ser docente (Oliveira, 2014; Godinho, 2021).

A sociedade brasileira é estruturada a partir da herança colonial de exploração dos povos subjugados que hoje se configuram como a maioria da população e ocupam as classes econômicas mais baixas. Por serem historicamente desprivilegiadas socialmente restam a essas pessoas condições pouco razoáveis de saúde, segurança, emprego, moradia e educação. No que diz respeito à última categoria é possível observar que o descaso começa a partir da desvalorização da docência

que é colocada no meio popular enquanto uma profissão de pouco prestígio (Oliveira, 2014). Os professores são mal remunerados e na maioria dos casos precisam lecionar disciplinas aquém da sua formação para completar a carga-horária; além disso, há docentes que precisam trabalhar em outras escolas para completar a sua renda (Oliveira, 2014).

Em relação aos aspectos estruturais das escolas é possível observar que ao longo dos anos as secretarias de educação dos estados deixam de fiscalizar e mandar recursos para o reparo de problemas físicos e organizacionais das escolas. Esse desleixo prejudica o processo de ensino aprendizagem. A educadora Maria da Glória Gohn (2014) reforça essa ideia ao afirmar que o modo como a educação estrutura-se prejudica o processo formativo. As péssimas condições escolares levam ao desestímulo e à desmotivação estudantil, logo, os jovens distanciam-se da possibilidade de construir e expor suas narrativas. A partir dessa premissa, a hipótese de pesquisa é que o sucateamento educacional tanto no aspecto físico como no aspecto simbólico influencia o desestímulo estudantil. É importante ressaltar que o aspecto simbólico aqui refere-se às questões imateriais que se inserem na estrutura escolar como, por exemplo, a remuneração dos professores e a sua formação didática que são refletidas na forma como estes executam as suas aulas.

Foram realizadas entrevistas em ambos os períodos de observação e intervenção. No estágio de observação, o questionário continha 21 perguntas abertas feitas durante uma conversa com três estudantes



da 3ª série do Ensino Médio com perfis socioculturais diferentes, de maneira isolada. Cabe ressaltar que foram feitas as mesmas perguntas para cada discente. Por conta do curto prazo para a elaboração da pesquisa, optou-se por selecionar uma pequena amostra para entrevista que foi feita com muita profundidade.

Em relação aos discentes, foram escolhidos pelos perfis diferentes, pois, desse modo, fica evidente que, mesmo os estudantes possuindo contextos sociais diferentes entre si, compartilham de opiniões parecidas visto o fato de partilharem as vivências no mesmo ambiente acadêmico e, portanto, possuírem esse aspecto identitário similar.

Para o estágio de intervenção realizou-se um questionário com 17 questões abertas e fechadas através do Google Forms. O link do Forms foi enviado através do grupo de WhatsApp da turma da 2ª série do ensino médio e 18 dos 25 estudantes responderam.

Após a análise dos resultados dos dois métodos mencionados concluiu-se que 17 dos 20 estudantes moram em bairros periféricos e nos distritos da cidade, assim enfrentam dificuldades em relação à locomoção até a escola. Quanto à motivação para ir à escola, 14 dos 20 estudantes se sentem motivados e alegam que as razões para o fazer é a possibilidade de melhores condições de vida e emprego, a socialização com os amigos, passar de ano para concluir rapidamente o ensino médio e por pressão familiar. Em relação aos porquês dos quais eles se sentem desmotivados, 6 das 8 respostas consistiram na constante falta dos professores sem justificativas e avisos prévios, então



os discentes se frustram por não terem as devidas aulas; criticaram a metodologia de ensino com excessivas atividades e explicações de assuntos pouco contextualizados, o que dificulta a compreensão; o cansaço e o estresse causado pela desorganização oferecida ao ensino integral e a falta de estrutura para comportar os alunos durante esse período; e a falta de compreensão com as dificuldades enfrentadas pelos alunos que moram nos distritos. Neste sentido, percebe-se que ainda que a maioria dos estudantes entrevistados se sinta motivada a frequentar o colégio, essas motivações se dão por conta de aspectos individuais externos ao que tange as estruturas do ambiente escolar. Diferentemente dos alunos que se sentiram motivados, aqueles que se sentiram desmotivados evidenciaram as problemáticas estruturais da escola.

Além das entrevistas, foram feitas anotações das observações de campo. A obra “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” de Roberto Cardoso de Oliveira (1996) ressalta a importância do antropólogo cuidar para que o seu processo de observação e escuta não seja totalmente dominado pelas ideias pré-concebidas em relação ao seu objeto de pesquisa. É a partir dessa premissa que o autor propõe a realização de uma escrita feita cuidadosamente e sob reflexões que confrontem os preconceitos estabelecidos pelo contexto da sociedade em que se encontra. Dessa forma o produto de seu trabalho estará comprometido com o respeito às culturas. As análises de campo foram feitas a partir dessa ótica. Além disso, a escola foi interpretada enquanto espaço sociocultural assim como propôs



o educador Juarez Tarcísio Dayrell. Portanto, refletiu-se acerca da estrutura escolar no âmbito da sua arquitetura e suas deficiências físicas como, por exemplo, a situação dos pátios que alagam durante o período chuvoso, as salas possuem má ventilação o que aumenta a sensação térmica, as portas não fecham direito, a quadra é degradada e aumenta o risco de acidentes, os quadros estavam em péssimo estado e, portanto, não dava para escrever direito, ausência de um refeitório mesmo que a escola oferte o ensino integral; os lugares direcionados ao lazer e a forma como os alunos ressignificaram alguns espaços para o seu lazer; a estrutura das salas de aula, bem como as suas deficiências e o modo como os alunos se organizam dentro do espaço; o ensino de sociologia no âmbito da organização das aulas em metodologias, avaliação, seleção dos conteúdos que serão transmitidos (Mesquita, 2020; Rosa, 2020; Godinho, 2021) e livro utilizado.

Além dos aspectos estruturais também foram observadas as condições dos professores enquanto aspecto que também é resultado de um sucateamento, neste sentido, simbólico. Durante os encontros na sala dos professores e participação em suas conversas levou-se em conta os muitos relatos sobre a desvalorização dos profissionais por parte da sociedade brasileira, que possui a tradição de não reconhecer a real importância do trabalho de ensino, além de não ter os seus devidos direitos garantidos, inclusive foram presenciadas paralisações em prol da regulação do pagamento dos precatórios do Fundef; o cansaço ocorrido pelo trabalho, pois a maioria deles leciona em outras escolas e

logo fica desgastada; a insatisfação em ter que lecionar disciplinas para as quais eles não são formados e a falta de assistência para o ensino e aprendizagem por parte da secretaria de educação. Tais problemáticas, portanto, evidenciam ao mesmo tempo que são reflexos do sucateamento da educação pública estadual.

As reflexões acerca do tema foram feitas a partir da análise de referências sobre a educação trabalhada no decorrer da graduação em Licenciatura em Ciências Sociais, especialmente durante os estágios de observação e intervenção. As referências versavam sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a importância da observação e da escuta no trabalho etnográfico, a organização da educação brasileira, o ensino das Ciências Sociais no Brasil, os percalços do trabalho docente, a compreensão da escola como um espaço sociocultural e o contexto atual do capitalismo. Portanto, compreende-se que o papel do professor não se limita à docência, mas abrange a pesquisa a partir de uma perspectiva mais subjetiva. Conforme mencionado anteriormente, o estágio obrigatório é o período em que o licenciando tem a oportunidade de exercer o seu primeiro contato com o ambiente escolar por meio do olhar docente. É nesse momento que serão analisados os pontos de encontro entre a teoria e a prática da docência, assim, o futuro docente terá um aprendizado prático acerca do planejamento pedagógico e o funcionamento da escola no aspecto estrutural e organizacional (Oliveira, 2014).

A escola não está localizada em um vácuo e por isso reflete o contexto em que se insere, dessa forma



é inevitável a reprodução estrutural da sociedade brasileira que historicamente desvaloriza e nega melhores condições de vida às classes economicamente baixas. Desse modo, é nítido o descaso com o sistema educacional visto que, ainda que a maioria dos estudantes se sinta motivada a frequentar a escola, essas motivações não residem nos seus aspectos estruturais.

Dessa forma, percebe-se que ainda são muitos os percalços para alcançar a finalidade do sistema educacional brasileiro que consiste em formar cidadãos aptos ao mercado de trabalho, críticos e plenamente capacitados para respeitar às diversidades. Pois, questões como a infraestrutura, a organização metodológica das aulas e dos conteúdos ministrados, além dos impactos causados à docência, dadas as péssimas condições de trabalho, prejudicam a formação estudantil. Desse modo, os estudantes, que já são atravessados por questões sociais extraescolares, ao se depararem com o sucateamento escolar terminam por se desestimular e desmotivar, ainda que haja a crença da necessidade de continuar com os estudos seja para concluir o ensino médio e se “livrar” da escola ou pela possibilidade de conquistar melhores condições de vida a partir dos estudos.

Referências

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (org) **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação** - II^a Série, Número 1, 2014.

MESQUITA, Silvana. **Elementos da didática para a juventude: Entre a dimensão relacional e a construção de sentidos**. Revista Portuguesa de Educação, V.33, no. 2, 2020.p. 200-225

OLIVEIRA, Amurabi. Desafios e singularidades do Estágio Supervisionado na formação de professores de Ciências Sociais. Revista Educação: teoria e prática. Vol. 24, n.47/ p. 195-216, Rio Claro, 2014.

OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de antropologia, São Paulo, USP, 1996, v. 39º n. 1.

ROSA, Alexandra Ramos; FERNANDES, Graziela Nunes Alfenas; LEMOS, Stela Maris Aguiar. Desempenho escolar e comportamentos sociais em adolescentes. **Audiol Comum Res**,p.1-8, 2020.

GODINHO, Luis Flávio Reis et al (ORGS.) **Trilhando percursos na docência em Ciências Sociais**. Cruz das Almas, BA: EDUFRB, 2021.



AFRICANIDADES: Desmistificação dos estereótipos



Letícia Santos Conceição³¹
Beatriz do Carmo da Silva³¹
Uéverne Carlos da Silva³¹

Palavras-Chave:

Africanidades; Estágio supervisionado; Ensino da cultura afro-brasileira.

³¹. Discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/CAHL-UFRB

O presente trabalho consiste em uma análise da relação entre o desestímulo estudantil e o sucateamento da educação pública estadual no ensino médio através de reflexões construídas durante a experiência do estágio obrigatório de observação e o estágio obrigatório de intervenção no Centro Educacional Teodoro Sampaio, que está localizado no município de Santo Amaro (BA).

A presente pesquisa tem como objetivo saber quais as representações no tocante à África existentes no imaginário dos brasileiros, mais especificamente dos estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional Recôncavo II Alberto Torres, do município de Cruz das Almas- BA. Nessa perspectiva, busca-se desconstruir visões estereotipadas, e assim (re)apresentar uma nova África.

É importante enfatizar que não há a intenção em construir uma utopia a respeito da África, nem se pretende ocultar os fatos, sabemos que há mazelas no continente africano, como há, em menor ou maior nível, em qualquer parte do mundo.

A escolha e a delimitação da nossa proposta “Africanidades: Desmistificação dos estereótipos” emergiu desde a nossa inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em meados de 2020, quando tivemos a oportunidade de conhecer o perfil dos estudantes nessa mesma unidade de ensino, que em sua maioria são negros e de baixa renda.

O presente Projeto de Intervenção foi desenvolvido durante o Estágio Supervisionado II, do curso de Li-



cenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), 5º período, durante o 2º semestre do ano de 2022.

Um olhar discente para a futura docência no CETEP, com a percepção de traços inconscientes dos estereótipos em torno da cultura afro-brasileira no imaginário dos educandos analisados insiste em ecoar neste ambiente.

No espaço acadêmico, em específico, no Centro de Artes Humanidades e Letras – CAHL/UFRB, nós licenciados em Ciências Sociais, temos acesso a pensadores africanos e afrobrasileiros a partir desse embasamento de intelectualidade negra. Desse modo, criamos estratégias para implementar a desmitificação dos estereótipos em relação ao corpo social da África, uma vez que é crucial regatar o protagonismo da ancestralidade potencializando o outro lado da África, não sendo limitada como civilização animalesca, índices de miséria/fome e sociedade tribal.

Mediante o exposto, fica evidente o papel de tratar a temática com o intuito de humanizar a cultura negra, promovendo um fortalecimento da autoconfiança dos estudantes afro-brasileiros, e simultaneamente, despertar a consciência nas africanidades.

Desde 09 de janeiro de 2003, a Lei nº 10.639 incluiu a obrigatoriedade do ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Entretanto, é possível notar que existem lacunas no que diz respeito à história da África, uma vez que a abordagem que esses alunos estão recebendo não

é fundamentada em pesquisas atuais que apresentam uma visão menos eurocêntrica e estereotipada do continente Africano.

O que muito se observa é que o conhecimento originário do senso comum influencia de maneira contraproducente o conhecimento científico. No livro “O perigo de uma história única”, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie retrata justamente a problemática das representações estereotipadas para descrever realidades socioculturais, como a própria autora relata uma de suas experiências em sua obra:

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais (ADICHIE, 2019, p. 17).

Diante disso é imprescindível o rompimento dessa visão etnocêntrica e patriarcal acerca veracidade do cenário Africano. Juvenal de Carvalho Conceição, doutor em história pela PUC-SP, bolsista CAPES, defendeu a Tese “Em pauta: Veja, Tempo e as representações de África”. Diz em uma de suas reflexões:

As classes dirigentes sempre procuraram construir uma imagem negativa do negro. A ele está associado tudo que é “feio”, “ruim” e “demoníaco”. África surge nesta imagem como símbolo do primitivismo, da selvageria, do atraso, do misticismo, da feitiçaria, da

irracionalidade, do exotismo, do bestial, da brutalidade, da maldade, do lugar não-civilizado e de clima hostil. (CONCEIÇÃO, 2012, p.7)

Diante disso, é nítido o quanto a essência da África ainda é tão pouco abordada e discutida na sociedade, especialmente nas escolas tanto de rede pública quanto privada. Lamentavelmente, os alunos ainda possuem um pensamento tradicional de conhecimentos etnocêntricos, eurocêntricos e preconceituosos sobre o continente Africano.

Segundo o historiador norte-americano Carter G. Woodson, em sua obra “A deseducação do negro”, a questão preocupante é que a educação direcionada a pessoas negras norte-americanas era totalmente inviabilizada, desse modo, inconscientemente contribuindo para a perpetuação do regime opressor no ensino majoritariamente ministrado pela branquitude nas escolas destinadas à comunidade negra.

A inquietação do autor consiste no fato de que, para ele, a educação que os sujeitos negros estadunidenses obtinham vinha com o intuito de dar continuidade à lógica do opressor. Isto é, não era uma educação com ideais da criticidade de liberdade e sim, de dominação com ares de superioridade.

Trazendo a questão para solo brasileiro, é importante salientar que essa problemática fere tudo aquilo que se entende como empoderamento de identidade cultural da comunidade africana, sobretudo quando adolescentes e crianças não tem um contato com es-

sas temáticas ainda nos anos iniciais. Desse modo, é de suma importância o aprimoramento dos conhecimentos ligados a saberes de ébano, propondo assim uma deseducação dos estereótipos e reeducação a partir da visibilidade, isto é, resgatar a ancestralidade afro-brasileira.

Alicerçada nas nossas inquietações, foi desenvolvida uma pesquisa, durante a fase do diagnóstico escolar, com os alunos(a) do CETEP da turma do 1º ano do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio, no dia 23 de novembro de 2022. Buscou-se saber quais as representações no tocante à África existentes no imaginário deles.

A coleta de dados foi realizada via questionários impressos compostos por treze perguntas: as quatro primeiras tinham como propósito traçar o perfil dos estudantes, além de abordar questões específicas em torno da disciplina de Sociologia. As perguntas centrais foram categorizadas da seguinte forma: a questão número quatro é uma pergunta de identificação tendo como parâmetro as categorias propostas pelo IBGE (2017), assim, 64% declaram-se pretos, 36% se identificaram como Pardos.

Um outro conjunto de questões teve como objetivo apontar qual o nível de conhecimento acerca do continente africano. A questão número sete explora o que vem à mente deles quando ouvem a palavra “África”, contudo, ao analisar a resposta percebemos que maioria dos alunos tem uma visão distorcida e impregnada da África, descrita por muitos deles por um lugar selvagem, onde acontece catástrofes e tem savanas.

As questões subsequentes versam sobre o modo como os estudantes compreendem a organização política dos distintos povos que fazem parte do continente africano. Para esta indagação as respostas ficaram fragmentadas, majoritariamente entre não ter uma opinião formada e a inexistência de qualquer tipo de organização. A questão onze questionava se eles já tinham estudado a cultura do povo africano, entretanto, ao analisar de forma sucinta o resultado, pudemos concluir que, apesar de muitos deles terem respondido que já tiveram algum tipo de contato com esses conhecimentos, identificamos que o contato em relação ao ensino sobre temáticas com vertentes de africanidades fica restrito.

Todavia, é necessário pensar qual história da África está sendo mostrada a esses educandos. Se a temática for abordada de forma positiva e com resgate da ancestralidade no processo de ensino e absorção de saberes, haverá empoderamento da cultura afro-brasileira. Ora, ao inverso, caso a temática permaneça sendo mostrada de forma convencional, as noções preestabelecidas insistirão em emitir uma imagem africana empobrecida e sem cultura. Em síntese, a partir dos dados coletados e das leituras no tocante ao continente africano, construiu-se o nosso Projeto de Intervenção, o qual busca desconstruir essa visão etnocêntrica, distorcida e ultrapassada da África.

Será aplicado uma metodologia construtivista, uma vez que buscamos estimular a participação dos alunos em sala, de modo que vínculos sejam criados, o que contribui de forma significativa no aprendizado.



Por meio de aulas expositivas-dialogadas, o primeiro encontro terá como temática “A origem da visão negativa sobre o continente africano. Século XVI”, com o intuito de introduzir e apresentar o tema para os estudantes. A segunda tem como principal objetivo o aprofundamento do tema, tratando do racismo dito como “científico”, com ênfase no continente africano.

A terceira será a exibição de reportagens de revistas ou jornais de circulação nacional durante as aulas, cuja finalidade é abrir um leque de discussões acerca das informações encontradas, visto que os estereótipos em torno da África dependem do veículo e do período, isto é, há jornais mais à esquerda e outros mais à direita.

Na penúltima e na última aula, serão propostas duas avaliações diferentes, visto que, é crucial contemplar a diversidade da turma. A primeira será a produção de um texto no qual o estudante irá explanar sobre o tema e propor algumas sugestões para enfrentar o problema. Já a segunda atividade consiste na montagem e construção de um painel tratando da construção da identidade negra.

A partir dos fatos mencionados, na desmistificação dos estereótipos aos educandos, espera-se potencializar e despertar as mentes do sono de equívocos ligados às vertentes pontuadas nas africanidades. Ou seja, desassociar a África a uma única história relacionada meramente a catástrofes e savanas, e sim empoderar a cultura africana ou afro-brasileira no imaginário desses alunos, resgatando a ancestralidade e tecendo teias antirracistas.



Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CONCEIÇÃO, Juvenal de Carvalho. **A ideia de África**: obstáculo para o ensino De História africana no Brasil. Projeto História, São Paulo, n. 44, pp. 343-353, jun. 2012.

WOODSON, Carter. **A deseducação do negro**. São Paulo: Edipro, 2021.



NARUTO VAI À ESCOLA: uma experiência docente através do anime no ensino de história

Jeyel Batista do Nascimento de Lima³²



197



Palavras-Chave:

Naruto; Anime; Estágio; História; Ensino.

³². Discente do curso de Licenciatura em História/ CAHL- UFRB

Produções audiovisuais têm feito parte do processo de ensino-aprendizagem no Brasil desde a década de 1930, seja na produção acadêmica sobre os usos e desusos da cultura audiovisual, ou nas salas de aula. As possibilidades encontradas no recurso podem dinamizar as aulas, favorecer a interação dos alunos e abrir novas perspectivas para um ensino crítico. Assim, o anime, produção animada de origem japonesa, se apresenta como alternativa interessante neste processo.

Durante a experiência de regência do Estágio Supervisionado em História II (2023.1), na UFRB, sob orientação do professor Dr. Leandro Antonio de Almeida, no Colégio Municipal Getúlio Vargas Quilombola, localizado no município de Maragogipe - BA, pudemos exercitar e refletir sobre as possibilidades do anime *Naruto* (2002), de Masashi Kishimoto (1974 -), para trabalhar o conceito de Independência numa turma de 8º ano do Fundamental II, utilizando o anime como ferramenta didática no contexto da discussão Independência do Brasil na Bahia.

Desta forma, a partir da experiência de Estágio, este trabalho busca refletir sobre as possibilidades do anime *Naruto*, em particular, e do gênero anime, em geral, como ferramentas auxiliares no processo de ensino-aprendizagem. O gênero serve não só à aproximação do aluno aos objetos de conhecimento, visto que *Naruto* fez e faz parte da cultura visual de crianças a jovens adultos, mas também como instrumento de ensino crítico da história. Uma vez que o Anime não é, neste caso, uma “reprodução” fidedigna dos fatos, o enredo ganha

sentido através da imaginação histórica e de dispositivos relacionais, isto é, à luz da História. São essa experiência e relação dialética que tentaremos problematizar e tensionar adiante.

Metodologia e resultados

A partir da experiência em sala de aula usando o anime *Naruto* como ferramenta pedagógica, fizemos um levantamento de bibliografia específica sobre o uso do cinema e da produção audiovisual no ensino de história, e sobre o uso de animes no contexto escolar. A bibliografia foi utilizada para refletir e fundamentar as questões que apareceram durante a experiência, bem como pensar novas e melhores possibilidades de utilizar animes no ensino de história.

Acadêmicos, professores e governantes têm se atentado para o uso das produções audiovisuais no Brasil desde a década de 1930. O marco institucional desta atenção é a criação do INCE (Instituto Nacional do Cinema Educativo) ainda em 1936, que buscava produzir filmes de cunho educativo (PEREIRA; DA SILVA, 2014). A invenção dos irmãos Lumière tornou-se ainda cedo uma arte das massas, da qual a educação não poderia deixar de usufruir. Com os avanços tecnológicos do início do Século XX, o cinema tomou proporções que, em maior ou menor grau, invadiram todo o mundo.

Nesta mesma linha de desenvolvimento, o cinema de animação ganhou forma e popularidade nas mãos de Walt Disney (1901-1966), inspirando animadores e desenhistas de todo o mundo ocidental ainda nas décadas de 1920 e 1930. Após a Segunda Guerra Mun-



dial, já na década de 1960, o Japão entra na disputa do mercado das animações com os animes, produções audiovisuais inspiradas em mangás. A globalização e a massificação do cinema e do mundo das animações, especificamente, abrem espaço para que a animação japonesa figure ao lado da produção norte-americana.

Na esteira dos filmes, as animações ganharam popularidade entre jovens e adultos, fazendo parte da constituição sócio-simbólica do sujeito. O início do Século XXI e a popularização de computadores, televisores e celulares deram um salto qualitativo e quantitativo nesta relação cinema-sujeito (SILVA, 2007). É neste cenário que o anime *Naruto* nasceu, em 2002, como a animação dos mangás de Kishimoto (1997), sendo até hoje um dos animes mais vistos por jovens e crianças.

O processo de difusão do Anime, como gênero de animação, construiu uma grande comunidade de fãs e apreciadores, alguns chegando ao ponto de transformá-los em modos de vida. Já nas duas primeiras décadas deste século crianças e adolescentes cresceram assistindo grandes obras como *Dragon Ball Z* (1986), *Pokémon* (1997), *One Piece* (1999) e *Naruto*. Segundo pesquisa divulgada pela plataforma de Streaming Crunchyroll, um dos maiores streamings de animes do mundo, *Naruto* foi a obra do gênero mais vista da última década.

O uso de animes na sala de aula encena um esforço de avançar na construção de uma pedagogia crítica, que consiga, dentre os estímulos com os quais o professor disputa em sala de aula, dialogar com formas e conteúdos prévios dos estudantes, ressignificando



histórias e construindo um arsenal crítico que permita ao estudante, além da sala de aula, olhar criticamente o mundo e seus processos (FREIRE, 2004).

As possibilidades do Anime no processo de ensino-aprendizagem têm sido notadas e ganhado espaço na produção acadêmica. Em O discurso sobre o Anime como gênero educativo (2021), Adrielly Barros faz um levantamento de 16 trabalhos que relacionam Anime e Educação. Dentre os trabalhos encontrados por Barros, nenhum destes figura no campo do ensino de História, o que indica um espaço a ser trabalhado e investigado sobre potências e possibilidades, investigação que, se trabalhada corretamente, pode abrir novos caminhos para um ensino crítico e uma outra forma de se relacionar com a História e sobretudo, a bagagem cultural que os estudantes levam à sala de aula.

O anime Naruto é dividido em arcos de desenvolvimento, que contam histórias distintas, mas que se ligam na trama geral do anime. As condições da realidade escolar, devido à dificuldade de acesso às plataformas de streaming, ou a ausência de acesso à internet fora da escola pelos alunos, ou o próprio tempo em sala de aula impedem que os episódios do anime, nesse caso, sejam exibidos por completo em sala.

Por isso, foi preciso produzir um episódio síntese, utilizando o software de edição Movavi Video Editor em sua versão gratuita, feito de recortes dos 19 episódios que compõem o arco utilizado, chamado “País das Ondas”. Os recortes dos episódios foram feitos com o objetivo de retirar as cenas de violência explícita do anime, respeitando a idade dos estudantes, entre 12 e 13 anos.



Além de evitar constrangimentos no âmbito da religião de cada estudante.

Além destes detalhes, os recortes buscaram também manter certa linearidade da história contada ao longo dos 19 episódios, para que ao fim desta síntese fosse possível para o estudante reconhecer de forma mais ou menos uniforme o processo descrito através dos diálogos, bem como contextualizar a história de Naruto e do Time 7 para àqueles que não conhecem o anime. Buscamos também manter, nos recortes, a presença de elementos do próprios do anime que retomassem as discussões feitas em sala sobre história, memória e monumento, categorias que nos ajudaram a pensar e relacionar o anime com a Guerra de Independência do Brasil na Bahia (1822-1823).

O arco chamado “País das Ondas” narra a primeira missão do Time 7, time de Naruto, Sasuke e Sakura, orientados pelo Jounin Kakashi Hatake. A missão que parecia ser simples, a escolta de um engenheiro do País das Ondas de volta a sua casa, se mostra uma luta pela vida do engenheiro e a sobrevivência de uma nação. A missão deste engenheiro era construir uma ponte que ligaria a ilha (o país) ao continente, dessa forma, rompendo com o controle feito por Gattow e sua milícia, que há anos monopolizou o transporte marítimo do país, transformando a ilha numa colônia de sua empresa e levando seu povo à miséria e opressão.

A presença do Time 7 e de Naruto especificamente reacende no povo da ilha a vontade de se libertar do domínio de Gattow e seus soldados. Após o confronto entre o Time 7 e exército de Gattow, o povo da ilha



resgata a experiência de seus antigos heróis e as lembranças de tempos em que seu povo não era explorado e oprimido, um tempo quase idílico onde não havia pobreza ou violência. Por fim, o povo da ilha e o Time 7 se unem, derrotam o colonizador e, numa última batalha na ponte, expulsam o exército que ainda permanecia em seu território. A participação popular na vitória fica marcada na última cena, com a comemoração do povo sobre a ponte.

Durante a experiência no 8º ano do Getúlio Vargas Quilombola dispusemos de 4 aulas para tratarmos do conteúdo e fazer as considerações sobre o uso do anime. As quatro aulas foram feitas às segundas-feiras, em duas semanas diferentes. Logo, dispomos de duas aulas por semana para tal.

Na primeira semana, utilizamos as duas aulas para expor e discutir os processos que levaram à Independência do Brasil no 7 de Setembro, e problematizamos com a turma a participação popular neste processo, as condições de vida de escravizados, homens e mulheres livres no geral. Nos limites do grito do Ipiranga, como uma nação poderia ser livre perpetuando o estigma da escravidão e ainda tendo tropas invasoras em seu território?

Tratamos de aprofundar esta questão na segunda semana. Após propor previamente a discussão utilizando o anime, fizemos a exposição em sala do episódio-síntese no início da primeira aula e partimos para a discussão sobre a Guerra de Independência e a participação do Recôncavo Baiano no processo, já que Maragogipe, município do Colégio, também fez parte da



“Rota da Independência”. Buscamos, na segunda aula, encontrar as semelhanças e diferenças entre a luta do povo do País das Ondas e a luta do povo baiano até o raiar do 2 de Julho de 1823.

O uso de produções audiovisuais na sala levanta diversas questões teóricas e técnicas que precisam ser consideradas para surtirem efeito no processo de ensino-aprendizagem (NAPOLITANO, 2015). O uso do anime apresenta possibilidades interessantes neste sentido, já que é uma linguagem bastante conhecida entre crianças e adolescentes, e aborda uma multiplicidade de estilos e temas, alguns que remetem diretamente à cultura japonesa, outros com tons mais universalistas e que permitem, com os devidos cuidados, seus usos em outros contextos.

A possibilidade de utilizar animes, sobretudo animes já consolidados e conhecidos, abre um espaço importante para um ensino crítico ao compreender o estudante como sujeito da história, possuidor de identidade e produtor de conhecimento. Neste sentido, o anime abre um espaço de diálogo sócio-simbólico entre o estudante e o objeto de conhecimento (SILVA, 2007). Assim, há a possibilidade de identificação do estudante com o conhecimento histórico, científico (BARROS, 2021).

Os animes não precisam necessariamente descrever processos históricos, como é o caso de filmes históricos, para serem utilizados em sala de aula. A ficção, em filmes ou animes, pode acessar um momento da produção do conhecimento que tensiona a imaginação histórica como ferramenta de uma aprendizagem



crítica. Como disse Marc Ferro:

Os historiadores já colocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz. Qual é a hipótese? Que o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História. E qual o postulado? Que aquilo que não aconteceu (e por que aquilo não aconteceu?), as crenças, as intenções, e o imaginário do homem são tão História quanto a História. (FERRO, 1992, p.86)

Desta forma, o anime situa-se tanto na realidade do aluno quanto pode relacionar-se, na ficção ou não, com o objeto do conhecimento na escola. No caso específico de Naruto, é possível e preciso problematizar como a forma política que se apresenta no arco da narrativa ficcional se assemelha ou não com a situação colonial do Brasil, bem como a participação popular se motiva e chega aos fins desejados, seja na derrota da milícia de Gattow, ou na expulsão dos portugueses em 2 de Julho de 1823.

Neste caso, a imaginação histórica é para pensar o postulado do qual fala Marc Ferro: por que nossa independência acontece da forma que acontece? Até que ponto o País das Ondas se torna de fato soberano, e nós não? Em que medida lá o povo participa das lutas e decisões, e aqui não? Os dispositivos relacionais podem servir de auxiliar ao professor que utiliza este recurso em sala de aula, como ferramenta didática, a construir

pontos para o desenvolvimento de um olhar crítico sobre aquilo que se vê e aquilo que se aprende e ensina.

Considerações finais

Em nossa experiência, o exercício de imaginação histórica registrou interessantes avanços na participação de estudantes, alguns até de outras turmas. Primeiro, por diferenciar o método de exposição, já que para a cultura escolar, seria impossível aprender usando “desenhos”. Depois, por levantar questões familiares, já que a maioria dos estudantes já conhecia o anime. Durante a discussão da última aula, após a exposição buscamos, com estas questões, ressignificar a luta do País das Ondas, para ser entendida como luta de Libertação Nacional.

Se, de um lado, há semelhanças entre a “participação popular” no anime e em nossa história também na expulsão dos invasores, os acenos às diferenças também rendem bons resultados. Como, por exemplo, a discussão surgida em sala sobre a ausência de pessoas negras, ou o tipo de governo que nasce no País das Ondas após a libertação. Elementos que, na diferença, exercitam a imaginação histórica e o olhar para outras experiências.

Longe de fechar questões, esta experiência e a reflexão sobre ela apontam um caminho longo a ser trilhado. As novas tecnologias no ensino exigem novos elementos na formação dos professores, ao passo que dialoga com uma geração cada vez mais digital. Em contrapartida enfrenta um cenário educacional em que acesso à internet, bibliotecas ou mesmo projetores são

raros, quando muito precarizados.

Além da questão material, os debates sobre os usos da produção audiovisual no ensino têm crescido no Brasil há bastante tempo. Já o uso dos animes engatinha na esteira desses estudos e experiências (BARROS, 2021). Assim como os cuidados materiais (projetores, salas propícias, equipamentos e técnica de edição), este campo do ensino da história exige forte esforço teórico, que possa refletir e incentivar novas experiências. Este trabalho é apenas uma tentativa de refletir e tensionar as possibilidades e potencialidades do anime como linguagem pedagógica.



Referências

ARAÚJO, Suely Amorim de. **Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula**. Revista Espaço Acadêmico, n. 79, 2007.

BARCALA, Valter Aparecido. O cinema na sala de aula—a reconstrução do cotidiano. Revista Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, 2012. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/barcala-valter-cinema-na-sala-de-aula.pdf>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023

BARROS, Adriely de Santana Souza. **O discurso sobre o anime como gênero educativo**. (Trabalho de Conclusão de Curso). João Pessoa: UFPB, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/21853/1/ASSB19012022.pdf>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023

DE PARIS, Camila; GIORA, Gustavo. Esse é meu jeito Ninja?. **SEPE-Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/view/12530>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023

DE PARIS, Camila; BENEDETTI, Pedro Henrique; CAPRARA, Bernardo. Mito e Cultura: um estudo do Mangá e Anime Naruto. **SEPE-Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS**, v. 7, n. 1, 2017. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/view/6385>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023

FERRO, Marc. Cinema e História. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra, 1992 FONSECA, Vitória Azevedo da. Audiovisuais e ensino de História: panorama da produção acadêmica online. **Anais do 30° Simpósio Nacional de**



História - História e o futuro da educação no Brasil. Org. Márcio Ananias Ferreira Vilela. Recife: ANPUH, 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564778001_ARQUIVO_FONSECA_anpuh2019.pdf>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2015.

PEREIRA, Lara Rodrigues.; SILVA, Cristiani Bereta da. Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História. Revista Espaço Pedagógico, [S. l.], v. 21, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/4304>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e educação.** São Paulo: Cortez, 2007

SOUSA, Dineibergue Viana de. **O mangá como ferramenta pedagógica:** Fullmetal Alchemist. 2021. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/6249/1/DINEIBERGUESSOUSA.pdf>. Acesso em: 13 de Agosto. 2023



JUVENTUDES SECUN- DARISTAS E A UNIVER- SIDADE: acessar para permanecer e formar



*Carlos Valença Guerra Júnior³³
José Raimundo Santos³⁴*

Palavras-Chave:

Juventude; Ações afirmativas; Evasão.

³³. Discente do Curso de Ciências Sociais/CAHL-UFRB.

³⁴. Docente do Curso de Ciências Sociais/CAHL-UFRB.

A produções audiovisuais têm feito parte do processo de ensino-aprendizagem no Brasil desde a década de 1930, seja na produção acadêmica sobre os usos e desusos da cultura audiovisual, ou nas salas de aula. As possibilidades encontradas no recurso podem dinamizar as aulas, favorecer a interação dos alunos e abrir novas perspectivas para um ensino crítico. Assim, o anime, produção animada de origem japonesa, se apresenta como alternativa interessante neste processo.

A atualidade é marcada por constante transformação. O acesso ao ensino superior emerge como um desafio complexo e multifacetado para a juventude contemporânea. O que antes estava distante e não figurava no imaginário das juventudes secundaristas das escolas públicas, agora acena diante dos olhos, assegurado por legislações específicas, o acesso ao ensino superior tornou-se uma realidade, um futuro possível. Será? Neste horizonte repleto de percalços, onde figuram desigualdades sociais e até a disseminação implacável das 'Fake News', o sonho de ingressar na universidade ganha contornos interessantes. Diante dessa encruzilhada, a pesquisa 'Juventudes Secundaristas e a Universidade: Acessar para Permanecer e Formar' propõe-se a mergulhar nas percepções e experiências dos estudantes do ensino médio da rede estadual, com relação ao acesso e a permanência no ensino superior, para tanto questiona-se: como fazem? O que pretendem? O que sabem? Quais são as expectativas? Qual a realidade que vislumbram? O objetivo é apreender as abordagens e estratégias que eles delineiam em relação ao acesso,



permanência e formação no ensino superior.

Diante desta realidade, a escola marca presença na vida dos jovens, com a premissa de oferecer ferramentas de fomento para o futuro. No entanto, de acordo com Melo e Salles (2020) em "Escola, juventude e perspectiva de futuro: alguns apontamentos", o espaço da educação institucional passa por um processo de ruptura com a sua marca identitária, que é justamente cativar a juventude e mobilizá-la para projetos futuros. Isso implica, continuam os autores, a interrupção de prazeres imediatos para se alcançar prazeres mais sólidos futuramente.

Contudo, a ideia de "interdição do gozo da juventude" associa ao grupo a noção uma categoria predominantemente imediatista, buscando prazeres efêmeros de maneira recorrente. No entanto, surge a seguinte pergunta: essa perspectiva se aplica à experiência juvenil como um todo? Uma das hipóteses desta pesquisa é a identificação da situação de vulnerabilidade social como um fator que reconfigura essa percepção sobre os jovens, conferindo-lhes maior complexidade. Dessa forma, tem-se uma outra hipótese que associa juventude, raça e classe; e nela as questões objetivas de sobrevivência material/física se contrapõem às da ordem superestrutural e colocariam o processo de formação em um segundo plano. Assim a carreira militar, concursos públicos ou manutenção de um ofício já reconhecido na família operam. Esse jovem estaria mais preocupado em assegurar sua própria sobrevivência, antes mesmo de considerar a construção da ideia de sujeito capaz de ocupar espaços como o ensino superior.



Esse estudo estrutura-se em três etapas: formação teórica metodológica, a criação e aplicação de um questionário nas escolas estaduais no território do Recôncavo e, por fim, a divulgação dos resultados da pesquisa. Na primeira etapa, desenvolveu-se o estado da arte, quando ocorreu uma formação teórica e metodológica, leituras e fichamentos de textos sobre juventude, evasão e permanência. Para isso, foi realizado um levantamento de artigos entre os anos de 2017 até 2023 que discutem essa temática.

A segunda etapa envolve a criação e aplicação de um questionário para mapear as percepções das juventudes sobre suas perspectivas de futuro. A plataforma “Question Pro” foi escolhida para a montagem do questionário, visando otimizar as questões de acordo com as respostas dos entrevistados. Seu uso possibilita que nossos jovens interlocutores usem smartphones para responder ao instrumento, com duração média de 06 minutos. O questionário é composto por perguntas de múltiplas escolhas, abrangendo uma ampla variedade de tópicos e objetivos. O objetivo é coletar informações sobre perspectivas futuras de maneira estruturada.

O questionário foi dividido em três seções distintas. A primeira seção tem como objetivo identificar a localização geográfica do entrevistado e sua instituição de ensino. Na segunda seção, o questionário tem como propósito compreender as aspirações acadêmicas e profissionais dos estudantes do ensino médio. Isso será abordado considerando a influência da renda familiar, do nível de escolaridade dos pais e colegas como referenciais. Buscar-se-á investigar como os jovens esta-



belecem conexões entre suas perspectivas futuras e o ambiente ao seu redor.

Alguns dados coletados nos mostram algumas pistas de como os estudantes se mobilizam e se projetam para o futuro no ensino superior e ou mercado de trabalho. Ideias como "estou na escola para trazer melhorias para minha família" dispõe perspectivas interessantes de como esses objetivos são constituídos por eles, dado às suas situações socioeconômicas.

Até agora, conseguimos entrevistados do Colégio Estadual Gentil Paraíso Martins, Colégio Estadual João Cardoso dos Santos, Colégio Estadual Carmem Andrade Martins e CEEP Vale do Paraguaçu. Produzimos essas respostas indo nas escolas, porém estamos procurando formas de encaminhar esse questionário de modo online que seja confiável, evitando respostas de pessoas que não são nosso público-alvo.

No presente momento, foram coletadas 45 respostas e 27 entrevistados conseguiram concluir o questionário. O QuestionPro consegue computar as respostas daqueles que não finalizaram totalmente a pesquisa, o que é de grande ajuda para o fornecimento de dados.

Não conseguiremos explicar todos os dados coletados aqui porque foram 31 perguntas, e dado ao limite e formato deste trabalho, excederia o limite imposto para esse resumo. Contudo, traremos algumas respostas que os estudantes nos forneceram que podem ajudar a discutirmos um pouco sobre suas condições socioeconômicas e como a realidade desses estudantes faz com que eles se projetem de determinadas ma-



neiras.

No início da pesquisa, tratamos sobre o nível de escolaridade tanto das mães quanto dos pais dos 45 participantes, proporcionando insights valiosos sobre o contexto educacional das famílias dos jovens pesquisados. Em relação ao nível de escolaridade das mães, a maioria (26.19%) possui ensino médio completo, enquanto 23.81% têm ensino fundamental incompleto, enquanto 9.52% das mães têm pós-graduação completa. Além disso, 11.90% dos participantes responderam "Não sei / Não tenho certeza" em relação ao nível de escolaridade de suas mães.

Quanto ao nível de escolaridade dos pais, os resultados mostram uma distribuição semelhante. A maioria dos pais (28.57%) também possui ensino médio completo, e 28.57% têm ensino fundamental incompleto. Além disso, 2.38% dos pais têm ensino superior completo e 2.38% têm pós-graduação completa. Da mesma forma, 23.81% dos participantes não sabem ou não têm certeza do nível de escolaridade de seus pais.

A pesquisa também abordou a renda média das famílias dos 45 participantes, oferecendo informações importantes sobre o contexto socioeconômico dos jovens envolvidos. Entre os participantes, 28.57% relataram que suas famílias têm uma renda mensal de R\$ 1.000 a R\$ 2.000, enquanto 23.81% afirmaram que a renda de suas famílias é inferior a R\$ 1.000. Além disso, 11.90% relataram uma renda entre R\$ 5.001 a R\$ 7.000, e 19.05% optaram por não informar ou não sabem a renda de suas famílias.



Entretanto, dos participantes, 80% expressaram o desejo de ascender profissionalmente em nível técnico, e quando questionados sobre a presença de membros da família no ensino superior 58.82% dos participantes responderam afirmativamente, o que sugere que alguns têm exemplos de membros da família que estão ou estiveram no ensino superior.

No entanto, quando perguntados sobre a intenção de fazer universidade, as respostas mostram uma divisão: 50% disseram "Sim", indicando interesse em ingressar na universidade, enquanto 8.82% disseram "Não" e 41.18% responderam "Talvez / Não sei".

Essa análise sugere uma complexidade nas aspirações educacionais dos participantes. Embora muitos expressem o desejo de ascender profissionalmente em nível técnico e tenham exemplos nos pares sociais desses estudantes que já estão no ensino superior, uma porcentagem significativa ainda está incerta ou não planeja ingressar na universidade.

Essa interação entre aspirações profissionais, contexto familiar e intenções de educação superior é fundamental para entender as perspectivas dos jovens em relação ao ensino superior e ao seu futuro profissional.

Entretanto, é importante que estejamos atentos sobre a incerteza dos estudantes sobre seu ingresso ao ensino superior. Considerando a disposição financeira da família dos entrevistados e a baixa expectativa de receber auxílio permanência ou auxílio iniciação científica no ensino superior, faz com que eles se sintam



distantes dessa realidade.

Dos que pretendem ingressar no ensino superior, quando questionados sobre como pretendem se manter durante a graduação na faculdade, os participantes forneceram as seguintes respostas; 23.08% planejam contar com o apoio financeiro de suas famílias para custear seus estudos universitários (Meio familiar); 76.92% têm a intenção de buscar bolsas de estudos e/ou estágios remunerados para cobrir seus custos durante a graduação (Bolsa de estudos e/ou Estágios remunerados); 65.38% planejam arranjar um emprego de meio período para complementar sua renda e cobrir suas despesas na faculdade (Trabalho em meio período); 11.54% pretendem verificar se podem obter algum tipo de ajuda financeira do governo para custear sua graduação (Apoio do governo). Notavelmente, nenhum dos participantes indicou a intenção de fazer empréstimos estudantis, usar economias pessoais acumuladas ao longo do tempo ou realizar trabalhos temporários sazonais durante as férias como métodos para se manter durante a graduação.

Reis (2016), em seu estudo sobre acesso e permanência, explana um importante relato de um ex-aluno da Cooperativa Stive Biko, Aluno de C. Sociais. Fica claro como as estratégias de permanência de caráter formal muitas vezes não alcançam as populações subalternizadas:

[...] A Universidade não se importa com a permanência do estudante, ninguém nunca perguntou como você ia tirar xerox; se você tinha tomado café para agüentar o dia in-



teiro etc. Chega a ponto de você lutar muito por uma coisa e ter que desistir no meio do caminho, como eu mesmo pensei em desistir. Várias vezes eu pensei: como eu venho na próxima semana? Como eu vou comer na rua?. (REIS, 2016. P. 58)

Pretendemos avaliar se os estudantes planejam seguir os passos de seus pais, optar por carreiras mais lucrativas e almejar uma mobilidade social. Essa etapa também abrirá espaço para discutir como as narrativas relacionadas ao futuro estão entrelaçadas com as interações presentes. A terceira fase tem como objetivo compreender a maneira pela qual os jovens lidam com a concepção do futuro. Sendo assim, objetiva-se pensar os sujeitos a partir de sua condição de ser, como aponta Santos:

[...] observa que muitas vezes conhecemos e denominamos o jovem atribuindo-lhe uma característica associada a uma condição específica de existência. Assim denominamos o jovem funkeiro, rapper, pagodeiro ou universitário. Para cada reconhecimento e sujeição observamos que a condição atribuída traz consigo aquilo que em essência é próprio à adjetivação associada à condição do ser. Portanto, estamos compreendendo o sujeito pela característica atribuída a ele e não pela percepção e representação que ele constrói sobre esta condição. (SANTOS, 2015. p. 175)

Essa última etapa traz consigo uma discussão crucial acerca do ethos dos jovens, uma vez que alguns estudos supõem que a juventude manifesta um com-



portamento imediatista. Suposição essa que sugere que esse grupo negligencia projeções a longo prazo. Indagações como "Você sente que a incerteza em relação à sua futura carreira ou profissão o paralisa?" – presentes no questionário – buscam abordar a complexidade da ansiedade entre os jovens do recôncavo. Procuramos explorar as implicações da ansiedade nos planos para o futuro.

Adicionalmente, abordamos o conhecimento dos entrevistados sobre programas governamentais de ingresso e permanência ao ensino superior. Nesse contexto, foram incorporadas questões elementares no questionário para verificar a familiaridade dos participantes com programas como o SISU, FIES, PROUNI e UPT. Esse levantamento assume um papel crucial, uma vez que nos permite refletir sobre a eficácia das escolas na divulgação dessas informações aos estudantes do ensino médio.

Na fase subsequente, formulamos perguntas estratégicas, concebidas com o propósito de extrair dos jovens os principais estímulos que os impeliram a prosseguir com os estudos no ensino médio. O panorama contemporâneo encontra-se marcado pela crescente complexidade da precarização da força de trabalho, um cenário no qual as empresas buscam meios de contornar a garantia de direitos trabalhistas aos colaboradores. Essa tendência, por sua vez, influencia o fenômeno da proliferação de empregos informais no mercado de trabalho. De maneira correlata, a manutenção dos estudantes nas instituições educacionais tem enfrentado desafios consideráveis. Delineamos, assim, um



conjunto de possíveis fatores motivacionais, planejados para incitar o interesse dos alunos e, por conseguinte, fomentar sua continuidade no ensino médio. Este estudo surge como um veículo para a compreensão aprofundada das dinâmicas subjacentes a esse fenômeno educacional e social. Em sua pesquisa sobre o acesso e permanência de estudante de origem popular no ensino superior, Reis discorre sobre alguns desses mecanismos que os jovens desenvolvem para se manter nesses espaços.

observávamos algumas estratégias que eram desenvolvidas pelos estudantes a fim de permanecerem na universidade. Entre as estratégias, estava a polarização, que se caracterizava pela formação de grupos homogêneos, seja em termos raciais ou econômicos. Essa estratégia traz uma concepção de que, entre iguais, há proteção e possibilidades maiores de permanência simbólica. Em nossas entrevistas, também encontramos a criação de grupos homogêneos como uma forma de resistir ao ambiente nada acolhedor do campus. (REIS, 2013.p.44.)

Além disso, os dados coletados por meio desse material proporcionarão oportunidades para pesquisas futuras sobre as perspectivas dos estudantes diante da realidade presente. Isso permitirá a realização de comparações entre as visões de futuro dos estudantes de diferentes redes de ensino, incluindo escolas federais e privadas. Vale ressaltar que as escolas de ensino médio e instituições de ensino privado atraem jovens de diferentes estratos sociais. Isso ampliará a compreensão das diferenças e semelhanças nas perspectivas futuras

com base nas origens sociais e no contexto educacional.

Por fim, na última etapa do questionário, incluímos duas perguntas abertas para que os entrevistados abordem pontos que possam ter escapado do nosso levantamento. Além de trazer uma perspectiva mais apurada do campo de estudo, isso pode inspirar políticas públicas que atendam às demandas dos estudantes.

Alguns dos resultados esperados desta pesquisa estão relacionados às aspirações dos estudantes de acordo com sua posição na sociedade. Essa dimensão contribui para a formação das perspectivas de mundo desses indivíduos. Nesse sentido, o papel fundamental da escola é criar ou compartilhar ferramentas que promovam a mobilização dos estudantes do ensino médio.

Observar as correlações e os desdobramentos que exerce a inserção no trabalho, orientada pela informalidade, que ao invés de despertar os jovens para a mobilização de um futuro promissor e prazeres futuros, acaba paralisando-os por não dispor das ferramentas suficientes para se projetarem. Dessa forma, o argumento dos prazeres imediatos ganharia uma outra interpretação, que se manifesta com uma espécie de fuga da realidade, algo sufocante que os jovens experimentam nas instituições e espaços sociais que operam.

Em última análise, esta pesquisa aspira a contribuir para a formulação de políticas educacionais mais informadas e para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que considerem as necessidades, sonhos e desafios únicos enfrentados pelas juventudes secun-



daristas. Ao trazer à tona suas vozes e experiências, almejamos influenciar positivamente o ambiente educacional, promovendo a equidade e o empoderamento dos jovens para que possam não apenas acessar a universidade, mas também permanecer, formar-se e construir um futuro que reflita suas aspirações e potencialidades.



Referências

MELO, Luciano Plez e SALLES, Leila Maria Ferreira, Escola, juventude e perspectiva de futuro: alguns apontamentos. In: **Cad. Cedes**, Campinas, v. 40, n. 110, p.86-96, Jan.-Mar., 2020.

REIS, Dyane Brito. Continuar ou Desistir? Reflexões sobre as condições de permanência de estudantes negros na UFRB. In: SANTOS, G. G; SAMPAIO, Sônia, M. R. (Org.). **Observatório da vida estudantil**. Salvador: EDUFBA, 2013. p.178-195.

REIS, Dyane Brito Estratégias formais e informais de permanência da população negra no ensino superior: representações e percepções dos “cotistas” da UFAL. In: LOPES, Maria Auxiliadora; BRAGA, Maria Lúcia de Santana. **Acesso e permanência da população negra no ensino superior**. Brasília: Edições MEC/UNESCO, 2007. (Coleção Educação Para Todos). Disponível em: Acesso em: 11 jul. de 2016.

SANTOS, José Raimundo. O agir prático: a experiência, o interesse e o habitus como caminho para o entendimento. In: ZIMMERMANN, C; BARREIROS NETO, J. **Metodologia e epistemologia nas ciências sociais: um panorama dos clássicos ao pós-colonial**. Salvador, Podivm, 2015. p. 91-106.



JUVENTUDES E PROJETO DE VIDA: entre dilemas e autonomia de estudantes do ensino médio



224

Emilli Conceição dos Santos Costa³⁵
Francielle de Jesus Ferreira de Souza³⁵
Lenon Henrique Cardoso³⁶

Palavras-Chave:

Jovens; Autonomia; Ensino Médio.

³⁵. Discente curso de bacharelado em Serviço Social/CAHL-UFRB

³⁶. Discente do curso de Licenciatura em História/CAHL-UFRB

Nesse artigo visamos abordar a contribuição da atuação do GEPJUV – Grupo de Estudos e Pesquisa em Juventudes e o desenvolvimento do projeto – “Juventudes, educação e projetos de vida: diálogos com/de/para juventudes de escolas do ensino médio do Recôncavo da Bahia – ANO V” para os estudantes do ensino médio. O projeto consistiu na indagação e reflexão do ser jovem, ou seja, sobre o momento de suas vidas, além de pensar o encaminhamento de um projeto de futuro.

O projeto foi iniciado no ano de 2016, a partir de uma inquietação de uma estudante de ensino médio, que durante uma atividade no Auditório do CAHL questionou sobre o acesso à universidade pública ser gratuita, pois no seu entendimento a universidade seria paga.

Dentro dessa perspectiva de um certo desconhecimento sobre as reais possibilidades de ingresso na universidade pública, surge como projeto de extensão a ida do grupo – composto por membros bolsistas e voluntários, discentes de graduação de diversos cursos do CAHL – nas escolas para provocar debates sobre projeto de vida e juventudes. A primeira escola a receber o projeto foi Colégio Estadual Padre Alexandre de Gusmão, no distrito de Belém da cidade de Cachoeira, e permaneceu até 2017. A partir disto, o grupo desenvolveu uma formação e atividades escolares no âmbito do debate sobre juventudes e seus projetos de vida, lembrando seus espaços sociais e autonomia enquanto sujeitos de direitos e deveres. Já nos anos 2018 e 2019, o projeto vem para a sede do município Cachoeira – BA, onde estabelece diálogo com o Colégio Estadual da



Cachoeira (CEC), e passa a trabalhar com as turmas de ensino médio, com atividades iniciais voltadas para os 1º e 2º anos. Infelizmente, no ano de 2020, o projeto de extensão foi interrompido devido à pandemia do COVID – 19 que assolou todo o mundo. O retorno se deu após 2 anos, quando as normas sanitárias foram flexibilizadas, e mesmo diante disto, o retorno se deu de forma gradual, pois além da instituição de ensino, o CEC precisou reorganizar nas distribuições das turmas/aulas que aconteciam de forma híbrida.

O debate acerca de adolescentes e jovens é de extrema importância, pois possibilita discussão teórico-prática em torno da temática juventudes e educação. Por meio da questão norteadora conseguimos mapear como os jovens do CEC vem enxergando o que é ser jovem e quais as implicações dessa realidade em suas vidas.

Além disso, acionamos o que Paulo Freire (1996) nos provoca em seu debate acerca da autonomia dos sujeitos educandos, no processo de construção e consolidação dessa autonomia. O que, para Dayrell (2016), é uma questão imprescindível quando abordamos a condição juvenil. Para esse autor, a construção perpassa a relação do sujeito com seu meio, e do meio com o sujeito, ou seja, esses autores se complementam se pensarmos a formação da autonomia sendo uma construção coletiva e dialética.

Por meio dessas questões é considerável ponderar como os jovens vêm se compreendendo no mundo e suas implicações nesse processo de construção de autonomia. Além de reforçar o entendimento dessa

compreensão pós pandemia do COVID-19, que afetou drasticamente o convívio social de toda a população brasileira, o que não foi diferente com os jovens ao seu retorno às atividades escolares.

Como suporte teórico e metodológico para alcançar o objetivo do projeto, utilizamos as contribuições de Juarez Dayrell (2016) e Wivian Weller (2014) que nos auxiliam no entendimento do ser jovem e o ensino médio, no sentido de não colocar o ensino médio como uma extensão do ensino fundamental e/ou profissionalização desses jovens para a vida adulta. Além de nos remeter à questão da alta pressão que é colocada para os sujeitos jovens do que eles virão a ser, ou seja, uma responsabilização exacerbada sem auxílio ou preparação para essa vida adulta, podendo assim desqualificar também o momento presente que vem vivendo.

A noção de transição está profundamente enraizada no modelo de Ensino Médio atual e muitas vezes a juventude também é reduzida à ideia de que se trata de uma fase passageira, provisória entre a infância e a vida adulta. O termo transição está relacionado à saída de um lugar para outro. A saída de uma determinada posição ou condição no presente implica projetar-se para um futuro. Estar em condições de projetar-se constitui um elemento importante para a organização da identidade individual e coletiva dos jovens. (WELLER, 2014, p. 137)

A proposta desenvolvida pelo Projeto vem buscando refletir e experimentar uma prática pedagógica que entende o lugar e o sujeito educando em sua com-



plexidade de experiências e vivências. Essa experimentação está em diálogo com a ideia de “uma pedagogia das juventudes” (Dayrell, 2016). Essa proposta discute as questões pedagógicas, metodológicas, estruturais e sociais, as quais são fundamentais para a construção do diálogo com os estudantes e apresenta quatro pressupostos para o desenvolvimento de ações educativas com jovens: a educação como formação humana; o jovem como sujeito; as demandas dos sujeitos jovens; os desafios da construção das identidades, do reconhecimento e dos projetos de vida, compreendendo os educandos como sujeitos ativos de suas vidas e formação.

As oficinas foram elaboradas com intuito de possibilitar que esses jovens se expressassem e dialogassem com os monitores do projeto, os membros extensionistas do grupo de pesquisa. Todas as oficinas foram planejadas com uma linguagem informal e jovial, com atividades dinamizadas priorizando cada participação e fala dos estudantes, trabalhando tanto o individual como o coletivo. Para a realização das oficinas, foram disponibilizadas quatro aulas por turma da disciplina de Sociologia.

A primeira oficina consistia em nos conhecermos e apresentar o que era o projeto, com apresentação do videoclipe ‘Amarelo’ de Emicida e, logo em seguida, um debate acerca da letra da música e sua compreensão em detrimento do que eles consideravam ser jovens nos dias de hoje. Ao finalizarmos, deixamos para o próximo encontro o seguinte questionamento. “O que aperta a sua mente?”

Para a segunda oficina, recolhemos as respostas

da questão proposta ao final de primeira oficina, escritas em folhas de ofício que denominamos “tarjetas” e colamos no quadro como uma exposição. Pedimos, então, que se dividissem em grupos e observassem o que estava disposto nas tarjetas sem se identificar. Dando sequência, realizamos a “dinâmica do espelho” que consiste em colocar um espelho dentro de uma caixa fechada e cada aluno por vez ir abrindo e sem comentar com o outro, ao abrir a caixa tendo como questionamento ‘como esse jovem, que você viu no espelho, pode enfrentar esses desafios que estavam no quadro?’ Propõe-se uma reflexão acerca de que as questões, que aparentemente possam ser individuais, refletem os colegas de igual forma, uma observação em detrimento do individual/coletivo.

Na terceira oficina apresentou-se a canção Comida, da banda brasileira Titãs. Durante a oficina foram postas no quadro essas questões que estavam na canção: fome do quê/ sede do quê/ vontade do que?, gerando uma discussão acerca do assunto, que envolve a juventude em sua totalidade. As respostas e comentários ao questionamento proposto trouxeram tanto um sentido literal, como expressões bastante contundentes envoltas nos diálogos.

Por fim, na última oficina, os alunos se organizaram em grupos, dividindo a confecção de cartazes acerca da compreensão dos mesmos sobre a relação entre os desafios da vivência juvenil e suas perspectivas de futuro. Nos cartazes, foram colocadas expressões artísticas como: poemas, músicas, desenhos. Os monitores do grupo levaram cartazes com a frase “Juventude



e projeto de vida” no centro, além de levar tinta guache, giz de cera, pincel, e.v.a, para possibilitar a construção deste produto.

Nessa comunicação aqui apresentada, utilizou-se como metodologia a revisão bibliográfica e análise categorial dos resultados obtidos com os registros feitos pelos jovens a partir da questão “O que aperta a sua mente?” Para esse artigo, realizou-se análise qualitativa das respostas obtidas na turma do 3ºano C.

Ao pensar em trabalhar com o público jovem, seja no ambiente escolar ou fora dele, é importante buscar compreender as especificidades e as diversidades desse. Até esse momento já ficou evidente que estamos falando de jovens do ensino médio, contudo nosso recorte para esse trabalho destaca a produção do 3º ano C, na qual a maioria dos/as estudantes é oriunda da zona rural de Cachoeira (cerca de 70% moram na zona rural e realizam o deslocamento diário para a escola na sede da cidade). É uma sala aula na qual os estudantes majoritariamente são negros, de família trabalhadora e que se encontram, a maioria, na faixa etária entre 17-18 anos.

Para realizar a análise das tarjetas usamos como metodologia a identificação de categorias que pudessem agrupar as respostas, compreendendo as demandas dos jovens. Foram identificadas 12 categorias, a partir de 26 respostas, entretanto, nossa análise destacou 4 dentre as demais: família, responsabilidade, emocional e julgamento.

Já é, inicialmente, impressionante perceber o

quanto a questão da responsabilidade nesse momento da vida é angustiante e o fator que mais está presente na vida de desses jovens. Novamente as colocações de Weller (2014) se demonstram neste documento que foi produzido por esses jovens da cidade de Cachoeira. Aqui podemos pensar nas diversas responsabilidades, como: o que fazer da vida, o que vai ser depois da escola, ter que estudar e trabalhar, entre outras. E autora nos traz essa pressão que é direcionada para esses jovens, principalmente no âmbito escolar, no qual eles são o futuro e têm que pensar e se dedicar para atingi-lo. No entanto, como mencionado anteriormente, esse não é o caminho, mas sim uma forma de inviabilizar as contribuições e ações de jovens no presente, ou seja, o agora de suas vidas.

Outra questão que nos preocupou ao analisar as tarjetas foi o alto índice de problemáticas no âmbito psicológico, seja, ansiedade, crise de pânico, depressão. É importante ressaltar que essas questões não foram possíveis serem trabalhadas diretamente dentro do projeto, pois o grupo não conta com um profissional especializado na área de psicologia. No entanto, é contundente trazer, porque foi algo que conseguimos constatar e perceber que pode ser um resultado da pandemia do COVID-19 e sua necessidade do isolamento social, o que dificultou a interação social entre eles dentro de sala de aula. Mas, em sua maioria, os problemas são da ordem do coletivo, e essa segunda dimensão fica nebulosa, ou até mesmo confusa, como se pertencesse somente ao individual. Então aqui foi o ponto que conseguimos melhor abordar essa temática



psicológica, trazendo e acrescentando a compreensão dos problemas de ordem social e coletiva.

Os registros nas tarjetas também nos trouxeram a dimensão do desrespeito a estes jovens e assim como a responsabilidade, o desrespeito pode ser por diversas ordens. O mais importante para esses estudantes é expressar o desrespeito que eles sentem enquanto sujeitos ativos de seus processos de vida, ou seja, a invalidação deles enquanto sujeitos.

É a ideia presente em Weller (2014), da invalidação desses sujeitos enquanto pessoas em preparação, ou seja, sujeitos que não estão prontos, pois são jovens e é a fase de amadurecimento para a vida adulta. Todas essas discussões relacionadas aos jovens desrespeitam, invalidam esses sujeitos/indivíduos enquanto pessoas com vivências e experiências, direitos e deveres, que podem sim contribuir para o espaço social o qual eles ocupam.

Todas essas discussões, realizadas ao longo das quatro oficinas, resultaram em cartazes nos quais esses jovens estudantes conseguiram abordar o que ficou desse processo de troca entre os educandos e educadores. Por meio de poesias eles expressaram que precisavam de direitos, de serem ouvidos, de afetos, entre outras dimensões. O que, para o grupo de extensão, foi algo gratificante, pois só remete que o trabalho foi bem-feito e que possibilitou um grau de mudança nesses jovens.



Referências

DAYELL, Juarez. **Por uma pedagogia das juventudes: experiência educativas do Observatório da juventude da UFMG.** Belo Horizonte: ed. Mazza Edições, 2016, p. 340.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MAIA, Carla Linhares. (Org.). **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 135-154.

WELLER, Wivian. Jovens no ensino médio: projetos de vida e perspectivas de futuro. In: DAYRELL, Juarez et all. (ORGs) **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo.** Editora da UFMG, p. 135-154, 2014



DINHEIRO NO BOLSO, SEM MISÉRIA E É NÓIS: a cena da rifa em Cachoeira



234



Samara Almeida Lima Santos³⁷

Suane Martins dos Santos³⁷

Vinícius Pereira Lopes³⁷

Palavras-Chave:

**Trabalho; Desigualdade; Rifa; Cachoeira;
Desemprego.**

³⁷. Discente do curso de Licenciatura em Ciências Sociais/CAHL- UFRB



cidade de Cachoeira, situada no Recôncavo da Bahia, carrega o título de “heroica” e é considerada símbolo e berço da cultura negra do Brasil. Cenário histórico da escravização de povo negro, sobretudo, da produção de cana de açúcar e de fumo, além de ser o palco de guerras da independência da Bahia. Abriga, ainda, na memória do seu povo e na sua arquitetura, as histórias de luta.

A questão territorial é um dos principais fatores para compreendermos, especificamente, como são pensadas essas estratégias de sobrevivência em espaços tidos como hostis, as favelas, os bairros periféricos e/ou “as quebradas”. Em uma análise sócio-histórica das relações raciais no Brasil, em que os negros foram deixados de fora na participação social brasileira, tiveram sua introdução definida pela exclusão social. Segundo Florestan Fernandes (1965), a marginalização pós-abolição está ligada ao processo da inserção do negro na sociedade de classe.

Como é o caso desses territórios subalternizados, que são divididos por um apartheid não declarado, com alta precariedade, muitas vezes, causada pela ausência do Estado com assistência social, ou pela sua presença como ceifador de vidas.

De acordo com Amparo Alves (2010) define-se esses lugares como “assolados por padrões mórbidos de governabilidade”.

Favelas têm sido pensadas como áreas necessariamente permeáveis e sujeitas às regras da lei a todo e qualquer momento; como lugares onde medidas preventivas



violentas sancionadas pelo estado e pela sociedade destinam-se a conter os perigos que possuem – antes que tais perigos possam infiltrar-se no espaço político mais amplo. (VARGAS, 2005, p. 79)

A Rua da Feira é uma das maiores favelas de Cachoeira, justamente onde a maior parte da população negra está localizada. Subdividida por ruas formadas de becos e vielas, fica localizada em uma das saídas da cidade. É um local cortado desde biqueiras de drogas, à única delegacia da cidade e a primeira escola militarizada.

Mas, mais que isso, é a “quebrada” onde os nossos entrevistados vivem. Um espaço historicamente compilado por segregações raciais dentro do contexto urbano de Cachoeira, um dos bairros mais negros da cidade, é tido por muitos como mais “violento”. A sobrevivência nele é um verdadeiro desafio a essas masculinidades, de jovens aos mais velhos, pais e trabalhadores, assim como para crianças negras. Representantes, simbolicamente, do trauma histórico da escravidão, manipulam, de modo notável, elementos do “repertório” performático do saber negro no Recôncavo da Bahia. (NASCIMENTO, 2010, VARGAS, 2017, ALVES, 2010, SACRAMENTO, 2011, MOREIRA, 2021).

A bairro denominado Rua da feira faz parte de uma periferia que tanto se encontra distante do centro da cidade como apresenta condições precárias de vida, a sua localização na divisa com o distrito Capoeiruçu, ao norte do município nas proximidades da BR 101, constitui uma paisagem denun-

ciado das condições de vida da maioria da população (...) A ausência de rede de esgoto, coleta de lixo, rede de eletricidade e de equipamentos de lazer são os mais evidentes. Além disso, observa que a maioria da população não possui fonte de renda e que as condições de moradias são precárias, motivando os jovens a ficarem pela rua, aumentando as condições de vulnerabilidade (SACRAMENTO, 2011, p 8).

Atualmente, não mais no período da escravização, a luta permanece no contexto do desemprego e no chamado “atraso” da modernização. É possível testemunhar esse contexto, nas ruas, na feira, no comércio, nos supermercados, nos bairros periféricos onde os turistas não chegam e não admiram. É nessa cena que a teoria do autor João Vargas se confirma, na impossibilidade do sujeito negro, neste caso, da Cachoeira negra no mundo moderno.

Este projeto de intervenção tem o intuito de evidenciar essa realidade cachoeirana, bem como, estimular o compromisso socioantropológico em desnaturalizar. Portanto, a partir da produção e apresentação de um pequeno documentário, como recurso paradidático, propõe-se a ampliação do debate no ensino básico. Entrevistando rifeiros da cidade é possível compreendermos as interfaces do desemprego e as estratégias de sobrevivência com a rifa, desestigmatizando-a, dessa forma, ao considerar como um trabalho digno.

Segundo o IBGE, em 2021, a população da cidade de Cachoeira foi estimada em 32.659 pessoas e desse quantitativo apenas 3.691 (11%) possuíam ocupações.



Desses percentuais é possível perceber que o número de pessoas sem empregos formais, com carteira assinada e benefícios, é exorbitante. Por esse motivo, os nativos acabam procurando outras fontes de dinheiro como a feira livre ou a rifa, que é a categoria tratada aqui. Esses números são preocupantes, no ponto de vista das desigualdades sociais, pois deles lê-se, também, como a pobreza e fome atingem a cidade.

Trabalho formal ou assalariado é aquele em que há uma relação entre empregador e empregado por meio de um contrato regido pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho). Esses trabalhadores possuem benefícios trabalhistas como décimo terceiro e/ou aposentadoria, se contribuintes do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

Já o trabalho informal é aquele, segundo a definição do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em que os trabalhadores não possuem carteira assinada e, portanto, não contam com os benefícios do trabalhador CLT. Os trabalhadores e trabalhadoras da rifa se encontram nessa categoria.

Cabe aqui, ainda, acessar o significado da palavra trabalho.

A palavra trabalho vem do latim tripalium, termo utilizado para designar instrumento de tortura, ou mais precisamente, “instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, nas quais agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho, para rasgá-los e esfiapá-los” (ALBORNOZ, 1994, p. 10)



A venda de rifas tornou-se uma forma de ganhar dinheiro com retorno imediato, tanto para quem vende quanto consome, por este motivo, parte da população cachoeirana garante o sustento de sua família através dela. De acordo com os entrevistados é ela que, de forma indireta, movimenta o comércio local.

Entretanto, a rifa ainda é criminalizada no Brasil. Isto é, ainda se caracteriza na categoria jogos de azar como diz o artigo 51, inciso 2º da Lei de Contravenções Penais. A sua pena pode ser uma prisão de seis meses a dois anos e multas em dinheiro. Além disso, essa modalidade de trabalho pode representar risco de vida para quem atua, gerando medo e estigmatização.

Objetivamos com a utilização do minidocumentário analisar criticamente o cenário de desemprego e desigualdade social em Cachoeira, demonstrar como se dá a cena da rifa na cidade e o que isso implica na vida cotidiana dos moradores do município. Bem como, estimular a discussão em sala de aula com a sua exibição para discutir temáticas como desemprego na cidade, trabalho, sociedade e relações sociais.

O modelo proposto é um projeto de intervenção no Colégio Estadual da Cachoeira nas turmas noturnas que apresenta, em sua maioria, perfis de estudantes trabalhadores. Propõe-se uma exposição dialogada sobre trabalho, desigualdade e sociedade, levando em conta a realidade dos estudantes cachoeiranos. Em seguida, a exibição do documentário que se concluirá com uma roda de conversa em sala de aula estimulada também pela análise da música Vida Loka Parte II, do grupo de rap Racionais MC'S.



Quem ouve Racionais, ou já ouviu pelo menos uma música, entende que o grupo relata estratégias de sobrevivência da população preta e periférica em suas letras. Ser rifeiro, hoje em dia, é viver uma “Vida Loka”. Isto é, esses trabalhadores saem de casa todos os dias na esperança de conseguir seu sustento, que muitas vezes é incerto. Além de correrem risco de vida, pois se trata de uma profissão perigosa por diversos fatores, como as disputas entre rifeiros e bicheiros e a não legalidade do trabalho, uma vez que, é considerado como uma contravenção penal.

Firmeza total, mais um ano se passando aí
 Graças a Deus a gente tá com saúde aí, morô?
 Muita coletividade na quebrada, dinheiro no bolso
 Sem miséria, e é nós
 Vamo brindar o dia de hoje
 Que o amanhã só pertence a Deus
 A vida é loka
 (Vida Loka Pt. 2, Racionais Mc's)

A Música “Vida Loka”, “Dinheiro no bolso, sem miséria, é nós” retrata a vida diária desses trabalhadores, que querem apenas o “pão de cada dia” nas mesas de suas famílias, e sem miséria. Quem ouve é levado a pensar a realidade do trabalhador informal, como é o caso dos rifeiros e rifeiras. Trabalho esse, realizado na rua, em que o trabalhador está sujeito a lidar com todo tipo de adversidades e todos os tipos de pessoas. É um



trabalho que exige coragem e jogo de cintura para sobreviver a “Vida Loka”.

Consideramos relevante, sobretudo no ensino das Ciências Sociais, estimular a desnaturalização, a problematização e a relativização da realidade. Neste caso, através do ensino temático utilizando uma metodologia lúdica e crítica que aproxima os estudantes da temática trabalhada, fazendo com que o entendimento seja de forma leve e orgânica. Além de ampliar o debate das aulas de Sociologia ao problematizar a categoria trabalho e desestigmatizar alternativas legítimas de sobrevivência.

Neste documentário é possível compreender que a rifa tem sido meio de sobrevivência em Cachoeira. Nos últimos anos, intensificou-se o número de pessoas que vendem e consomem rifas, pois é uma fonte de renda para muitos, seja para aqueles que estão desempregados ou que estão buscando rendas extras.

Pode-se demonstrar, a exemplo do caso dos entrevistados, que além da rifa ser uma estratégia de sobrevivência, os trabalhadores rifeiros possuem agência política-social em ações sociais voltadas para arrecadação de alimentos, com a finalidade de contribuir com famílias que estão em situações de vulnerabilidade.

Compreende-se, a partir dessa agenda político social dos trabalhadores da rifa, a concepção de comunidade e agregação. Em outras palavras, a noção de fortalecimento coletivo e resistência que faz parte da realidade do povo preto, neste caso, do povo preto



cachoeirano. Assim, a rifa tem sido solução em resposta a perguntas implicadas no cotidiano, como a sobrevivência a essa sombra do desemprego que alastra gerações. Desse modo, a cena da rifa se mostra, não apenas como um emprego, mas como uma alternativa coletiva de sobrevivência.

Isto posto, este projeto de intervenção busca colocar em relevo as discussões elencadas acima aproximando as pesquisas produzidas no Centro de Artes, Humanidades e Letras ao ensino básico da rede estadual do Município, construindo pontes de diálogo entre o Colégio, a cidade e a Universidade.

Como finalidade do componente Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino em Trabalho e Desigualdades Sociais no curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, as pesquisadoras propuseram uma ampliação do debate sobre a cena da rifa e as alternativas de sobrevivência cachoeira e confeccionaram um minidocumentário em que rifeiros da cidade protagonizam suas narrativas.



Referências

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

CACHOEIRA. **IBGE**, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/panorama>. Acesso em: 24 de Agosto de 2023.

DOS SANTOS, Suane; SANTOS, Samara. **Dinheiro no bolso, sem miséria e é nois** – Um Trabalho Sobre a Cena da Rifa em Cachoeira – BA. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fWWDptSzTRo&ab_channel=SuaneMartins. Acesso em: 24 de Agosto de 2023.

MOREIRA, Danlei. **Cês acharam que eu ia morrer cedo? Narrativas e projetos de vida de jovens homens negros em contexto de antinegritude, uma análise no bairro Rua da Feira em Cachoeira- BA**. Monografia/ Ciências Sociais. UFRB, Cachoeira, 2021.

PINHO, Osmundo ; VARGAS, João Helion Costa. **Antinegritude: O impossível na formação social brasileira**. Uniafro. Cruz das Almas, 2016.

REIS, Pierre. **Direito Penal: rifa é crime**. Jusbrasil, 2023. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/direito-penal-rifa-e-crime/1730662830#:~:text=Art.,dos %20m%C3%B3veis%20existentes%20no%20local>. Acesso em: 24 de Agosto de 2023.

VIDA Loka parte II. Google, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64917/> . Acesso em: 24 de Agosto de 2023.



V.

CAHL e sua
inserção no
Recôncavo

ESTUDO DE PÚBLICO EM INSTITUIÇÕES MU- SEAIS DO RECÔNCAVO

Adu Felix Dos Santos³⁸

Cristal Saldanha Custódio³⁸

João Vitor Dos Santos E Santos³⁸

José Ronivon Dos Santos Mota³⁸

Thaís Dos Santos³⁸



245



Palavras-Chave:

Estudo de público; Público visitante; Público em potencial; Cachoeira; São Félix.

³⁸. Discente do curso de Museologia/ CAHL-UFRB.

 estudo de público é uma ferramenta valiosa no campo da comunicação museológica, pois possibilita a compreensão dos diversos perfis de públicos, sejam eles visitantes frequentes ou em potencial, assim como possibilita a percepção da qualidade do atendimento oferecido pelas instituições museais. Os equipamentos culturais são instituições de salvaguarda do patrimônio cultural das comunidades e dispõem da importante função de exercer maior comunicação com os seus diversos públicos, para que tenham êxito a médio e longo prazos na realização de suas atividades. Dessa maneira, entendemos que o estudo de públicos pode contribuir para o estreitamento da relação entre as instituições museais e os distintos segmentos que compõem as comunidades circunvizinhas.

Com a instituição do curso de graduação em Museologia no Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL-UFRB), campus universitário inserido nas cidades de Cachoeira e São Félix, iniciou-se em 2008, após a vigência do projeto político pedagógico e especialmente do componente GCAH-208 Tipologia de Museus e Avaliação de Públicos, o interesse pela pesquisa sobre as instituições museais do Recôncavo. Assim foi criado o projeto extensionista Estudo de Públicos em Instituições Museais do Recôncavo, que na edição mais recente é direcionado para a Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo (Cachoeira) e Casa Américo Simas (S. Félix), com o objetivo de evidenciar a relevância da produção da pesquisa e da extensão no campo disciplinar da museologia, visando beneficiar o desenvolvi-



mento social na região, bem como fortalecer a comunicação entre as instituições museais e as comunidades locais com o CAHL.

Cachoeira e São Félix, cidades-sede do CAHL, possuem instituições museais potentes em cultura, memória e identidade, com capacidade de promoverem o acesso dos moradores locais e de visitantes, além de fomentar práticas culturais nas comunidades, também atuam na preservação dos bens culturais no segmento in loco. Guia-se por esse reconhecimento de que o estudo de público é necessário como uma das ferramentas para que as instituições museais do Recôncavo Baiano possam exercer a função de incentivar a participação democrática e cidadã no campo da cultura e estreitar o fortalecimento das relações com as comunidades locais. Para isso, questionamos sobre a participação das comunidades cachoeiranas e sanfelixtas nas atividades realizadas pela Igreja de N. Senhora do Carmo e pela Casa de Cultura Américo Simas, no intuito de conhecer quem são os públicos que visitam as instituições e quem são os públicos que podem vir a visitá-las. Esta ação pode refletir em programas e projetos institucionais, com a articulação de métodos que contribuam para a construção de demandas das atividades culturais e, conseqüentemente, o aumento do número de visitantes/participantes das instituições.

O Projeto de Extensão Estudo de Públicos em Instituições Museais do Recôncavo é financiado pelo Programa Institucional de Extensão Universitária (PIBEX), sob orientação da Profa. Dra. Cristina Ferreira Santos de Souza, com a participação de 1 discente bolsista e



17 discentes voluntários. O foco desta ação é a compreensão dos diversos perfis de públicos culturais nas cidades de Cachoeira e São Félix, especificamente o público visitante e os visitantes em potencial, buscando entender os motivos pelos quais o não visitante – aquelas pessoas que não declaram interesse em visitar os espaços museais – ainda constituam a maioria da população de ambas cidades, para, a partir disso, propor meios de melhorar a comunicação entre as instituições museais e os seus públicos, sobretudo os grupos populares.

Devido à diversidade de instituições museais presentes nas cidades de Cachoeira e São Félix, optamos por delimitar a ação de consulta às comunidades sobre duas instituições museais como participantes da ação extensionista, a saber: a Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, localizada na cidade de Cachoeira, e a Casa de Cultura Américo Simas, localizada no município de São Félix, selecionadas por constituírem espaços culturais ricos em acervos que se conectam com as memórias e as identidades das populações locais, além de receberem diversos públicos oriundos das comunidades circunvizinhas, bem como visitantes de outras regiões do Recôncavo.

A construção da Igreja da Venerável Ordem Terceira do Carmo, em Cachoeira, surge em decorrência das práticas religiosas por Irmãos Terceiros que já se articulavam na Ordem Primeira, com altar próprio (Calderón, 1976). A datação de construção é incerta, porém é mencionado por Flexor (2007) que em 1691 a instituição foi fundada com a doação de terras das Carmelitas,



quando teve o seu primeiro templo próximo ao primeiro convento construído, possuindo capela destinado à Santa Tereza. Somente a partir do século XVIII, com a doação de terras por João Rodrigues Adorno, que logo depois torna-se Irmão Terceiro e Prior da ordem, foi iniciada a construção do templo da igreja em questão, onde foram construídos inicialmente capela, sacristia e consistório (Flexor, 2007). O edifício atualmente faz parte do conjunto arquitetônico denominado "Conjunto do Carmo", que é composto pelo Convento, a Ordem Primeira e a Igreja da Ordem Terceira. Em seu interior, o prédio conta com capela, sacristia, consistório, cemitério e pátio interno. É notável a presença de três estilos artísticos em sua arquitetura, pois a instituição passou por um longo período para ser construída. Em vista disso, é perceptível a presença do barroco (XVI-XVIII), rococó (XVIII) e neoclássico (XVIII-XIX), que se misturam em todo o conjunto arquitetônico, com predominância do barroco, imponente e de ornamentação elaborada, os detalhes ricos, o uso de curvas e contracurvas se mesclam aos efeitos de luz e sombra. Outra característica estética é visível pela leveza do rococó, denotando a graciosidade, apreço pela valorização do delicado, com temas suavizados, cores claras e apelo à simbolização da natureza. O neoclássico, por sua vez, surge em contrapartida ao barroco e ao rococó, tem inspiração na arte da Grécia Antiga e da Roma Clássica, valorizando o simples, a proporção e a harmonia (Santiago, 2020). Atualmente, a Ordem Terceira exerce atividades na Igreja, onde ocorrem as missas semanais, mas também agrega em suas edificações um museu que foi instituído na década de 30.



Já o edifício onde está localizada a Casa de Cultura Américo Simas surgiu por volta do século XIX. No antigo prédio funcionou a fábrica alemã de Charutos Danemann, que exerceu suas funções até o ano de 1950, por eventual falência decretada no mesmo período. A partir disso, o Banco do Brasil confiscou o imóvel e o levou a leilão em 1980. Em 1984, o então prefeito, Sr. José Eduardo de Macedo, comprou o bem, interessado em construir no município de São Félix um espaço que pudesse viabilizar meios de promover e desenvolver ações culturais e também de preservar a memória cultural do município e de seus moradores (Santana, 2022).

A instituição foi o primeiro espaço cultural da cidade de São Félix, para fomentar as práticas sociais e para acolher e representar a cultura da comunidade local. O espaço em seus primeiros anos de atividade, desenvolveu “[...] uma galeria de artes, um salão de fotos antigas, um clube de cinema, teatro, o arquivo municipal, além de ser um espaço onde são desenvolvidos cursos profissionalizantes, cursos de dança, ginástica e outros” (Santana, 2022, p. 21). As atividades desenvolvidas são recursos que fazem com que o público se interesse em visitar a instituição, pois em cada oficina, exposição, cursos e demais atividades, a Casa de Cultura busca viabilizar e prolongar a preservação da memória local. Em contexto recente, o espaço cultural ainda mantém, mesmo que de forma mínima, a promoção de atividades, sendo aberta a visitação do público e com os mesmos interesses em que foi fundada; o de manter e preservar a memória cultural local, ser um espaço que favoreça o desenvolvimento social e possibilidade



de sociabilidades diversas na cidade.

A metodologia utilizada para a construção do projeto perpassa pelas seguintes ações: 1) leituras bibliográficas a respeito das instituições museais mencionadas; 2) diálogos com os colaboradores das instituições no sentido de entender se há organização de uma agenda de atividades oferecidas ao público e principais demandas; 3) identificação e definição dos segmentos sociais que devem participar do estudo de público em potencial; 4) desenvolvimento de questionários para o público em potencial e/ou o não público; 5) aplicação de questionários ao público em potencial e/ou ao não público. Na elaboração do questionário, foram criadas perguntas que recolhem dados básicos dos entrevistados, com a finalidade de conhecermos os perfis sociodemográficos. Com relação às instituições, as perguntas se direcionam ao seu funcionamento, conservação do espaço, comunicação e também sobre possíveis melhorias para a promoção de atividades culturais. Com o objetivo de potencializar e abranger um maior número de entrevistados, dedicamos a aplicação dos questionários a 10 segmentos sociais, que foram escolhidos pelas diferentes vivências com os espaços museais, são eles: associações religiosas católicas, comunidades de terreiros, comunidades quilombolas, fazedores de cultura, feirantes, comerciantes, pescadores, músicos, grupos escolares e os grupos universitários.

O projeto tem duração de oito meses (maio até dezembro). Após a finalização da consulta aos segmentos sociais por meio da aplicação de questionários, terá continuidade na execução da análise quantitativa



e qualitativa dos dados, para em seguida elaborar um diagnóstico cultural para ser entregue às instituições museais, na expectativa de auxiliá-las na melhoria dos espaços, bem como nas relações com os seus públicos.



Referências

CALDERÓN, Valentim. **O Convento e a Ordem Terceira do Carmo de Cachoeira**. Salvador: UFBA, 1976.

FLEXOR, Maria Helena O. **O conjunto do Carmo de Cachoeira**. Brasília, DF: IPHAN/Programa Monumenta, 2007.

SANTANA, Eliene Batista Prado. **Casa de Cultura Américo Simas**: um estudo da relação entre a comunidade com o patrimônio cultural na cidade de São Félix - Bahia. 2022. Monografia (Bacharelado em Museologia) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2022.

SANTIAGO, Camila Fernandes Guimarães; MOREIRA, Igor Roberto de Almeida; SANT'ANNA, Sabrina Mara. **As igrejas de Cachoeira**: história, arquitetura e ornamentação. 1. ed. Belo Horizonte: Clio Gestão Cultural e Editora, 2020. 192 p.



PUBLICIDADE SOCIAL: **Da teoria à prática no** **caso Amigos do Rio Pa-** **raguaçu**



254



*Aline Novaes*³⁹

Palavras-Chave:

**Comunicação integrada; Publicidade social;
Meio ambiente; Rio Paraguaçu**

³⁹. Discente do Curso de Publicidade e Propaganda/CAHL-UFRB.

Enquanto estudante de graduação do Bacharelado de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no Centro de Artes, Humanidades e Letras, julguei pertinente desenvolver um trabalho que pudesse estabelecer uma relação mais estreita entre a comunidade acadêmica e a sociedade civil de Cachoeira, visto que há um distanciamento entre aquilo que é produzido academicamente e as necessidades das comunidades locais, no que se refere, especificamente, aos problemas enfrentados pelos municípios.

Nesse sentido, tenho desenvolvido um estudo de caso de responsabilidade social da Publicidade em relação às questões ambientais, a partir do trabalho desenvolvido pela Associação Amigos do Rio Paraguaçu (AARP), uma organização sem fins lucrativos fundada em 1994 na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. A instituição tem como missão promover a conscientização e preservação do Rio Paraguaçu, o maior rio genuinamente baiano e um importante recurso natural para a região. A organização é composta por um grupo de voluntários locais.

Como discente de Publicidade, no âmbito da disciplina Assessoria de Comunicação e Relações Públicas, ministrada pela professora doutora Alene Lins, identifiquei a importância de um plano de comunicação para a referida associação, utilizando meu conhecimento na área de comunicação organizacional, almejando auxiliar a Associação e ampliar sua visibilidade e alcance, atingindo, assim, seu público alvo.

O objetivo desse plano, que é fruto de um projeto



de ensino da referida disciplina, foi tornar a comunicação da Associação mais eficiente, auxiliando na conscientização da população sobre a importância do rio. Além disso, buscou-se promover ações que estimulassem o diálogo e contribuíssem para a preservação e melhoria da qualidade do rio e seus arredores, disseminando informações relevantes sobre as ações realizadas pela organização, incluindo campanhas de limpeza, monitoramento do rio, eventos de conscientização ambiental e promovendo atividades culturais e esportivas.

Para isso, a pesquisa se fundamentou em teorias que procuram compreender como a Publicidade e o Jornalismo podem atuar na Assessoria de Comunicação. Os teóricos que escrevem sobre Assessoria de Comunicação e Relações Públicas enfatizam a relevância da atuação dos profissionais de jornalismo e publicidade na comunicação de empresas e instituições de diferentes portes, bem como na promoção de ações sociais que visam mudar a percepção de uma comunidade sobre determinado assunto. A publicidade e o jornalismo desempenham um papel fundamental na divulgação de ações e iniciativas de organizações sem fins lucrativos, como é o caso da Associação Amigos do Rio Paraguaçu. Ambas as áreas podem atuar como aliadas na divulgação da causa e mobilização do apoio da sociedade. A publicidade pode utilizar técnicas e estratégias para promover a conscientização sobre a preservação do Rio Paraguaçu e seus arredores. O uso de campanhas publicitárias com mensagens impactantes e criativas pode chamar a atenção do público-alvo e estimulá-lo a se engajar na causa. Kotler e Lee (2016)



afirmam que a publicidade é uma ferramenta importante para a construção de marcas e tem potencial para aumentar a conscientização e a importância da ação social.

Por sua vez, o Jornalismo se mostra como ferramenta de grande importância para a disseminação de notícias positivas sobre as ações da Associação Amigos do Rio Paraguaçu. A cobertura jornalística, por exemplo, é capaz de destacar os problemas enfrentados pela região, como a poluição e a degradação ambiental, e dar voz aos membros da Associação para que possam falar sobre suas ações e objetivos. Hall (2013) destaca o papel crucial do jornalismo na formação da opinião pública e seu potencial para alertar a sociedade sobre questões sociais e ambientais relevantes. Além disso, a publicidade e o jornalismo podem trabalhar juntos para ampliar a visibilidade da AARP. A criação de conteúdos jornalísticos e sua distribuição por meio de canais publicitários, como anúncios em redes sociais e sites de notícias, ajudam a alcançar um público ainda mais abrangente. Segundo Silvera (2014), o uso de mídias sociais e tecnologias digitais constitui-se como uma estratégia eficiente para divulgar informações relevantes sobre organizações sem fins lucrativos. Em resumo, a atuação conjunta da Publicidade e do Jornalismo é, efetivamente, uma estratégia eficiente para a promoção da causa ambiental. É necessário, no entanto, que essa atuação seja pautada pela ética e responsabilidade social, com o objetivo de disseminar informações relevantes e mobilizar a sociedade para a preservação do meio ambiente.

O trabalho está assentado ainda nos debates teóri-



cos que envolvem o modelo da Comunicação Organizacional Integrada, que se constitui como uma estratégia para unificar e integrar todas as ações de comunicação de uma organização, com o intuito de transmitir uma mensagem coesa e consistente ao seu público alvo. Segundo Cláudia Peixoto de Moura (2015), a Comunicação Integrada é um processo que envolve todas as áreas da organização, incluindo a comunicação corporativa, a comunicação de marketing, a comunicação interna, a comunicação administrativa e a assessoria de imprensa. No caso da Associação Amigos do Rio Paraguaçu, a comunicação integrada pode ser uma ferramenta poderosa para fortalecer a visibilidade da AARP e conquistar o engajamento de novos membros, além de propagar as ações e as produções executadas nesse plano de comunicação. Segundo Fábio França (2013), a Comunicação Integrada é uma abordagem estratégica que tem como objetivo principal criar uma imagem positiva e coesa da organização na mente do seu público. Para atingir esse objetivo, é preciso que todas as áreas da Associação estejam alinhadas em suas ações de comunicação, desde a comunicação interna até as campanhas de publicidade e assessoria de imprensa. Segundo Nildo Ouriques (2015), a comunicação integrada é uma forma de garantir que a organização transmita uma mensagem única e coerente para seus diversos públicos, o que pode gerar uma percepção mais positiva e engajamento em relação à causa defendida pela Associação.

Para isso, foi necessário que o planejamento de comunicação integrada contemplasse a definição de



objetivos claros e bem definidos, o estudo do público-alvo da organização e a escolha dos canais de comunicação mais adequados para cada tipo de mensagem. Conforme destaca Kotler,

a integração de todas as ferramentas de comunicação, em vez de cada uma trabalhar isoladamente, é o ideal para construir e manter relacionamentos lucrativos com os clientes (KOTLER, 2000, p. 31).

Dessa forma, foi fundamental que todas as ações de comunicação estivessem alinhadas com a identidade visual e a mensagem da organização, de forma a construir uma imagem coesa e coerente aos olhos do público. Ademais, o planejamento de comunicação integrada envolve a definição de indicadores de desempenho para medir o impacto das ações de comunicação na visibilidade da organização, bem como o estabelecimento de um cronograma de atividades para garantir a implementação das ações previstas. Diante disso, é possível afirmar que o planejamento de comunicação integrada se torna uma estratégia incontornável para que a Associação Amigos do Rio Paraguaçu atinja seus objetivos de forma mais concreta e impactante, permitindo que ela construa um relacionamento efetivo perante seu público-alvo.

Para realizar o diagnóstico sobre a percepção da comunidade local em relação à preservação do Paraguaçu e à atuação da Associação, utilizei diversas técnicas de coleta de dados. Entre elas, destacaram-se a realização de entrevistas individuais e a aplicação de questionário online por meio da plataforma Google For-



ms. Como sabemos, a pesquisa de opinião é uma das ferramentas mais utilizadas pelas organizações para avaliar a percepção do público em relação a uma determinada causa, produto ou serviço. No caso da Associação Amigos do Rio Paraguaçu, a realização de uma pesquisa de opinião foi fundamental para avaliar o nível de conhecimento e importância que a comunidade local atribui à preservação do rio e à atuação da mesma. Com base nas respostas, foi possível perceber que há uma falta de conhecimento da população sobre a Associação Amigos do Rio Paraguaçu e suas atividades. A divulgação das ações da organização é uma das sugestões mais frequentes para melhorar a conscientização da comunidade sobre a importância da preservação do rio. Além disso, a maioria dos entrevistados estava ciente dos impactos ambientais causados pelo despejo de esgoto no rio Paraguaçu, que é um dos principais problemas que afetam este recurso natural, mas havia ainda uma falta de entendimento sobre quais tipos de ações podem ser tomados para combater o problema, o que tem sido feito através de ações de produção de conteúdo para as mídias sociais e veículos locais de comunicação, fornecendo informações claras sobre o impacto do esgoto no rio e quais medidas podem ser adotadas para minimizar os danos.

Ao longo do semestre, percebi a viabilidade de colocar em prática o plano de comunicação em função do interesse e da abertura de diálogo com a Associação Amigos do Rio Paraguaçu, que se desdobrou ainda na disciplina Campanha Publicitária, juntamente com outros três discentes do mesmo curso, quando realizamos



uma nova identidade visual para a AARP e criamos uma campanha institucional. Essa campanha desenvolveu conteúdo para as mídias sociais, como cards com informações sobre educação ambiental, ações e iniciativas da instituição, informações relevantes sobre preservação do meio ambiente, datas comemorativas, cobertura de eventos, produção de um vídeo de 60 segundos de caráter informativo e de sensibilização do público sobre a importância e os problemas do rio, produção de um spot de rádio com a finalidade de apresentar a instituição à comunidade, produtos de canecas, ecobags e camisetas para os filiados e demais interessados. Sendo assim, consegui, com a colaboração de meus colegas, colocar o plano de comunicação em ação efetiva, uma vez que partimos da teoria e fomos para a prática, fortalecendo a imagem da mesma.

Com esse trabalho, concluí que a comunicação integrada a fim de produzir conteúdos para as mídias próprias da Associação, com o objetivo de conscientizar, gerar informações jornalísticas e promover a imagem e as atividades da instituição, se mostra como estratégia fundamental para garantir uma comunicação clara e efetiva com o público-alvo, aumentando a visibilidade da instituição. Isso permite que a Associação alcance um público maior, incluindo moradores locais, turistas, instituições governamentais e não governamentais, bem como indivíduos interessados em questões ambientais. É importante referir que a pesquisa ainda está em andamento, uma vez que a intenção é, justamente, uma análise mais profunda, a partir dos dados de recepção que serão obtidos por meio de grupo focal e do



exame dos conteúdos das mídias sociais, para finalizar o estudo em meu Trabalho Final de Conclusão de Curso. Como futura profissional de Publicidade que vivencia a realidade de Cachoeira, percebi a degradação do rio e o meu papel social dentro de uma publicidade não só voltada para os bens de consumo, mas na melhoria da qualidade de vida das pessoas. Neste sentido, acredito que a publicidade também possui essa atribuição, e eu, como discente de uma Universidade Federal do interior, sinto o dever de cooperar com a comunidade cachoeirana, que sempre me acolheu e me respeitou desde o início dessa jornada acadêmica. Por isso, me coloco como voluntária no trabalho de assessoria de comunicação, social media e produtora de conteúdos para a instituição.



Referências

FRANÇA, Fábio. **Comunicação integrada de marketing: estratégias para consolidar marcas, conquistar mercados e integrar públicos.** São Paulo: Atlas, 2013.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane. **Administração de marketing.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2012.

KOTLER, P.; LEE, N. **Marketing social: alterando comportamentos para o bem.** São Paulo: Elsevier, 2016.

KOTLER, P. **Administração de marketing.** 10. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2000.

HALL, S. Representações culturais e significados compartilhados. In: HALL, S.; HELD, D.; MCGREW, T. (Orgs.). **A modernidade e seus outros.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

JACOB, E. A. **O Recôncavo baiano: história, cultura e turismo.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2003.

MELLO NETO, G. L. de. **Marketing e comunicação em turismo e hotelaria.** Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

OURIQUES, Nildo. **Comunicação organizacional integrada: teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2015.

SILVERMAN, D. **The Connected Cause: The Role of Social Media in Nonprofit Fundraising and Advocacy.** New York: Oxford University Press, 2014



A UNIVERSIDADE E O GRUPO DESCULT: contribuições para além da comunidade acadêmica



264



Camila Brandão Pires⁴⁰

Francielle de Jesus Ferreira de Souza⁴⁰

Milena dos Santos Silva⁴⁰

Lúcia Maria Aquino de Queiroz⁴¹

Palavras-Chave:

Universidade; permanência; grupos de pesquisa; comunidade quilombola.

⁴⁰. Discente do curso de Bacharelado em Serviço Social/CAHL-UFRB

⁴¹. Docente do curso de Bacharelado em Serviço Social/CAHL-UFRB



O espaço universitário possui grande importância tanto para quem faz parte da comunidade acadêmica, como para o território no qual está inserido. Entretanto, apesar da estreita relação observada na contemporaneidade entre o ensino superior e o território identifica-se, em uma análise histórica, que no Brasil esta modalidade de ensino, iniciada no período colonial, de forma tardia se comparada a outros países latino-americanos, através da oferta, pelos jesuítas, de cursos superiores de Filosofia e Teologia, e da criação de faculdades isoladas, com a chegada da Família Real, em 1808 (Santos, 2011), manteve, desde os seus primórdios até inícios do século atual, um amplo perfil elitista. Com a expansão universitária promovida pelos governos petistas, essa realidade foi se alterando gradualmente, tendo-se procedido a diversas desconstruções de vários padrões e à obtenção de avanços significativos. Foram implantadas políticas públicas com o intuito de garantir direitos equitativos, permitindo que camadas até então consideradas como minorias, dentre as quais residentes em territórios outrora à margem da oferta de cursos superiores, estejam atualmente inseridas em espaços acadêmicos, fundamentais enquanto mecanismos de aquisição de conhecimento, de ampliações de novas qualificações e possibilidades de conquistas.

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) para uma população estudantil socialmente excluída ou considerada minoritária, e ressaltar o



relevante papel desempenhado por grupos de pesquisa e extensão deste Centro, a exemplo do grupo Desenvolvimento, Políticas Sociais, Cultura e Turismo, o DES-CULT, no enfrentamento dos desafios da permanência universitária. Como sabido, a implantação da UFRB no Recôncavo deu-se em um contexto de desenvolvimento de um projeto de democratização e interiorização da educação superior no Brasil (Silva, 2017, p. 13). É notório que a presença desta Universidade é fundamental e imprescindível para o território do Recôncavo baiano e região do entorno, possibilitando o enfrentamento de uma barreira educacional histórica e permitindo a que muitos e, sobretudo, os pertencentes a uma camada socioeconomicamente mais vulnerável, tenham o direito de ingressar na Instituição, obtendo acesso ao ensino superior público e de qualidade. Além disso, a presença do CAHL em Cachoeira e São Félix, e dos demais centros instalados no Recôncavo, facilitou a inserção da própria população nesses espaços, já que alguns dos ingressantes locais no ensino superior já não precisam se deslocar para as grandes cidades para ter acesso às instituições que prestam esse serviço.

O perfil universitário dos estudantes do ensino superior público da UFRB/CAHL é plural, abrangendo jovens, adultos, quilombolas, indígenas, de várias localidades. É importante frisar que a grande maioria se autodefine como preta, parda, advinda de escola pública e pertencente a famílias de baixa renda, sendo muitas vezes os primeiros da família a ingressar na universidade. É válido destacar que, para a permanência no âmbito acadêmico, muitos dos discentes passam por uma



série de desafios. Alguns precisam conciliar o emprego com os estudos, quando não conseguem ter uma bolsa disponibilizada pela Universidade para que possam suprir as suas necessidades. Na maioria das vezes, inclusive, as famílias não têm condições de contribuir financeiramente com a manutenção do discente, o que pode trazer impactos negativos para a vida estudantil, dificultando o processo de aprendizagem, provocando, até mesmo, em muitos dos casos, a desistência e evasão dos cursos.

Para ser considerada uma universidade é preciso ofertar não somente o ensino, mas também a pesquisa e extensão, que funcionam como o “tripé” universitário. Esse alinhamento propicia uma maior vivência e participação dos discentes em atividades, contribuindo deste modo para o desenvolvimento do potencial estudantil, ao permitir a aquisição e compartilhamento de novas formas de conhecimentos. A universidade tem, adicionalmente, um expressivo significado social, já que em muitas das suas pesquisas são voltadas para a análise do território em que está localizada, contribuindo para ampliar os conhecimentos da sua história, do seu presente e das possibilidades de geração de mudanças. Nesse contexto, vale também ressaltar a importância das ações extensionistas, capazes de produzir grandes rebatimentos sobre o espaço regional, contribuindo para o desenvolvimento de comunidades locais, e evidenciando o valor da aproximação entre os centros de educação superior e a população de um dado território, aspecto fundamental para a constituição de relações sociais que visam à transformação socioeconômica,



cultural e política da sociedade.

Metodologia

Considerando a relevância da ação dos grupos que fomentam a extensão e a pesquisa/iniciação científica universitárias, tanto para a compreensão das dinâmicas socioeconômicas territoriais, com vistas ao desenvolvimento regional, quanto na sua contribuição para ampliar os horizontes pessoais e profissionais dos discentes, favorecendo a sua permanência, optou-se, metodologicamente, pela análise da atuação do grupo DESCULT, que vem se consolidando pelo seu trabalho voltado à análise regional, com destaque para temáticas como as comunidades quilombolas do Recôncavo baiano. Após a realização de um conjunto de trabalhos investigativos, o DESCULT está desenvolvendo, na atualidade, uma pesquisa socioeconômica referente à comunidade quilombola de Tabuleiro da Vitória, localizada em uma região conhecida como Vale do Iguape, na Zona Rural de Cachoeira. Ademais, este grupo, através de compromisso firmado com a comunidade, está também realizando um levantamento cultural que tem por intuito pesquisar as referências culturais da localidade, expressas através dos saberes populares, ofícios, celebrações e expressões culturais, dialogando com os detentores de conhecimentos e também com aqueles que têm papel de liderança comunitária.

No que se refere às comunidades quilombolas, os contatos iniciais do DESCULT decorreram de um curso organizado, em 2021, pela Associação de Guias e Condutores de Turismo da Bahia, para os quilombos de Cachoeira e São Félix, no qual a coordenadora do



grupo, Profa. Lúcia Aquino de Queiroz, teve a oportunidade de ministrar um módulo. Este contato foi intensificado, posteriormente, via intermediação da Associação de Mulheres Quilombolas de Tabuleiro da Vitória e Adjacências, propiciada por uma estudante do CAHL, moradora da comunidade. A partir daí foram realizadas entrevistas com a presidente e vice-presidente da Associação de Mulheres e aplicados questionários semiestruturados na modalidade online, devido à pandemia da COVID-19. Com o término da pandemia, as pesquisas passaram a ser realizadas presencialmente, utilizando-se a técnica snowball ou “bola de neve”, que pressupõe a indicação de um novo participante a cada entrevista. É importante destacar que esta dinâmica foi utilizada no levantamento das referências culturais, mas, na pesquisa socioeconômica realizada pelo grupo como instrumento de ampliação do seu conhecimento do território, optou-se por trabalhar com amostra aleatória, cobrindo o maior número de famílias possível, respeitando-se o padrão de não entrevistar duas ou mais pessoas de uma mesma residência.

Resultados

Como produto, até o presente momento foram inventariadas diversas práticas, atividades e festejos considerados tradicionais, tais como: a prática das benzedeiras, a pesca, coleta de mariscos, produção de azeite e artesanato, samba, entre outros, sendo identificados os mestres locais responsáveis pela sua continuidade e realização. Além do levantamento das referências, de grande significado para que se possa conhecer e preservar o patrimônio cultural da comunidade quilombola,



a pesquisa direta viabilizou o conhecimento de um conjunto de dados socioeconômicos que mostraram como o Tabuleiro da Vitória carece de políticas públicas, já que se caracteriza, principalmente, por estar imerso em um contexto de extrema vulnerabilidade, sem a assistência necessária e assegurada constitucionalmente.

Há que se ressaltar que o inventário cultural foi uma demanda da comunidade ao grupo, uma vez que parte dos moradores almeja o desenvolvimento do turismo cultural. Esta atividade econômica poderá contribuir para difusão e valorização da localidade, para que pessoas possam ser motivadas a conhecer a comunidade e, assim, fomentar o turismo, atividade que muitos dos que moram nessa região acreditam ser uma forma de geração de renda e de reconhecimento das trajetórias, vivências e experiências. Vale destacar a importância de se divulgar a comunidade Quilombola de Tabuleiro da Vitória, assim como outras tradicionais, tanto para o reconhecimento e preservação cultural, como para o conhecimento e difusão da nossa história. E, em adição, como forma de dar visibilidade a estas comunidades e, assim, evidenciar o direcionamento necessário para muitas das políticas públicas.

É também fundamental pontuar que a atuação no DESCULT, grupo composto em sua totalidade por mulheres, docentes e estudantes da graduação e da pós-graduação da UFRB, tem possibilitado a que as participantes, dentre as quais estão incluídas discentes negras e também oriundas de comunidades quilombolas, tenham a oportunidade de conhecer mais amplamente o território do Recôncavo, ampliando o seu olhar sobre as



questões sociais e os desafios que necessitam superação. E que, por outro lado, aproveitem as experiências e atuação do grupo para ampliar e consolidar possibilidades profissionais e pessoais, solidificando o interesse na permanência universitária e no prosseguimento da vida acadêmica.

Considerações finais

Diante do histórico da educação brasileira, ter uma Universidade Pública de qualidade é, de fato, de expressivo significado, especialmente nos pequenos municípios. Além dos impactos setoriais, citados anteriormente, a instituição de ensino possibilita o estudo de diversas temáticas que envolvem o território, podendo beneficiá-lo. Em adição, influencia positivamente no desenvolvimento, aprendizado e proporciona a emancipação do universitário. E, nesse sentido, o pertencimento a um grupo de pesquisa é essencial, pois é propício para o progresso individual e coletivo. O conhecimento produzido e adquirido pelos pesquisadores não se restringe apenas à comunidade acadêmica, podendo ser ampliado para outros setores da sociedade ou construído em conjunto, mantendo assim uma interação com a população.

Vale frisar que as relações na universidade são construídas a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão e, como ressalta Silva (2000), derivam de conflitos que buscavam compreender o papel real dessas instituições ao longo da história. É perceptível que a implantação de uma universidade de ensino superior público em territórios socioeconomicamente vulneráveis, como presenciado no municípios de Cachoeira/São Félix e



em outros do interior do Estado, é de grande relevância. Não só possibilita a aquisição de novos conhecimentos científicos, mas também permite que o ensino seja estendido para além dos muros universitários, contribuindo com o desenvolvimento do comércio local, com a chegada de novos estudantes, gerando forte impacto positivo nos setores econômico, social, educacional, cultural e político através da integração do centro de educação com a sociedade.

Em síntese, a existência da universidade pública no Recôncavo da Bahia pode ser vista como um ato revolucionário, uma vez que é de grande significado para o processo de desenvolvimento regional. É também fundamental para a formação de profissionais capacitados e comprometidos com a realidade local. Entretanto, não se pode desconhecer que, em virtude das características da sociedade brasileira e dos processos históricos de exclusão das classes socialmente menos favorecidas, adentrar o ensino superior torna-se uma tarefa difícil e permanecer é um desafio ainda mais expressivo. Para tanto, as políticas de ações afirmativas e os grupos de pesquisas e extensão, como o DESCULT, desempenham papel central, com elevado potencial transformador e viabilizador de mudanças, podendo vir a constituir-se em fator fundamental para a garantia de permanência dos estudantes. A oferta de bolsa de pesquisa e extensão possibilita a que sejam garantidas condições materiais e financeiras para que os discentes possam custear suas necessidades básicas, tais como: o pagamento de aluguel, a compra de livros, transporte, alimentação, entre outros. Neste viés, tendo como refe-



rência o CAHL/ UFRB, pode-se afirmar que as políticas afirmativas se configuram como forma de combate às discriminações raciais, religiosas, de gênero ou classe, e ao fomentar a existência de espaços de crescimento universitário, como os grupos de pesquisa e extensão, torna o acesso à educação cada vez mais inclusivo, assegurando a participação e formação de grupos populacionais outrora à margem dos processos da educação superior brasileira.



Referências

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. **Ensino-pesquisa-extensão**: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. Revista brasileira de educação, v. 14, n. 41, p. 269-280, 2009.

SANTOS, Janete dos. **Política pública de acesso ao ensino superior**: um olhar sobre a utilização do Enem/Sisu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, Salvador, 2011.

SANTOS, Joemille Silva dos, et al. **Políticas afirmativas**: Acesso e permanência estudantil em universidades públicas. Novos Olhares Sociais, v. 5, n. 1, p. 229-255, 2022.

SILVA, Maria das Graças. **Universidade e sociedade**: cenário da extensão universitária? In: Reunião Anual da ANPED, 23. Caxambu, 2000. Anais. Caxambu: ANPED, 2000. Disponível em: <<http://www2.uerj.br/~anped11>>. Acesso em: 20 abr. 2005.

SILVA, Ozana Rebouças. **Universidade e Desenvolvimento Local**: a UFRB e o desenvolvimento em Cachoeira/BA segundo a percepção dos agentes locais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, 2017. Disponível em:<https://www.ufrb.edu.br/mpgestaoppss/dissertacoes/category/14-2017>.





27 de setembro de 2023

9h às 10h - MESA INSTITUCIONAL

Local: Auditório do CAHL

(Reitoria, Direção de Centro, Organização do evento discente Joelson Matos, bolsista projeto de evasão do CAHL “Rumo à Formatura”, Juliet Luft)

10h as 12h - MESA DE ABERTURA

Local: Auditório do CAHL

Evasão: combatê-la ou resignificá-la? Permanência na graduação e Pós -Graduação Coordenadora da mesa: Priscila Miraz

Palestrantes: Denize Ribeiro e Lys Vinhaes

14h às 16h30 - SESSÕES TEMÁTICAS (apresentação de trabalhos)

Local: Sala 01, 08, 17

(ST1 - PARTE 1)

• A permanência simbólica e a participação discente na organização do Reencôncavo

• @RUMOAFORMATURA : rede social como ferramenta de divulgação científica e afiliação de estudantes retidos e formandos do CAHL – UFRB

- Projeto de enfrentamento à evasão no CAHL- diagnóstico e estudos sobre permanência
- A universidade e a permanência estudantil no CAHL-UFRB

(ST 2)

- Desempenho acadêmico de cotistas e não cotistas no Curso de Gestão Pública: há diferença?
- O caso do projeto acadêmico “Museologia soltando o verbo” e as representações estudantis no CAHL/UFRB
- Projeto "Um novo Update": a autonomia e os interesses dos estudantes de Comunicação da UFRB

(ST 4)

- Pesquisa de estágio: análise entre o sucateamento da educação pública estadual e o desestímulo estudantil
- Africanidades: Desmistificação dos estereótipos
- Naruto vai à escola: uma experiência docente através do anime no ensino de história
- Juventudes secundaristas e a universidade: acessar para permanecer e formar
- Juventudes e Projeto de Vida; Entre Dilemas e Autonomia de Estudantes do Ensino Médio
- Dinheiro no Bolso, sem miséria e é nós: a cena da Rifa em Cachoeira

LANÇAMENTOS

16:30h às 18h

Lançamento do Documentário “Caminhos Abertos”

Realização: GEPJUV/ UFRB e TRACE/UEFS

Local: sala 16

Ano: 2023. 22 minutos. Concepção: Bárbara Lima, Daniela Matos, Ivan Faria, Luiz Paulo Oliveira, Mirela Iriart / Orientação Acadêmica: Daniela Matos / Produção Bárbara Lima/ Roteiro e Direção: Bárbara Lima / Direção de Fotografia, Montagem e Finalização: Erick Lwerence / Captação: Bárbara Lima e Erick Lawrence / Edição de Som e Trilha Sonora: Thiago Machado/ Still: Aline Novaes e Ellen Katarine/

Realização: GEPJUV/ UFRB e TRACE/UEFS

Lançamento de livros:

Local: Foyer do auditório

Uma Revolução Silenciosa: Ciências Sociais no Recôncavo da Bahia – EDUFRB. Organizadores.: Jurema Machado De Andrade Souza, Diogo Valença e Valdir Alves

10 anos da Lei de Cotas: conquistas e perspectivas. 1ed.Rio de Janeiro: UFRJ, 2022, p. 7-622. Organizadoras: Rosana Heringer; Denise Carreira. Capítulo “Avaliação das Políticas de Ação Afirmativa no Ensino Superior no Brasil: resultados e desafios futuros. Estudo de caso da UFRB” – Autores: Dyane Brito Reis e José Raimundo Santos.

Juventudes universitárias: ingresso e permanência em perspectiva. Organizadores: Daniela Matos, Mirela Iriart, Ivan Faria, Luiz Paulo Oliveira. Editora UFRB, 2023. 288p.

Instrumentalidade: Serviço Social, instrumentalidade e Movimentos Sociais. Organizadores.: Danielle Coelho Alves, Er-

lenia Sobral do Vale e Tainara Alexandre

O debate da instrumentalidade do serviço social e as contribuições do conjunto CFESS/CRESS na afirmação da direção política da profissão p. 273. Organizadores: Albany Mendonça Silva, Andréa Alice Rodrigues Silva e Mirlania Lemos Peixoto.

EXPOSIÇÕES DIALOGADAS

18h às 19h

VARAL DE TCC

Local: Área de convivência

EXPOSIÇÃO DE BANNERS

Local: Área de convivência

DIÁLOGOS SOBRE PESQUISAS

Local: Sala 16

278

28 de setembro de 2023

OFICINAS FORMATIVAS E CULTURAIS

8h às 12h

OFICINA 1: Tecendo histórias e bordando poéticas - rotas de fugas femininas

Local: sala 01

Ministrantes: Priscila Miraz; Lucimélia Romão; Yasmin Mafra e Maria Alice Oliveira Teixeira Cavalcante

Quantidade de vagas: 15 participantes

OFICINA 2: A Arte como ferramenta de Ativismo Ambiental: Criando imagens com a técnica de construção de carimbos

Local: Foyer do auditório

Ministrantes: guivinte4 e Zai Moura Quantidade de vagas: 20 participantes

OFICINA 3: Desakuendar a imagem: novas produções e invenções

Local: sala 18

Ministrante: Wellison Silva

Quantidade de vagas: 10

OFICINA 4: Etnografias: percursos entre o campo e a escrita

Local: sala 11

Ministrante: Jurema Machado

Quantidade de vagas: 20 participantes

OFICINA 5: Novas Cartografias Sociais

Local: sala 02

Ministrante: Franklin Plessman

Quantidade de vagas: 20 participantes

OFICINA 6: Noções para manuseio de documentos em arquivos

Local: Laboratório de conservação do curso de museologia

Ministrante: Rita Dória

Quantidade de vagas: 15

14h às 16h30 - SESSÕES TEMÁTICAS (apresentação de trabalhos)

Local: sala 03, 04, 05

(ST 1 PARTE 2)

- Ensino de leitura acadêmica como estratégia de enfrentamento à evasão no CAHL
- Medidas de permanência para discentes de graduação da UFRB no contexto da Covid-19
- Impacto do "III CBAS" na categoria e o olhar para a permanência em Serviço Social
- Seminário Propedêutico de História: Políticas estudantis e extensão universitária

280

(ST 3)

- Percorrendo Marx: Teoria e apontamentos à vista dos estudantes-trabalhadores de Serviço Social no CAHL
- A atuação do CASSMAF e o protagonismo discente na I Semana do Serviço Social
- Estudo do pensamento de psicanalistas negras brasileiras: materialidade, historiografia e afropessimismo
- As questões epistemológicas da influência do mercado no corpo feminino

(ST 5)

- Estudo de público em instituições museais do Recôn-

cavo

- Publicidade Social: da teoria à prática no caso Amigos do Rio Paraguaçu
- O protagonismo que a universidade assume no território do Recôncavo baiano

16h30 às 18h - SESSÃO CINECLUBE

Local: sala 03

19h às 21h - PAINEL: ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA

Local: Auditório do CAHL

Expositores: Daniela Matos, Ana Luisa Coimbra, Gabriel de Souza e representação "Seminário propedêutico história"

Coordenador da mesa: José Raimundo Santos

21h às 22h - PREMIAÇÃO: os dez melhores trabalhos sobre o CAHL

